

A Oração do Senhor
Por Thomas Watson

Traduzido e adaptado por
Silvio Dutra

Prefácio à Oração do Senhor

“Pai nosso que estás nos céus,”

Nesta Escritura duas coisas são observáveis: a introdução para a oração, e a própria oração.

A introdução para a Oração do Senhor é: “Portanto vós orareis assim”. Nosso Senhor Jesus Cristo, nestas palavras, deu aos seus discípulos e a nós uma diretriz para a oração. Os dez mandamentos são a regra da nossa vida, o credo é o resumo da nossa fé, e a Oração do Senhor é o padrão de nossa oração. Como Deus prescreveu a Moisés um padrão do tabernáculo (Êxodo 25.9), assim Jesus prescreveu aqui um padrão de oração para nós: “Portanto vós orareis assim”. O significado é, faça disto a regra e o modelo pelo qual você deverá moldar as suas orações. Calvino dizia que nós devíamos examinar nossas orações por esta regra. Não que nós estejamos amarrados às palavras da Oração do Senhor. Porque Jesus não disse: “com estas palavras”, mas “desta maneira”. E “desta maneira” significa deixar que todas as nossas petições concordem com as coisas contidas na Oração do Senhor. Tertuliano chamava esta oração padrão de “breviário e compêndio do evangelho”. A exatidão desta oração aparece na dignidade do Autor. A exatidão da oração aparece na excelência do assunto. É como prata provada num forno, purificada sete vezes - Salmo 12: 6. Nunca houve uma oração tão admiravelmente composto como esta. O assunto da oração é admirável, por causa da sua compreensão. É curto e expressivo, E por sua

clareza. É clara e inteligível a todas as capacidades. Clareza é a graça da fala. E finalmente por sua perfeição, porque contém as principais coisas que nós temos que pedir, ou que Deus tenha que dar.

Assim, devemos ter uma grande estima à Oração do Senhor; e deixar que ela seja o modelo e padrão de todas as nossas orações. Há um benefício duplo que surge em moldar nossas petições adequadamente a esta oração. Por este meio o erro em oração é prevenido. Não é fácil de escrever injustiça depois deste modelo; nós não podemos errar facilmente quando nós tivermos nosso padrão diante de nós. Por este meio são obtidas misericórdias pedidas; porque o apóstolo nos assegura que Deus nos ouvirá quando nós orarmos em conformidade com a vontade dEle - 1 João 5.14. E seguramente nós oramos de acordo com a vontade dele quando nós oramos de acordo com o padrão que ele nos deu.

A oração propriamente dita consiste em três partes. 1. Um Prefácio. 2. Petições. 3. A Conclusão. O Prefácio à oração inclui: "Pai nosso que estás nos céus".

I. A primeira parte do Prefácio é "Pai nosso". A palavra Pai é aplicada às vezes, pessoalmente: "Meu Pai é maior que eu" (João 14.28); mas Pai no texto é aplicado essencialmente à Divindade total. Este título, Pai, nos ensina que nós temos que nos endereçar em oração somente a Deus.

Em que ordem temos que dirigir nossas orações a Deus? Aqui somente o Pai é nomeado. Mas nós podemos também dirigir nossas orações ao Filho e ao Espírito Santo?

Embora somente o Pai seja nomeado na Oração do Senhor, contudo as outras duas Pessoas não são excluídas. O Pai é mencionado porque ele é o primeiro em ordem; mas são incluídos o Filho e o Espírito Santo porque eles são o mesmo em essência. Como todas as três Pessoas subsistem na Divindade, assim, embora em nossas orações, nomeemos uma Pessoa, nós temos que orar a todas.

No prefácio, em vez de Pai Nosso, Jesus poderia ter usado Deus Altíssimo, Deus Todo Poderoso, Deus Nosso Rei, Deus Nosso Juiz, mas ele usou Pai Nosso por ser uma expressão de amor, de laço familiar, de indicação da filiação efetiva que os crentes têm com a Divindade, por causa da eleição deles; e também para servir de encorajamento para que seus filhos orem a ele.

Nenhuma pessoa pode dizer "Pai nosso que estás nos céus" além dos que são regenerados e santificados pelo Espírito Santo, porque é destes que se diz que receberam o poder de serem feitos filhos de Deus (João 1.12).

Deus é o melhor Pai, porque ele é perfeito. Seu Pai que está no céu é perfeito. Ele é perfeitamente bom (Mt 5.48). Pais terrenos estão sujeitos a fraquezas. Elias, embora um profeta, era um homem sujeito a paixões como nós (Tiago 5: 17);

mas Deus é perfeitamente bom. Toda a perfeição que nós podemos chegar a ter nesta vida é sinceridade. Nós podemos nos assemelhar um pouco a Deus, mas não igualá-lo; pois ele é infinitamente perfeito.

E é infinitamente perfeito em sabedoria, e isto implica que Ele sempre sabe o que é melhor para nós. E pode fazer com que todas as coisas trabalhem para o bem dos seus filhos (Rom 8.28).

Ele é também um Pai perfeitamente amoroso (I Jo 4.16).

Ele é um Pai infinitamente rico que fará com que todos os seus filhos entrem na posse de uma riquíssima herança eterna, na condição de co-herdeiros com Cristo, e isto significa que todas as coisas designadas para serem herdadas por Cristo também serão herdadas por eles. Cristo tem um trono? Então eles também terão. Cristo tem uma coroa? Então eles também terão. E assim por diante.

Deus é um Pai perfeitamente educador e pode reformar os seus filhos quando eles tomarem cursos ruins. Deus pode mudar os corações dos seus filhos pelo Seu próprio poder.

Assim, a honra daqueles que têm a Deus por Pai é maior que a que é conferida aos príncipes da terra, pois são preciosos para Deus. Eles são guiados e protegidos por Deus, sendo guardados como um tesouro precioso (Mal 3.17). Os nomes dos filhos de Deus estão escritos no Livro da Vida (Fp 4.3) e jamais serão retirados dali (Apo 3.5).

Deus faz de seus filhos por adoção mais achegados do que os anjos, porque os anjos são amigos de Cristo, mas os crentes são os membros do Seu corpo. E que consolo é isto para os santos, porque os filhos de Deus são menosprezados neste mundo, e injuriados e caluniados, mas Deus porá honra nos seus filhos no último dia e os coroará com felicidades imortais, para inveja dos adversários deles.

Mas estes membros de Cristo são filhos por adoção por causa da grande misericórdia de Deus. Por meio dela obtiveram acesso a todas estas graças e à maior delas que é a salvação de suas almas da condenação eterna. Por isso é um ato de grande ingratidão, um grande abuso do amor de Deus, apanhar as joias das Suas misericórdias, e fazer uso delas para pecar. Deus faz infinitamente mais por Seus filhos do que pelos outros, pois plantou a Sua graça neles, e deu somente a eles poderem participarem da Sua intimidade e favor, então pecar deliberadamente contra a Sua bondade paterna é um ato de traição e rebeldia. Somente os crentes podem pecar contra o sangue precioso de Cristo, porque foi somente a eles que o Seu sangue purificou. E portanto, isto é uma grande ingratidão para com o grande favor que recebemos de nosso Pai divino. Assim, é um sinal de filiação a Deus quando podemos lamentar pela odiosidade dos nossos pecados, porque certamente o Espírito Santo nos convencerá disto.

Somente os verdadeiros filhos de Deus podem ter um temor santo dEle, especialmente de

entristecerem o Espírito Santo com os seus pecados. Eles também terão um santo temor pela Sua Palavra e a honrarão esforçando-se para pô-la em prática em suas próprias vidas.

Estes filhos de Deus confiam inteiramente que foi por causa da eleição pela graça e misericórdia de Deus que foram feitos Seus filhos, e não por qualquer coisa boa que existisse neles próprios. Eles sabem que é por pura graça e misericórdia que irão para o céu. Mas os hipócritas pensam que fingindo grande reverência aos santos do passado irão para o céu, confiando em sua própria justiça e bondade, pois eles canonizam os santos mortos, para fingirem temor a Deus, mas perseguem os santos que estão vivos. Destes, podemos dizer juntamente com o apóstolo em Hb 12.8: que são bastardos e não filhos.

Se nós amarmos nosso Pai divino, nós seremos defensores para ele, pois nos levantaremos na defesa da Sua verdade. Somente os filhos de Deus não podem ouvir o Seu nome sendo desonrado e permanecerem calados. Cristo tem confirmado o nosso nome no céu e nós nos envergonharemos de confirmar o nome dele na terra?

Um filho de Deus o amará acima de todas as demais coisas: sejam propriedades, honrarias, fama etc. Um filho de Deus procurará acima de tudo honrar o Seu Pai divino (Mal 1.6). E a melhor maneira de demonstrar esta honra ao Senhor é tendo um temor reverente dEle. E isto consiste basicamente em não ousarmos fazer qualquer coisa que ele tenha proibido na Sua Palavra.

Aquele que é filho de Deus se assemelha a Ele. Ele traz a imagem do Seu Pai celestial e busca renovar-se e crescer diariamente nesta imagem dia a dia (Col 3.10). Ele busca se assemelhar mais e mais em santidade que é a glória da divindade. A santidade de Deus é a pureza intrínseca da Sua essência. Aqueles que têm a Deus por Seu Pai participam da natureza divina, entretanto não da Sua essência divina, contudo trazem a semelhança divina, e assim como o selo deixa a sua impressão na cera, os crentes têm a santidade de Deus estampada e impressa neles.

Nós sabemos que Deus é nosso Pai porque nós temos o Espírito Santo habitando em nós. E o Espírito intercede por nós e testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

Os filhos de Deus são aqueles que foram renovados pelo Espírito Santo, e esta renovação é efetuada sobretudo na regeneração, que é chamada de um nascimento do Espírito (João 3.5). Esta regeneração é uma transformação ou mudança de natureza, a que Paulo chama de renovação da mente (Rom 12.2). Aquele que nasce de Deus tem um coração novo, não em substância, mas em qualidades. As cordas do violão podem ser as mesmas, mas a melodia é alterada. Esta regeneração é também chamada de circuncisão do coração (Col 2.11). E como na circuncisão do prepúcio havia uma dor na carne, assim na circuncisão espiritual há uma dor no coração, há uma tristeza que surge de um senso de culpa pessoal por causa do nosso pecado, e da

ira de Deus contra o pecado. A regeneração afeta a pessoa toda (espírito, alma e corpo – I Tes 5.23). E é a regeneração a fonte de toda a verdadeira alegria, porque faz com que Deus seja agora nosso Pai. E então podemos dizer: “Pai nosso que estás nos céus”. Dizemos Pai nosso porque pela regeneração fomos adotados numa grande família de muitos irmãos, que tal como nós, também foram regenerados pelo Espírito.

Nós sabemos que Deus é nosso Pai porque somos guiados pelo Espírito (Rom 8.14), e este é mais um sinal dos que são filhos de Deus: eles são dirigidos pelo Espírito. Não basta que um recém-nascido viva e chegue ao mundo, ele deve ser devidamente cuidado pelos seus pais. E não ocorre algo diferente disso em relação aos novos convertidos.

Ninguém que não permita ser conduzido pelo Espírito Santo tem o direito de chamar a Deus de Pai. Aqueles que são conduzidos pelo espírito de Satanás podem sim dizer: Pai nosso que estás no inferno.

Aqueles que promovem divisões e escândalos no corpo de Cristo, por ensinarem de modo contrário à sã doutrina, não têm o direito de dizer Pai nosso que estás nos céus, porque não agem como devem agir os que são verdadeiramente filhos de Deus: Assim, todo crente autêntico fará bem em se afastar deles. “Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles.” (Rom 16.17).

Estes, como diz Paulo, não conhecem o caminho da paz (Rom 3.17).

O diabo produziu a primeira grande divisão no céu. Assim, aqueles que criam divisões têm por Pai ao diabo. Se o que está sendo pregado e ensinado é a sã doutrina, se há paz entre os crentes na comunhão do Espírito, e alguém dizendo-se ser também filho de Deus levanta-se contra isto, na verdade seu verdadeiro pai é o diabo que é o pai de contendas e divisões contra a verdade.

O reino de Satanás cresce fazendo divisões. Crisóstomo citou que quando ocorreram muitas conversões na igreja de Corinto, Satanás se apressou em represar a corrente de conversões, lançando a semente da discórdia e da divisão entre eles. E o diabo sabe muito bem que Cristo não pode ter o corpo dele dividido, pois sendo corpo, deve ser achado em unidade.

Se Deus é um Pai, então podemos deduzir que tudo o que ele dá aos seus filhos é por amor. Se lhes dá prosperidade é por amor.

E este amor não exclui o fato de Ele nos disciplinar e corrigir (Apo 3.19). Gregório de Nanziazeno dizia que as aflições são setas afiadas, mas que elas são atiradas pela mão de um Pai amoroso. A correção é a escola do caráter. Deus humilha com amor para poder nos purificar. E a correção é tão necessária quanto o pão diário. E por meio das aflições Deus pode acelerar o nosso crescimento em graça. Quando a luz for retirada nós podemos

ainda ver um arco-íris no céu. A fé como a estrela, brilha mais forte na noite escura das aflições.

E tal como José falou rudemente aos seus irmãos, contudo havia nele um coração cheio de amor por eles, de igual modo ainda que o olhar de Deus não seja amistoso por causa das nossas transgressões, ainda há nEle um coração de Pai cheio de amor.

Por isso, por maior que seja a prosperidade dos ímpios neste mundo, quão triste é o caso deles porque não têm a Deus como Pai. Eles não podem dizer Pai nosso que está no céu. Eles podem dizer nosso Juiz, mas não nosso Pai. Deus não é o Pai deles. Ele afirma que nunca os conheceu (Mt 7.23), e é por isso que o ímpio quando morre em seus pecados não pode esperar nenhuma misericórdia de Deus como um Pai. .

Então todos aqueles que ainda são estranhos para Deus devem se esforçar para entrarem nesta família divina, até que possam dizer Pai nosso que estás no céu, em seus corações.

Assim como o mar cobre grandes rochas, o mar da compaixão de Deus pode cobrir grandes pecados, e assim ninguém deve ser desencorajado de ir à presença de Deus rogando-Lhe por misericórdia e perdão dos seus pecados.

E nós devemos ser humildes para que o Espírito Santo nos transforme e ensine a sermos verdadeiros filhos de Deus. Nós podemos ler muitas verdades na Bíblia, mas nós não as podemos conhecer salvo se Deus, pelo Seu Espírito as aplicar às nossas almas. Deus não

somente ensina nossos ouvidos, mas nossos corações, e ele não informa somente nossa mente, mas nossas vontades e inclinações. Nós nunca aprendemos até que Deus nos ensine. Se Ele é nosso Pai, Ele nos ensinará como ordenar nossos negócios com discricção (Sl 112.5) e como nos conduzir sabiamente. Ele nos ensinará o que responder quando nós estivermos diante de governadores e Ele porá palavras em nossas bocas (Mt 10.18-20).

Deus repreenderá os grandes do mundo para não prejudicarem os Seus filhos, porque eles são sagrados para Ele, e não permitirá que lhes façam injustiças sem o Seu consentimento e que não seja para o próprio aproveitamento e correção deles. Ele dirá em relação a eles: "Não toqueis nos meus ungidos" (Sl 104.14,15). E por ungidos devemos entender os filhos de Deus que têm a unção do Espírito Santo.

Deus se encanta na companhia de seus filhos e Ele ama ver o semblante deles e ouvir a sua voz (Cantares 2.14). Se dois ou três de seus filhos se reunirem, Ele estará entre eles.

E assim como um pai se compadece das fraquezas de seus filhos, Deus também se compadece das nossas e por isso usará o Seu bálsamo para nos curar (Is 57.18).

Sendo nosso Pai Deus misturará Sua misericórdia a todas as nossas aflições. Na arca da aliança foi colocada não somente a vara da correção como também o pote de maná.

Uma aflição vem prevenir a entrada em pecados, então há misericórdia numa aflição. Assim como um pintor usa luzes e sombras para compor o seu quadro, do mesmo modo Deus combina luzes e trevas, cruces e bênçãos para a nossa felicidade.

Se Deus é o nosso Pai o mal não prevalecerá contra nós. Satanás é o inimigo principal dos santos, e luta contra os crentes num sentido militar com as suas tentações, visando à queda deles. Contudo, de nenhum modo ele pode prevalecer contra os filhos de Deus.

Se Deus é nosso Pai nenhum mal real nos sucederá. "nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda." (Sl 91.10).

Não é dito nenhuma dificuldade, mas nenhum mal.

Qual é o dano que o forno pode fazer ao ouro? Ele não o purificará?

Qual é pois o dano que pode fazer a aflição ao crente? Ela o purificará.

Nenhum mal tocará um santo. Quando a serpente disser a eles que envenenou a água, nada lhes sucederá porque Cristo tirou o veneno de todas as aflições, para que elas não possam prejudicar os filhos de Deus.

Se Deus é o nosso Pai Ele se levantará entre nós e o perigo. Um pai evitará que seu filho seja sugado pelos perigos, e será um escudo de proteção para ele.

“9 E de noite disse o Senhor em visão a Paulo: Não temas, mas fala e não te cales;

10 porque eu estou contigo e ninguém te acometerá para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade.” (At 18.9,10).

“5 Pois no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo me esconderá; sobre uma rocha me elevará.” (Sl 27.5).

Nenhum príncipe é tão bem vigiado quanto qualquer crente, porque Deus dá ordem a seus anjos a respeito deles.

Se um só anjo matou 185.000 assírios numa só noite (II Reis 19.35), o que não poderia fazer um exército de anjos? Os anjos são guardas alertas, vigilantes, velozes e poderosos e estão encarregados de defender os filhos de Deus. Eles são descritos com asas para indicar a velocidade com que eles se movimentam para nos socorrer.

Mas Deus permitirá que muitas aflições alcancem seus filhos para o bem deles. Foi bom para Jacó que houvesse escassez na terra, porque foi o meio de ser conduzido novamente a José. Assim, por vezes, os filhos de Deus veem o vazio do mundo para que eles possam se familiarizar mais com a plenitude de Cristo. Mas se Deus vir que será bom para eles terem mais das coisas boas da terra, eles as terão, porque Ele não deixará que lhes falte qualquer coisa boa que seja de fato útil para eles.

Se Deus é nosso Pai, todas as promessas da Bíblia pertencem a nós. Os Seus filhos são chamados de

herdeiros da promessa (Hb 5.17). O ímpio, enquanto em sua impiedade, não tem direito a requerer qualquer promessa da Bíblia, senão suas maldições.

Deus faz que Seus filhos sejam vencedores. Eles vencem as suas próprias luxúrias e o mundo. E se um filho de Deus perde uma batalha, no entanto a sua vitória completa da guerra está assegurada.

“porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.” (I João 5.4).

“Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou.” (Rom 8.37).

Se Deus é nosso Pai nós podemos ter conforto na morte, porque é pela morte que vamos ao encontro do nosso Pai. No caso dos crentes a morte é o amigo que os levará à casa do Pai. E quão contentes ficam os filhos quando eles vão para casa. A morte foi um conforto para Cristo porque Ele desejava ir ter com o Pai.

“Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai.” (João 16.28).

E se Deus é nosso Pai, ele não nos deserdatá. Os filhos de reis às vezes foram deserdatos pela crueldade de usurpadores; como o filho de Alexandre o Grande que foi deserdatado pela violência e ambição dos generais do seu pai; mas que poder na terra poderá impedir os herdeiros da promessa de entrarem na posse da herança

deles? Os homens não podem, e Deus não cortará o vínculo. Os filhos de Deus nunca podem ser degradados ou deserdados, e o seu Pai divino não os rejeitará como filhos. É evidente que os filhos de Deus não podem ser deserdados finalmente, em virtude do decreto eterno do céu. O decreto de Deus é o pilar e base dos quais a perseverança dos santos depende. Aquele decreto amarra o nó da adoção de modo tão forte que nem pecado, morte, nem inferno, podem quebrá-lo.

“e farei com eles um pacto eterno de não me desviar de fazer-lhes o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim.” (Jer 32.40).

Os filhos de Deus não podem ser lançados fora porque é dito deles serem membros do Seu corpo, do qual Ele é a cabeça. E os nervos e ligamentos que mantêm unidos estes membros do corpo uns com os outros e com a cabeça não podem ser removidos sem que se desfaça o corpo. Como seria possível admitir a simples ideia de que se pudesse tolerar a permanência de um membro morto neste corpo no qual pulsa continuamente e para sempre a vida eterna?

Todos os filhos de Deus que andam em fidelidade com Ele haverão de experimentar o cuidado pleno do seu Pai para com eles:

“Confia no Senhor e faze o bem; assim habitarás na terra, e te alimentarás em segurança.” (Sl 37.3).

“Os leõezinhos necessitam e sofrem fome, mas àqueles que buscam ao Senhor, bem algum lhes faltará.” (Sl 34.10).

“Seja a vossa vida isenta de ganância, contentando-vos com o que tendes; porque ele mesmo disse: Não te deixarei, nem te desampararei.” (Hb 13.5).

Se Deus é nosso Pai nós seremos seus imitadores (Ef 5.1). Nós o imitaremos o seu modo de falar, gestos e comportamento. E devemos imitá-lo no perdão e na misericórdia.

E se Deus é nosso Pai nós seremos obedientes à Sua vontade até a morte. Os dez mandamentos serão como dez cordas de um instrumento celestial que estaremos sempre afinando e tocando a canção da obediência a Deus em completa harmonia.

Todo crente verdadeiro tem em si o espírito dos mártires. Ele prefere sofrer por causa da verdade do que ver a verdade sofrer.

“Então Paulo respondeu: Que fazeis chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” (At 21.13).

“E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte.” (Apo 12.11).

O pronome possessivo “nosso” em “Pai nosso” insinua que deve haver fé nas nossas orações. Fé de que estamos nos dirigindo a alguém que possui

tal relação de paternidade conosco e que certamente nos ouvirá se estivermos orando segundo a Sua vontade.

A fé é a respiração da oração, e sem a qual ela estará morta, sem este ar para inspirar, e é por isso que Tiago a chama de oração da fé (Tg 5.15). A fé é um dos componentes da oração, assim como o óleo do tabernáculo era composto de vários elementos (Ex 30.23,24). E assim a fé é o principal ingrediente da oração que faz com que ela suba a Deus como doce incenso.

Se a oração é a chave da porta do céu, a fé é a mão que a gira.

Lembremos que a oração pode sofrer frequentemente naufrágios por colidir na rocha da incredulidade. Oremos pois com fé que seremos ouvidos por aquele que não é Pai de estranhos, mas nosso próprio Pai.

E orar com fé significa orar por aquilo que Deus nos prometeu. Onde não há nenhuma promessa, nós não podemos orar com fé.

É orar em nome de Cristo, porque orar no nome de Cristo é orar com confiança nos Seus méritos. Em Sua obra Ele mereceu receber do Pai muitos benefícios para nós. E é com base nestes méritos e não nos nossos que nós devemos nos dirigir ao nosso Pai. Não é reconhecendo méritos em nós, mas reconhecendo que somos indignos pecadores e que tudo em que pudermos ser ouvidos pelo Pai terá sido pelos méritos de Cristo, que seremos de fato ouvidos.

Assim uma oração com fé é uma oração humilde. Devemos lembrar do que sucede com as orações de pessoas presunçosas pelo exemplo que Jesus nos deu na parábola do publicano e do fariseu (Lc 18.11,12). A oração do publicano foi ouvida e não a do fariseu porque no publicano havia um senso da sua própria indignidade.

Um dos nomes de Deus é “tu que ouves a oração” (Sl 65.2). E Deus está pronto não somente a ouvir como também a responder a oração. Devemos lembrar que a oração do Pai nosso é o modelo apresentado por Jesus aos apóstolos, no qual devem estar baseadas as nossas orações.

“No dia em que eu clamei, atendeste-me; alentaste-me, fortalecendo a minha alma.” (Sl 138.3).

A força interior de Davi foi uma resposta de oração e isto deveria nos encorajar a buscarmos ser fortalecidos na graça pelas orações que dirigirmos ao Senhor.

Quando nós oramos a Deus pedindo-Lhe que nos dê corações santos, não há nada que mais Lhe agrade do que isto, porque a Sua grande vontade para conosco é que sejamos santos (I Tes 4.3). E do mesmo modo quando oramos pedindo que nos faça viver no Seu amor, porque Deus é amor.

“Eu dizia no meu espanto: Estou cortado de diante dos teus olhos; não obstante, tu ouviste as minhas súplicas quando eu a ti clamei.” (Sl 31.22).

Assim, a fraqueza não tornará nula as orações dos santos. Havia muita incredulidade naquela oração. A fé de Davi tremeu e desfaleceu, contudo Deus ouviu a sua oração, porque Davi era um filho amado de Deus.

O Espírito nos assiste em nossas fraquezas assim como havia assistido a Davi. Então devemos implorar-Lhe que nos capacite a dizer do fundo do nosso coração: "Pai nosso", e o Espírito nos fará orar com suspiros e gemidos e fortalecerá a nossa fé. O Espírito nos levará à presença do Pai, e pelo mesmo Espírito diremos "Abba Pai" (Gl 4.6). E quando o Espírito é derramado em nossos corações as portas dos céus são destrancadas para nós.

A Primeira Petição na Oração do Senhor

"Santificado seja o teu nome" - Mateus 6.9

Esta é a primeira das seis petições que estão contidas na oração do Senhor.

Com esta petição nós oramos para que o nome do Senhor possa brilhar gloriosamente, e que possa ser honrado e santificado por nós, no curso inteiro de nossas vidas.

Era a canção dos anjos: "Glória a Deus nas alturas". quer dizer, que o nome dele seja glorificado e consagrado o mais alto possível. Esta petição é fixada em primeiro lugar para mostrar que em nossas orações é a honra do nome de Deus que deve vir antes de todas as demais coisas. Quer na bonança, quer na dificuldade, tudo o que

Lhe pedirmos deve antes de tudo ter o propósito de que o Seu santo nome seja glorificado. (Quão distante está isto de se pedir coisas a Deus para a própria glória ou interesse pessoal. Daí ser justa a repreensão do Espírito Santo através do apóstolo Tiago aos crentes que agem de tal maneira: "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites." - Tg 4.3).

A Igreja Primitiva estava bem instruída quanto a isto:

"E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus." (At 4.31).

Jesus confirmou que o primeiro e grande mandamento da lei é amar a Deus acima de todas as coisas.

"37 Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

38 Este é o grande e primeiro mandamento." (Mt 22.37,38).

Não há pois nenhuma dúvida de que a glória do nome de Deus é infinitamente mais valiosa do que as nossas próprias vidas. Assim podemos dizer em primeiro lugar em todas as nossas orações: "Santificado seja o Teu nome".

Isto porque não há nada mais importante na religião do que a própria glória de Deus. Daí se

dizer que seja na vida, ou seja na nossa morte, o que importa é que Deus seja glorificado.

Santificamos o nome de Deus pela nossa consagração a Ele, e consagrar significa separar algo de um uso comum e reservá-la para um fim sagrado.

Santificamos o nome de Deus quando lhe damos elevada honra e reverência. Nós não podemos acrescentar nada à glória essencial de Deus, mas nós devemos honrar e santificar o Seu nome elevando-o acima de tudo o que há no mundo, de modo que isto apareça aos olhos de outros.

A palavra hebraica para honra significa ter em preciosa estima. E é isto que nós devemos ter em relação ao nome de Deus.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós Lhe obedecemos. Como um filho honra a seu pai, senão através da obediência?

Davi cantou louvores a Deus e foi conhecido como o mavioso salmista de Israel (II Sm 23.1).

Louvar o nome do Senhor consagra e divulga o Seu nome, exibindo os méritos da Sua excelência, aos olhos de outros.

Na oração nós agimos como homens, no louvor nós agimos como anjos. O louvor é a música do céu.

“5 Exultem os santos na glória; alegrem-se nas suas camas.

6 Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois fios nas suas mãos," (Sl 149.5,6).

Somente os santos podem louvar a Deus do modo devido, e assim como nem todos têm habilidades para tocar instrumentos musicais, não é qualquer pessoa que pode cantar louvores harmoniosos a Deus, senão somente os santos.

É em Cristo que os crentes recebem a veste de louvor para que possam com ela santificar o nome de Deus (Isaías 61.3). Jesus nos veste com louvor e quão linda é esta peça de vestuário do louvor quando é usada por um santo.

O louvor é aceitável a Deus somente naqueles que são retos, como se vê no Salmo 33.1:

"Regozijai-vos no Senhor, vós justos, pois aos retos convém o louvor."

É especialmente um elevado grau de santificação do nome de Deus quando nós podemos bendizê-lo numa condição aflitiva, tal como Jó: "E disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor." (Jó 1.21).

Muitos bendizem a Deus quando Ele dá, mas bendizê-lo quando ele tira, é um elevado grau de honrá-lo e santificar o Seu nome. Santifiquemos e elevemos o nome do Senhor desta maneira. Ele não nos tem dado motivos suficientes para ser louvado? Ele nos deu graça, misericórdia geradas no Seu coração, e Ele pretende coroar a graça

com a glória. Isto deveria nos fazer santificar o Seu nome sendo trombetas para o Seu louvor.

Nós também santificamos o nome de Deus quando nós simpatizamos com Ele, e nos entristecemos quando o nome dEle é desonrado. Quando nós sofremos no nosso próprio coração a desonra que Lhe foi dirigida. Quanto Moisés se afetou com a desonra de Deus! Ele quebrou as tábuas de pedra dos mandamentos (Ex 32.19). Nós nos entristecemos por ver o Dia do Senhor sendo profanado e Sua adoração sendo adulterada, e o vinho da verdade misturado com o erro. Nós nos entristecemos quando a Igreja do Senhor é trazida a uma condição baixa porque o nome dele sofre. Neemias derramou seu coração por causa das misérias de Sião; ao ponto da aparência do seu rosto ter-se modificado sem que ele pudesse esconder a sua tristeza (Ne 2.2). Tal tristeza santa acontece quando o nome do Senhor é desonrado.

Quando o rei da Assíria infamou o nome do Senhor, Ezequias se dirigiu ao templo e apresentou a carta blasfema diante de Deus (I Rs 37.17). Sem nenhuma dúvida ele deve ter molhado a carta com suas lágrimas e tudo indica que não estava temeroso em perder a sua própria vida e reino, a ver o Senhor perder a honra da Sua glória entre os homens na terra.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós damos a mesma honra que nós damos ao Deus Pai, ao Deus Filho. "Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou." (João 5.23).

Os Socinianos (A seita Testemunhas de Jeová sustenta a doutrina deles – nota do tradutor) negam a divindade de Cristo, afirmando que ele é um mero homem: que está abaixo dos anjos. A natureza humana, considerada em si mesma, está abaixo da angelical (Sl 8.4,5), e assim eles refletem desonra ao Deus da glória.

Nós temos que dar honra igual tanto ao Pai quanto ao Filho. Nós temos que crer na divindade de Cristo; porque ele é o resplendor da glória do Pai, e a expressa imagem da sua pessoa (Hb 1.3). A Divindade está em Cristo, e ele é Deus porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Col 2.9), de maneira que Ele pode receber os títulos divinos de onipotência (Hb 1.3); onipresença (Mt 28.20); o poder de conceder perdão de pecados com a anulação da culpa (Mt 9.6); igualdade com o Pai tanto em poder quanto em dignidade (João 5.21,23).

Quando nós cremos na Divindade de Cristo, e construímos nossa esperança de salvação na base do Seu mérito; quando nós vemos que a justiça da lei, nem a de anjos pode nos justificar, mas somente o sangue de Cristo; isto é honrar e santificar o nome de Deus. Deus nunca terá o nome dele santificado a menos que o Seu Filho seja honrado.

Nós santificamos o nome de Deus defendendo as Suas verdades. Muito da glória de Deus se baseia nas Suas verdades. As verdades dele são os Seus oráculos. Ele nos confiou as Suas verdades como um tesouro; nós não temos uma joia mais rica

para confiar a Ele do que nossos espíritos, e nem Ele tem uma joia maior para nós do que as Suas verdades. As verdades dEle compartilham da Sua glória. Quando nós formos defensores zelosos das Suas verdades, nós estaremos honrando e santificando o nome dEle. Atanásio foi chamado de bastião da verdade; porque ele se levantava na defesa das verdades de Deus contra os asiáticos, e assim era uma coluna no templo de Deus.

Nós não podemos ter paz sem verdade, porque a paz sem verdade não interessa aos filhos de Sião porque eles têm que defender as grandes doutrinas do evangelho; como a doutrina da Trindade, a justificação pela fé, e a perseverança dos santos. Nós somos incentivados a combater seriamente, e a nos esforçarmos como em agonia pela doutrina da fé (Judas 3). Isto porque afirmar a verdade traz grandes rendas ao céu e santifica o nome de Deus. Alguns podem afirmar cerimônias e ritos, mas não a verdade.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós somos instrumentos da conversão de outros, tanto quanto possamos; usando de todos os expedientes santos, serviço, oração, exemplo, esforçando-nos pela salvação de outros, combatendo segundo as regras estabelecidas por Deus. Como fez Mônica, a mãe de Agostinho, que labutou para a conversão dele! Ela teve mais dores de parto para trabalhar o novo nascimento dele do que o seu nascimento natural.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós difundimos o doce aroma da piedade e

propagamos a religião a outros; quando não somente honramos a Deus, mas nos tornamos instrumentos para conduzir outros a honrá-lo.

Certamente quando o coração estiver temperado com graça, haverá um esforço para temperar outros. A glória de Deus é tão querida a um santo quanto a sua própria salvação; e esta glória pode ser promovida por ele através de esforços para a conversão de almas. Todo convertido é um novo membro acrescentado a Cristo. Assim, nós devemos santificar o nome de Deus lutando para levar a devoção a outros; especialmente aqueles que estão relacionados a nós, ou que estão debaixo do nosso teto, para a exclusiva honra de Deus.

Que nossas casas sejam chamadas de Betel, isto é, casa de Deus e que sejamos como a família de Josué, que disse: "eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Js 24.15). E é uma maior santificação do nome de Deus fazer com que nossa casa seja uma igreja, tal como a casa de Ninfa da igreja de Laodiceia (Col 4.15). Não são grandes templos repletos de pessoas nem sempre atentas à verdadeira adoração e devoção a Deus que santificam e honram o Seu nome. Mas onde houver verdadeira piedade e devoção, tal como na casa de Ninfa onde funcionava uma Igreja, que foi achada digna de ser saudada pelo apóstolo Paulo.

Perfumem suas casas com oração, e meditem na Palavra de modo que seja um gotejar santo.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós preferirmos a honra do Seu nome antes das coisas que nos sejam mais queridas. Quando nós preferimos a honra do nome de Deus antes da nossa própria honra. Os santos antigos estavam dispostos a honrar o nome de Deus, suportando repreensão, tal como Davi o expressa no Salmo 69.7:

“7 Porque por amor de ti tenho suportado afrontas; a confusão cobriu o meu rosto.

8 Tenho-me tornado um estranho para com meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos de minha mãe.” (Sl 69.7,8)

E nós vemos que o seu amor e devoção a Deus fez com que fosse considerado como um estranho por seus irmãos. Mas Davi sustentou o testemunho da verdade por causa da honra do nome de Deus.

“Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim.” (Mt 10.37)

Nestas palavras do evangelho de Mateus Jesus afirma clara e expressamente que a honra do nome de Deus deve vir antes da que se atribui a pais e a filhos.

Santificar o nome de Deus implica afastar-se da amizade até mesmo com irmãos na fé que andam contra a verdade e resistem ao reto ensino da Palavra, e que deste modo desonram o nome de

Deus com o seu procedimento. A norma bíblica é clara quanto a isto, porque está baseada no princípio que a honra do nome do Senhor deve vir antes de todas as demais coisas e relacionamentos que estimamos, isto é, se o preço que deve ser pago para continuarmos honrando e santificando o nome de Deus deve ser o da separação de pessoas que nos sejam queridas, como nossos irmãos na fé e amigos, não há outra forma de se santificar o nome de Deus a não ser pagando o preço necessário.

“Mandamos-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a doutrina que de nós recebestes.” (II Tes 3.6)

Foi para que o nome de Deus não seja desonrado que Jesus ordenou que todo crente que não se submeter à disciplina da Igreja seja considerado como gentio e publicano, isto é, como um estranho por seus demais irmãos na fé.

O profeta Elias foi chamado de perturbador de Israel; o profeta Isaías de portador de fardos; e o profeta Sofonias de profeta amargo; mas eles carregavam estas acusações como coroas sobre as suas cabeças. Não admira que Jesus chama de bem-aventurados aqueles que são perseguidos por causa da justiça, isto é, por causa do grande amor que eles têm pela honra de Deus na sustentação do testemunho da verdade, diante dos seus opositores, que consideram a Palavra de Deus, um fardo, um peso para eles, porque

querem viver segundo a carne e não segundo o Espírito.

Na verdade não há como se argumentar com aqueles que deliberam andar na carne porque pessoas carnais não podem entender as coisas espirituais que se discernem espiritualmente por aqueles que andam segundo o Espírito e não segundo a carne. Mais do que um debate vão, seria lançar pérolas a porcos tentar convencê-los das coisas santas que a carne deles rejeita tão veementemente. Por isso se deve orar por eles e ficar na expectativa que sejam livrados dos laços do diabo, no qual foram prendidos (II Tim 2.26). Entretanto, se estes se permitem estar ainda debaixo da instrução da Igreja, que sejam ensinados com mansidão, para que não tenham ocasião para revidar ou blasfemar, enquanto ficamos na expectativa de que Deus lhes conceda arrependimento, de maneira que possam então conhecer a verdade do evangelho como ela é de fato, de maneira que sejam livrados dos enganos do diabo e da imaginação deles, em falsas convicções relativas à verdade.

Assim, a honra do nome de Deus deve ser mais querida a nós do que a nossa própria honra, tal como Moisés que estimou o vitupério de Cristo maior que as riquezas e tesouros do Egito (Hb 11.26).

Os apóstolos ficaram alegres pelo fato de terem sido considerados dignos de sofrer por causa do nome de Cristo.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós estamos contentes em ver o nosso nome eclipsado, para que o nome dEle possa brilhar ainda mais; e quando nós preferimos a honra do nome de Deus ao próprio lucro mundano e abandonamos tudo para seguir a Cristo, quando isto nos é ordenado por Ele (Mt 19.27). Quando estes dois, Deus e a propriedade, entrarem em competição, nós preferiríamos deixar a propriedade do que perder o amor e o favor de Deus.

Nós santificamos o nome de Deus quando nós preferimos a honra do Seu nome à nossa própria vida. "Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro." (Rom 8.36). Dá muita glória ao nome do Senhor quando o mundo percebe que os Seus servos estão dispostos a perder todas as coisas, até mesmo a própria vida, se for necessário, para continuarem santificando o Seu nome por sustentarem a Sua verdade.

Nós santificamos o nome de Deus através de uma conversação santa. "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;" (I Pe 2.9).

Vidas profanas desonram o nome de Deus: "Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós." (Rom 2..24).

Assim é por nossa conversação santa baseada na Bíblia que nós honramos o nome de Deus. Uma vida santa fala mais alto do que todos os hinos e louvores do mundo. Embora o trabalho principal da religião repousa no coração, contudo nossa luz deve brilhar para que outros a vejam e Deus seja glorificado. Quando nossas vidas brilharem, o nome do Senhor brilhará em nós.

(Na aplicação deste assunto, devemos considerar de modo prático que santificar o nome de Deus requer vidas santificadas. E sabemos que não há santificação que não seja operada pelo Espírito Santo mediante aplicação da Palavra de Deus à vida. Por exemplo, quando Jesus falou o que são os crentes e o que eles devem ser e fazer para Deus e para o próximo, Ele introduziu o seu ensino com as palavras das bem-aventuranças, e ali Ele afirma dentre outras coisas que os crentes devem ser pobres de espírito e puros de coração, e estas são duas condições importantíssimas para uma verdadeira santificação, sem a qual o nome de Deus não poderá ser santificado por eles. Mas o que se vê na prática em nossos dias em relação a isto? Os crentes buscam ser puros de coração e entendem que a salvação deles depende inteiramente de Deus? Mas ao concluir o sermão do monte Jesus disse expressamente que não é possível ter uma vida espiritual sólida sem a prática do ensino que Ele deu à Igreja, especialmente neste Sermão do Monte. E seria santificar e honrar o nome de Deus não dar a devida atenção e honra a tais palavras? Não se dispor de fato a praticá-las? Mas muitos se iludem

pensando que é possível viver de modo agradável a Deus e honrá-lo sendo negligentes para com a Sua própria Palavra. Jesus trouxe a graça e a verdade (João 1.17). E como se pode honrar e santificar o nome de Deus sem honrar a verdade que Jesus ordenou à Sua Igreja? Que se busque então uma verdadeira purificação do coração por um andar no Espírito Santo, mediante a prática da Palavra de Deus. E que se faça isto com humildade de espírito, reconhecendo que toda a graça e poder para praticarmos a Palavra depende de buscarmos isto em Cristo, aproximando-nos com um coração sincero ao trono da graça. A Palavra nos alerta para o fato de que nos últimos dias os homens seriam egoístas, amantes de si mesmos, amantes dos prazeres, e é exatamente isto o que se tem visto por toda parte, inclusive influenciando a Igreja; pois os crentes buscam aquilo que é do próprio interesse carnal deles, e não se submetem ao trabalho da cruz, renunciando ao ego, para conhecerem e fazerem a vontade de Deus revelada em Sua Palavra. Fazer isto parece a muitos, fanatismo, radicalismo, legalismo, porque há uma falsa doutrina que impera em nossos dias que coloca o homem como centro no lugar de Deus, como que se tudo tivesse sido criado para o próprio homem e não para o Filho de Deus a quem pertence de fato todas as coisas, inclusive nossas vidas, das quais daremos contas em juízo no Tribunal de Cristo (Rom 14.10; II Cor 5.10). E quanto a um viver canal na prática do pecado deveríamos lembrar sempre das palavras do apóstolo Paulo que foi dirigida aos crentes: "Ninguém vos engane com palavras vãs;

porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.” (Ef 5.6). Como pode um crente se sentir confortável vivendo segundo a carne e não segundo o Espírito, quando sabe que esta será a causa da condenação eterna dos ímpios? Deus não destruiu o mundo antigo no dilúvio porque o homem era carnal e não permitia se converter e ser guiado pelo Espírito Santo? Ninguém se iluda portanto pensando que Deus dá aos seus filhos a opção de serem carnis, porque lhes é imposto o dever de serem espirituais na busca da maturidade que consiste na semelhança com Cristo. Lembremos que antes que Jesus se manifestasse ao mundo os homens andavam em trevas espirituais, em sua ignorância sobre o verdadeiro conhecimento de Deus e de toda a Sua vontade. Então o Pai enviou o Filho para dar testemunho da verdade de maneira que pudéssemos sair das trevas para a luz. E qual é a importância que damos a esta verdade que foi revelada por Jesus e que está registrada nas Escrituras? Não beira à insanidade não lhe dar o devido valor, atenção e prática? – nota do tradutor).

Um crente espiritual se esforçará para ser santo e fazer avançar o nome de Deus e se perguntará em tudo o que fizer se o nome de Deus está sendo honrado e exaltado.

“20 Segundo a minha intensa expectativa e esperança, de que em nada serei confundido; antes, com toda a confiança, Cristo será, tanto

agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte.

21 Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho." (Fp 1.20,21).

Crentes usam o nome de Deus irreverentemente, e como pode ser santificado o Seu grande nome deste modo?

"Se não tiveres cuidado de guardar todas as palavras desta lei, que estão escritas neste livro, para temeres este nome glorioso e temível, O SENHOR TEU DEUS," (Dt 28.58). O nome do Senhor é sagrado, e como podem os crentes viverem sem o devido temor do Seu santo nome?

A repreensão que Moisés dirigiu aos israelitas bem se aplica aos crentes em geral de hoje que não santificam o nome de Deus, porque quando deveriam brilhar com a santidade do Senhor em suas vidas por obedecerem a Sua palavra, eles são como manchas e não como filhos amados obedientes, por causa da prática deliberada do pecado em que eles vivem.

"4 Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é.

5 Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é.

6 Recompensais assim ao Senhor, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?" (Dt 32.4-6).

E a estes filhos que vivem deliberadamente no pecado depois de terem sido admoestados e conduzidos pelo Senhor pacientemente, em toda a longanimidade, para que de algum modo pudessem chegar ao arrependimento, mas que no entanto permanecem no endurecimento de seus corações recusando-se obedecer à verdade, o Senhor sujeitará à Sua correção e disciplina.

193

“19 O que vendo o Senhor, os desprezou, por ter sido provocado à ira contra seus filhos e suas filhas;

20 E disse: Esconderei o meu rosto deles, verei qual será o seu fim; porque são geração perversa, filhos em quem não há lealdade.” (Dt 32.19,20).

O Senhor vindicará a honra do Seu nome no mau procedimento dos Seus filhos, sujeitando-os à disciplina da aliança que fez com eles por meio do sangue de Cristo.

Os pecados dos filhos de Deus ferem mais O Seu coração paterno do que os pecados de outros, porque não são filhos.

Por isso os crentes são exortados a não desprezarem a correção do Senhor, e a não desmaiarem quando por Ele forem repreendidos (Hb 12.5), porque isto visa ao próprio bem deles, na sua recuperação espiritual, de maneira que sendo sadios na fé, possam santificar o nome de Deus, conforme lhes está designado.

Aqueles que honrarem a Deus serão também por Ele honrados conforme tem prometido, do mesmo modo que Ele despreza àqueles que O desprezam (I Sm 2.30).

O que nós deveríamos fazer para honrar e santificar o nome de Deus?

Nós devemos adquirir: (1) Um conhecimento correto de Deus. Ter uma visão da Sua excelência; santidade, bondade e amor. Nós devemos honrá-lo como nosso Pai. (2) Também devemos adquirir um amor sincero a Deus; um amor valioso que se encante nEle próprio (João 21.15). Ninguém pode honrar o Mestre sem amá-lo. E este amor se comprovará numa verdadeira obediência aos Seus mandamentos. E quando isto ocorre os Seus mandamentos não são penosos para nós, mas um prazer, e entendemos que o jugo de Jesus é suave e o Seu fardo leve. É estando de fato santificado pela Palavra e pelo Espírito que se pode viver de tal modo. Sem isto, tal amor e prazer no Senhor são impossíveis, porque Deus é espírito e importa ser adorado em espírito e em verdade.

A razão de o nome de Deus não ser mais santificado pelos seus filhos é porque o nome dEle não é muito amado tanto quanto deveria.

A Segunda Petição na Oração do Senhor

“Venha o teu reino.” - Mateus 6.10

Uma alma verdadeiramente dedicada a Deus se unirá a esta petição: “venha o teu reino.”.

Nestas palavras está incluído que Deus, nosso Pai, é um Rei, e é o Rei de toda a terra (Sl 47.7).

Ele é um Rei no Seu trono.

“Deus reina sobre os gentios; Deus se assenta sobre o trono da sua santidade.” (Sl 47.8).

“Assim diz o alto e sublime” (Isa 57.15). Ele tem as suas bandeiras de realeza e a sua espada afiada reluzente (Dt 32.41). Ele tem uma coroa e um cetro de retidão (Hb 1.8).

Como Rei que é Ele tem o poder de fazer leis, e conceder perdões que são as flores e joias da Sua coroa.

Ele é o grande Rei acima de todos os deuses (Sl 95.3).

Ele é grande não somente pelos Seus grandes feitos mas pelo que é em Sua própria pessoa:

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor.” (Jer 23.24).

Ele é tão grande que nem o céu dos céus o pode conter (I Rs 8.27). A Sua grandeza é vista pelos efeitos do Seu poder. Ele fez o céu e a terra (Sl 124.8), e quem pode desfazer as Suas obras?

“Ele ceifará o espírito dos príncipes; é tremendo para com os reis da terra.” (Sl 76.12).

Tudo Ele fez conforme lhe agradou (Sl 115.3).

Ele é um Rei glorioso.

“Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.” (Sl 24.10).

A glória externa dos Seus feitos é o reflexo da Sua glória interna. “O Senhor reina; está vestido de majestade. O Senhor se revestiu e cingiu de poder; o mundo também está firmado, e não poderá vacilar.” (Sl 93.1).

Deus está vestido com a Sua própria majestade; a própria essência gloriosa dele são suas vestes reais, e Ele se cingiu com força e prevalece pelo Seu próprio poder. Os reis têm os seus guardas para defender a pessoa deles, porque eles não podem se defender, mas Deus não necessita de nenhum guarda ou da ajuda de outros.

Assim, “quem pois no céu se pode igualar ao Senhor? Quem entre os filhos dos poderosos pode ser semelhante ao Senhor? (Sl 89.6).

Ele é o Rei dos reis (Apo 19.16). Ele tem o trono mais elevado e a coroa mais rica, e todos os domínios Lhe pertencem.

195

Embora Ele tenha muitos herdeiros, contudo jamais terá qualquer sucessor. Ele tem o Seu trono estabelecido onde nenhum outro trono pode ser colocado acima do seu. Ele rege sobre a vontade e sobre os afetos, e os anjos o servem, e todos os reis terrenos recebem as suas coroas através da concessão de poder deste grande Rei, porque nenhum poder há no mundo que não tenha sido dado do alto.

“15 Por mim reinam os reis e os príncipes decretam justiça.

16 Por mim governam príncipes e nobres; sim, todos os juízes da terra.” (Pv 8.15,16).

Se Deus é tão grande Rei, e está assentado como Rei para sempre, não é nenhuma depreciação para nós o servirmos, ao contrário, servir a Deus é reinar, e é uma grande honra servir um rei.

Teodósio dizia que era uma maior honra ser servo de Deus, que ser um imperador. É mais honroso servir a Deus do que ter os reis nos servindo. Felizes são aqueles que servem a Deus porque Ele fez deles também reis e sacerdotes para sempre (Apo 1.6).

É considerado sabedoria política estar do lado mais forte. Se nós pertencemos ao Rei do céu, nós vamos estar do lado mais forte. O Rei da glória pode destruir com facilidade todos os seus adversários. Ele pode abater o orgulho deles, e deter a malícia deles. Aquela pedra cortada sem mãos (Dn 2.34) e que despedaçou o ídolo era um emblema, diz Agostinho, do poder monárquico de Cristo, conquistando e triunfando sobre os seus inimigos.

O Salmo segundo bem demonstra como o reino do Messias prevalece e está destinado a prevalecer completamente sobre os reis da terra:

“1 Por que se ajuntam os gentios, e os povos imaginam coisas vãs?

2 Os reis da terra se levantam e os governos consultam juntamente contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo:

3 Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas.

4 Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles.

5 Então lhes falará na sua ira, e no seu furor os turbará.

6 Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião.

7 Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.

8 Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão.

9 Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro.

196

10 Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra.

11 Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor.

12 Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam." (Sl 2.1-12).

Se servimos a um Deus tão glorioso que é um Rei cheio de poder e majestade, nós devemos então confiar totalmente nEle.

“Em ti confiarão os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, nunca desamparaste os que te buscam.” (Sl 9.10). Confie sua alma em Suas mãos. Você não pode colocar esta joia preciosa em mãos mais seguras.

Se o homem se levanta em guerra contra Deus e o Seu povo, o Senhor se levanta também como homem de guerra contra os seus adversários:

“O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome.” (Ex 15.3).

Se Deus é um tão grande Rei nós devemos temê-lo. Especialmente o temor de transgredir as suas leis e mandamentos.

Aqueles que não temem a Deus por amor, virão a temê-lo pela dor, porque Ele manifestará sobre eles os seus juízos e castigos.

“Porventura não me temereis a mim? diz o Senhor; não temereis diante de mim, que pus a areia por limite ao mar, por ordenança eterna, que ele não traspassará? Ainda que se levantem as suas ondas, não prevalecerão; ainda que bramem, não a traspassarão.” (Jer 5.22).

“Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei.” (Lc 12.5).

Temamos a Deus cujo trono está acima de todos os reis e poderosos, e que é o Todo Poderoso. Temamos o Rei cujo poder é infinito e cujo Reino jamais passará. Temamos este Rei cujos olhos são como chama de fogo (Apo 1.14).

O verdadeiro poder sobre vida e morte está nas mãos deste grande Rei.

Todos aqueles que se levantam contra este Rei serão lançados como uvas no lagar da Sua ira para serem esmagados.

Você tem andado no pecado desafiando o Rei do céu? Então faça depressa a sua paz com ele, submetendo-se à Sua vontade. Beije o Filho para que Ele não fique irado (Sl 2.12). Beije Cristo com um beijo de amor e obediência. Obedeça o Rei do céu quando Ele fala com você através dos Seus ministros e embaixadores (II Cor 5.20). Lutero dizia que obedecer a Deus é melhor que realizar milagres. Mas obedeça de boa vontade (Is 1.19), porque não há obediência verdadeira que não seja por amor e

197

voluntária. Obedecer com alegria é mais doce que o mel dos favos. E que seja além de voluntária uma obediência rápida, isto é, devemos nos apressar para obedecer a Deus.

Mas este mesmo Rei que estabelece leis e condições para ser amado e obedecido, e que impõe santidade a todos os seus filhos como o principal dever deles, é o mesmo Rei que se

levantará em favor deles e julgará sempre as suas causas e os protegerá. "Portanto, assim diz o Senhor: Eis que pleitearei a tua causa, e tomarei vingança por ti; (Jer 51.36a).

"Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração." (Sl 73.1).

Coração purificado é a condição essencial para ser abençoado pelo Rei com a Sua bondade. Para estes, Ele é como uma parede de fogo ao redor deles (Zc 2.5) de maneira que nenhum mal lhes possa alcançar; ao contrário Ele os fará triunfar sobre o mal. O rosto do Senhor está voltado para a direção destes que praticam o que é justo, mas o seu rosto é contra aqueles que praticam males.

É certo que pela Sua bondade, e por causa do sangue derramado pelo Seu Filho, Ele livrou da ira vindoura todos aqueles que pela fé foram feitos Seus filhos (I Tes 1.10), mas o modo de ser abençoado por Ele neste mundo está associado à obediência que Lhe é devida, porque é de fato Senhor e Rei, e também julga o Seu povo (I Pe 4.17; I Cor 11.31,32).

Deus sempre julga pelo padrão de exigência de conformação absoluta à Sua santidade, de maneira que Ele é um fogo consumidor para o pecado, onde quer que ele seja encontrado.

"1 O Senhor reina; regozije-se a terra; alegrem-se as muitas ilhas.

2 Nuvens e escuridão estão ao redor dele; justiça e juízo são a base do seu trono.

3 Um fogo vai adiante dele, e abrasa os seus inimigos em redor." (Sl 97.1-3).

Por isso Ele é para o Seu povo como o fogo do ourives, para purificá-los das escórias do pecado (Malaquias 3.2).

Assim, Ele se levantará sempre para julgar a causa dos justos, mas contenderá contra todos aqueles que vivem na impiedade, ainda que alguns destes façam parte do Seu próprio povo. Ele sempre se oporá aos soberbos, mas concederá Sua graça aos que são humildes e contritos de coração, por causa dos seus pecados.

198

Deus pode fazer com que os amigos do ímpio se levantem contra ele, mas pode também fazer com que os inimigos daqueles que O amam e guardam o Seus mandamentos celebrem a paz com eles (Pv 16.7).

Senaqueribe que se levantou em grande afronta contra Deus foi morto pelos seus dois filhos (II Rs 19.37). Ele deixa tais pessoas sem a Sua proteção, de maneira que Ele permite que sejam destruídas por Satanás que é insaciável em seu desejo de roubar, matar e destruir, e que pode ser contido somente pela mão de Deus. Nisto os ímpios são mantidos em vida e não sabem que devem isto a Deus que não deixa sequer cair um só pássaro do céu sem a sua permissão, quanto mais as operações assassinas de Satanás.

Entretanto não há motivo para os ímpios se gabarem nisto, porque aqueles que não se ajuntam a Cristo, espalham-se como o pó, e não têm a garantia da permanente proteção de Deus, contra uma destruição definitiva e final por Satanás, tal como a que têm os crentes, porque ainda que seja permitido ao diabo tirar-lhes a vida do corpo, no entanto reinarão com Cristo em glória.

Qual é o significado do reino ao qual Cristo se refere quando diz, "Venha o teu reino."?

Em primeiro lugar ele não está se referindo a um reino político ou terrestre.

Os apóstolos desejavam no princípio um reinado realmente temporal de Cristo (At 1.6). Mas Jesus disse que o reino dele não era deste mundo (João 18.36). De maneira que quando Jesus ensinou os seus discípulos a orarem "venha o teu reino" ele não quis se referir com isto a qualquer reino terrestre no qual ele reinaria aqui em pompa externa e esplendor. Não significa também o reino providencial de Deus no qual Ele rege sobre tudo (Sl 103.19), porque este reino é um reino já vindo. Deus exercita o reino da Sua providência no mundo. Ele rebaixa a alguns e eleva a outros (Sl 75.7). Ele abate o orgulhoso e exalta o humilde. O reino da Sua providência rege sobre todos e os reis nada mais fazem do que a Sua providência lhes permite e ordena (At 4.27,28). Assim, este reino da providência de Deus é um reino já vindo.

Então qual é o significado da oração “venha o teu reino”? Este reino tem um significado duplo. Primeiro significa o reino da graça que Deus exercita nas consciências das pessoas do Seu povo. Quando nós oramos venha o teu reino nós estamos pedindo que o reino da graça seja estabelecido no nosso coração e que seja aumentado. Em segundo lugar, quando nós

199

oramos venha o teu reino, nós estamos pedindo que Deus apresse a vinda do Seu reino de glória. Estes dois reinos de graça e de glória não diferem especificamente, mas gradualmente, isto é, eles não diferem em natureza, mas somente em graus. O reino da graça nada mais é do que o começo do reino da glória. O reino da graça é o da glória em semente, e o reino da glória é o da graça em flor. O reino da graça é a glória na alvorada, e o reino da glória é a graça na plenitude do dia.

O reino da glória é a graça triunfante. Há uma conexão inseparável entre estes dois reinos.

Muitos aspiram pelo reino da glória, mas nunca se ocupam da graça; mas estes dois reinos estão unidos inseparavelmente por Deus e não podem ser tomados à parte. O reino da graça é que dá acesso ao reino da glória, e assim a primeira coisa insinuada nesta petição “venha o teu reino” é que nós estamos no reino das trevas. Nós oramos para que possamos ser tirados do reino das trevas. O estado da natureza é um reino de trevas onde se

diz que o pecado reina (Rom 6.12). É chamado de poder das trevas (Col 1.13).

O homem natural está de muitos modos no reino das trevas.

Primeiro ele está debaixo das trevas da ignorância do verdadeiro conhecimento de Deus. Em segundo lugar está nas trevas da corrupção que são manifestadas nas ações pecaminosas dele (Rom 13.12). O homem natural está também debaixo das trevas da miséria espiritual e exposto conseqüentemente à ira divina, sem que os homens estejam sensatos disto.

Há um encanto e engano no reino das trevas de maneira que os homens amam as trevas no lugar da luz. Mas o homem acha conforto nas coisas terrestres? O homem natural pode ter prata e ouro, e toda sorte de bens, ele pode ter amigos para se encantar com eles, mas ele se acha no reino das trevas.

Assim devemos orar para que Deus nos tire deste reino de escuridão. O reino da graça de Deus não pode entrar em nossos corações até que sejamos tirados do reino das trevas (Col 1.13).

A segunda coisa insinuada na petição venha o teu reino é que nós oramos contra o reino do diabo, de maneira que o seu reino possa ser removido do mundo. O reino dele está em oposição ao reino de Cristo, e então quando nós oramos venha o teu reino nós estamos pedindo contra o reino de Satanás.

Satanás tem um reino que ele conquistou por usurpação do gênero humano no paraíso. Ele tem um trono (Apo 2.13). E ele fixa este seu trono no coração dos homens. Ele não quer as bolsas dos homens, mas os seus corações. Ele deseja ser adorado (Ef 2.2; Apo 13.4). O império de Satanás é muito grande. A maioria dos reinos mundiais pagam tributo a ele. E o seu reino é um reino de impiedade e de escravidão.

O reino de Satanás é um reino de impiedade. Nada mais do que pecado entra no seu reino. Assassinato e heresia, luxúria e deslealdade, opressão e divisão, e o comércio constante que se faz nos seus domínios. Ele é chamado de espírito imundo (Lc 11.24). Que mais é propagado no seu reino do que o mistério da iniquidade?

O reino de Satanás é um reino de escravidão porque nele faz todos seus escravos. O pecador é seguro cativo debaixo da tirania severa do diabo. Satanás é um usurpador e um tirano; ele é um tirano pior do que qualquer outro. Outros tiranos regem apenas sobre o corpo, mas o reino de Satanás rege sobre a alma. Ele monta nos homens como nós fazemos em relação aos cavalos.

Satanás não dá descanso aos seus escravos, e ele os alimenta com luxúrias venenosas para o dano de suas almas (I Tim 6.9). Quando ele entrou em Judas ele não somente o enviou aos sacerdotes para trair a Cristo como também não deu

descanso à consciência dele até que o conduzisse ao suicídio.

Então quando oramos “venha o teu reino” nós estamos pedindo que o reino de Satanás seja destruído, removido do mundo, para que haja somente o reino de Jesus.

Quando nós oramos “venha o teu reino” nós pedimos que o reino da graça entre em nossos corações. Este é o reino que é justiça (Rom 14.17); o reino de Deus que está dentro de nós (Lc 17.21).

Por que a graça é chamada de reino? (Rom 5.21)

Porque, quando a graça vem a alguém, há um governo real montado na alma. A graça governa a vontade e os afetos, e traz o homem em sujeição a Cristo; subjungando luxúrias e mantendo a alma em modo santo, justo e piedoso.

Por que é preciso orar para que este reino da graça possa entrar em nossos corações?

(1) Porque, até que o reino da graça venha, nós não temos nenhum direito à aliança da graça.

201

(2) A menos que o reino da graça seja estabelecido em nossos corações, nossos oferecimentos mais puros serão considerados imundos por Deus. Eles podem ser bons em seus efeitos terrenos, mas não poderão agradar de maneira alguma a Deus, porque não foram feitos por corações regenerados e santificados pelo sangue de Jesus, e que portanto, não tinham a marca da Sua graça.

(3) Nós temos necessidade de orar para que o reino da graça possa vir e entrar em nossos corações, porque sem isto nós somos repugnantes aos olhos de Deus, por não termos sido justificados e limpos dos nossos pecados; uma vez que somente a graça de Jesus pode efetuar tal trabalho. O pecado transforma o homem num filho do diabo e somente a graça pode quebrar tal filiação e fazer com que o homem seja adotado como filho de Deus.

(4) Até que o reino da graça venha um homem está exposto à ira de Deus.

(5) Até que o reino da graça venha um homem não pode morrer com conforto. É somente nos braços de Cristo que se pode olhar a face da morte com alegria.

Há muitas ilusões sobre a graça:

(1) os homens pensam que eles têm o reino da graça nos seus corações porque eles têm os meios de graça. Eles vivem onde a trombeta prateada do evangelho soa e pensam que já possuem a graça por somente ouvirem o evangelho.

Ai! esta é uma falácia; nós podemos ter os meios de graça, e ainda o reino da graça pode não ter sido estabelecido nos nossos corações. Nós podemos ter o reino de Deus perto nós, mas não em nós; o som da palavra em nossas ouvidos, mas não o Salvador em nossos corações. Roupas quentes não podem aquecer um homem morto.

(2) os homens pensam que eles têm o reino da graça nos seus corações, porque eles têm alguns trabalhos comuns do Espírito Santo, a saber:

[1] eles têm grande iluminação de mente, conhecimento profundo, e quase falam como anjos caídos do céu; mas o apóstolo apresenta um caso em que, depois que os homens foram iluminados, eles apostataram (Hb 6.4-6).

Mas que iluminação curta é esta?

A iluminação de hipócritas que não deixa após si uma marca de santidade. A mente está iluminada, mas o coração não é renovado. Um crente que é somente cabeça, mas que não tem um coração segundo o coração de Deus.

202

[2] os homens têm convicções e peso de consciência relativos ao pecado, eles viram o mal da maneira deles, e esperam que o reino da graça venha junto; entretanto convicções são um passo para a graça, elas não são nenhuma graça. Não tiveram convicções Faraó e Judas?

O que faz com que estas convicções sejam abortadas? Em que eles falham?

Estas convicções superficiais são como a semente que caiu entre pedras e porque suas raízes não se aprofundaram a vida da planta murchou e foi de duração muito curta (Mt 13.5). Estas convicções são como flores que caem sem se transformarem em frutos. Estas convicções são como o cervo que foge das flechas do arqueiro para não ser atingido

por elas. São apenas uma tentativa de fuga das más conseqüências do pecado, mas não um sincero arrependimento de tristeza por causa do pecado que conduz o homem a desejar e efetivamente viver para Deus.

[3] os homens começaram alguma reforma de vida, e então eles pensam que o reino da graça certamente veio a eles; mas pode haver ilusão nisto. Um homem pode fazer os seus juramentos de que deixará o pecado por medo do inferno, ou porque lhe está trazendo vergonha ou penúria, mas o seu coração ainda ama o pecado (Os 4.8). Estes são como a esposa de Ló quando saiu de Sodoma. Estes são como a serpente que muda de pele mas mantém intacto o seu veneno. Eles desejam melhora de vida confessando a Cristo mas sem deixar de amar o seu modo de vida pecaminoso.

Assim esta reforma é apenas no comportamento exterior porque o pecado continua reinando no coração, e o seu reino não foi expulso de fato pelo reino da graça.

Nós podemos saber que a graça entrou em nosso coração somente por meio da fé. A fé é a joia mais sagrada do coração humano. A fé nos corta da oliveira brava da natureza e nos enxerta na oliveira santa que é Cristo. A palavra hebraica para fé é emunah, e significa firmar, radicar, ser fiel, verdadeiro, estável. Fé no hebraico tem o sentido de raiz que sustenta a árvore. E a raiz além de sustentar, tem a função de nutrir. Então ao designar a fé como o meio pelo qual a graça é

sustentada e nutrida, Deus nos deu um firme fundamento, de maneira que se diz que o justo viverá pela fé (Hc 2.4).

E a verdadeira fé é forjada pelo ministério da palavra, porque vem por se ouvir a pregação da Palavra de Deus (Rom 10.17).

203

A verdadeira fé é no princípio pequena como um grão de mostarda, e está cheia de dúvidas e temores. É tão pequena que um crente não pode discernir se ele tem fé ou não.

O trabalho de fortalecimento da fé é longo e árduo, e demanda muitos clamores do coração, muitas orações e lágrimas, porque está empenhada num combate espiritual. A alma sofre muitas humilhações dolorosas antes de que a criança da fé nasça.

Mas uma fé verdadeira, ainda que pequena é suficiente para purificar. A fé justificadora faz isto num senso espiritual e remove as montanhas do pecado, e as lança no mar do sangue de Cristo.

Nós podemos conhecer que o reino da graça entrou no nosso coração tendo a graça do amor. E se nós amarmos a Deus corretamente, nós amaremos os seus mandamentos e a Sua presença nas suas ordenanças.

Nós podemos conhecer que o reino da graça entrou no nosso coração por ter antipatia e oposição a todo tipo de pecado conhecido.

Mas um filho de Deus pode ter o reino da graça no seu coração e ainda não conhecer isto. É possível que a semente da Palavra esteja semeada no coração mas ainda não ter germinado. A semente não está perdida porque está escondida.

Mas antes que o reino da graça entre no coração, deve haver alguma preparação para isto. O solo deve ser arado e preparado. É possível que o arado da lei não tenha se aprofundado o bastante para produzir a humildade de espírito necessária.

Deus não prescreve uma proporção exata de tristeza e humilhação. A Bíblia menciona a verdade da tristeza no arrependimento, mas não a medida. Alguns são mais pecadores do que outros, e têm que ter um grau maior de humilhação.

Há uma grande diferença entre a fraqueza da graça e a falta da graça. Um homem pode ter vida, embora esteja doente e fraco. A graça fraca não será menosprezada, mas apreciada. Cristo não a apagará e nem a quebrará. Uma graça fraca nos unirá a Cristo tanto quanto uma graça forte. Uma mão fraca de fé pode receber as esmolas dos méritos de Cristo tanto quanto a mão forte.

A graça é como as águas que procedem do santuário de Deus e que vão subindo cada vez mais de volume à medida que elas avançam.

Um crente pode ter um pouco de dureza no seu coração, mas não terá um coração duro de pedra. Um campo de trigo pode ter joio nele mas nós o chamados de campo de trigo.

O reino da graça quando está estabelecido no coração traz juntamente a paz com ele, e por isso se diz que o reino de Deus é justiça e paz (Rom 14.17). Há uma paz secreta que procede da santidade. E a paz é a melhor bênção de um reino. A paz é melhor que vitórias incontáveis. Assim, o reino da graça é um reino de paz. E se a graça é uma raiz, a paz é a flor que cresce a partir dela.

O reino da graça enriquece a alma. Um reino tem as suas riquezas. É dito que um crente é rico em fé (Tg 2.5).

O reino da graça dá firmeza ao coração (Sl 57.7). Antes que o reino da graça se estabeleça no coração ele é intranquilo, mas quando a graça vem o coração acha descanso e tranquilidade.

Mas assim como o agricultor não pode esperar a colheita se não semear, de igual modo não se pode ter a graça sem trabalhar. Não devemos pensar que a graça nos virá como o maná veio a Israel no deserto, sem que precisassem arar ou semear. Não, nós devemos ousar, operar, suportar dores pela graça. Nossa salvação custou sangue a Cristo, e a nós custará suor.

A oração do Senhor ensina que devemos pedir "venha o teu reino", e isto significa também que devemos pedir a Deus que nos dê o reino da graça. Nós devemos dizer que nós queremos este reino da graça, que nós queremos um coração humilde e que creia. Se Ele nos chama a sermos enriquecidos com a Sua graça, então sejamos

importunos em nossas orações pedindo-lhe mais graça.

Mas não esqueçamos que esta graça sempre nos virá na maioria das vezes por nos colocarmos debaixo da Palavra pregada, porque foi este o meio normal que Deus estabeleceu para nos dar e aumentar a nossa fé. O poder de Deus vai junto com a pregação da Sua Palavra, e se falta este poder, é porque a palavra que está sendo pregada não é propriamente a Sua Palavra.

Por que nós devemos orar “venha o teu reino” quando o reino da graça já se encontra estabelecido na alma?

Nós devemos orar assim para que a graça seja aumentada e que o seu reino possa florescer ainda mais em nossas almas.

Quando um crente tiver maiores graus de graça, haverá mais óleo na sua lâmpada, o seu conhecimento será claro, o seu amor mais inflamado. A graça é capaz de graus e pode subir mais alto como o sol no horizonte. Não se dá conosco o que diz respeito a Cristo que recebeu o Espírito sem medida (João 3.34). Ele não pode ser mais santo do que Ele era, mas nós

205

podemos ter mais santidade, e acrescentar mais cúbitos à nossa estatura espiritual.

Quando o reino da graça aumenta o crente terá mais força do que dantes. Aquele que tem as suas mãos limpas será cada vez mais forte. E terá

forças para resistir à tentação, para perdoar seus inimigos, para sofrer aflições. Não é fácil sofrer, e por isso o crente tem que se negar antes que possa carregar a cruz.

O reino da graça aumenta quando o crente entra em batalha contra as corrupções espirituais, quando ele se priva de praticar todo tipo de mal, e combate em seu interior as corrupções escondidas mais íntimas como orgulho, inveja, hipocrisia, pensamentos vãos, e todo tipo de confiança carnal.

“Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.” (II Cor 7.1).

Assim quando nós nos purificamos de toda a imundícia da carne e do espírito, a santidade é aperfeiçoada e o reino da graça aumenta e espalha seus territórios na alma.

O reino da graça aumenta quando um crente aprende a viver por fé (Gál 2.20).

O reino da graça floresce quando o crente estiver cheio de zelo santo. O zelo é a chama dos afetos e transforma um santo num Serafim, palavra que no hebraico significa fogo. E a chama dos afetos produz fervor, e por isso este crente ferverá tanto no testemunho do amor de Deus quanto no zelo pelo Seu santo nome quando estiver sendo desonrado. Ele lutará contra as dificuldades e nadará por Cristo num mar de sangue.

O reino da graça aumenta quando um crente é diligente tanto em relação à sua chamada particular, quanto à geral. Porque quando estamos familiarizados e convictos da nossa chamada nós somos mais úteis a outros.

O reino da graça aumenta quando um crente se estabelece na convicção e amor à verdade. Quando a alma está edificada na rocha que é Cristo nenhuma tentação poderá vencê-la. Atanásio era invencível e inflexível em relação à sua estabilidade na verdade. Ele estava arraigado (com raízes) e edificado em Cristo (Col 2.7). E o enraizamento da árvore garante o seu crescimento.

Por que há necessidade que o reino da graça aumente?

206

Porque sem isto não é possível edificar o corpo de Cristo (Ef 4.8-12). Por isso Deus não somente estabeleceu ministérios e deu dons espirituais à Igreja, como também visa através do exercício deles à edificação do corpo de Cristo em amor até que todos cheguem à plena maturidade espiritual.

Nós precisamos do aumento do reino da graça porque nós temos muito trabalho para fazer e a seara é grande e poucos os obreiros. A vida de um crente é trabalhosa: há muitas tentações para resistir, muitas promessas para crer, muitos preceitos para obedecer, de maneira que isto requererá muita graça. À medida que o trabalho

aumente há necessidade também de um aumento da graça.

“Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus que está comigo.” (I Cor 15.10).

Se o reino da graça não aumentar no coração ele se deteriorará e poderemos ouvir do Senhor que temos deixado o nosso primeiro amor (Apo 2.4). E as coisas que permanecem estão prontas para morrer (Apo 3.2). Embora a graça não possa expirar, no entanto pode murchar, e um crente murcho perde muito da sua beleza e fragrância. Então que grande necessidade nós temos de orar “venha o teu reino.”, para que este reino da graça possa ser aumentado.

“antes cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” (II Pe 3.18 a).

Por falta de aumento da sua graça, um crente perde a sua força e fica como um homem doente que não pode caminhar e trabalhar, as suas orações estão doentes e fracas, e é como se não houvesse nenhuma vida nele. E a pulsação do amor no seu coração quase não bate.

Os crentes são chamados de árvores de justiça (Isa 61.3) e a seiva desta árvore espiritual é a graça, sem a qual ela não pode crescer e ser saudável.

Eles são também chamados de luz do mundo, e uma luz fraca pouco pode iluminar, e assim há

necessidade de que aumente, e o que a faz aumentar é a graça.

E como esta graça é de Jesus (At 15.11; I Cor 16.23; II Cor 13.13; Apo 22.21; II Tim 2.1; Ef 6.10; II Pe 3.18) todo aumento de graça deve portanto ser buscado nEle e na Sua Palavra. Toda a pureza que nós precisamos está nEle e procede da fé nEle. Assim também todo a fé, todo o amor, toda a força, toda a alegria e tudo o que diz respeito à vida espiritual que somos chamados a viver e a dar testemunho.

207

Quanto mais o Espírito Santo iluminar o coração mais o crente poderá conhecer as suas imperfeições e poderá confessá-las para que seja purificado e aperfeiçoado pela graça.

Agora, além de orar pelo reino da graça, nós oramos para que o reino da glória possa se apressar. E o que é este reino da glória? Quais são as suas propriedades? No que ele excede todos os demais reinos? Quando este reino virá? Em que se apoia a certeza da sua vinda? E por que nós devemos orar para a sua vinda?

Primeiro este reino significa a condição gloriosa que os santos desfrutarão para sempre com Deus e com os anjos.

Este reino de glória significará a liberdade de todas as necessidades da natureza. Nós estamos nesta vida sujeitos a muitas necessidades, nós precisamos de comida, de roupas, de repouso, e de muitas outras coisas, mas no reino do céu não

haverá nenhuma necessidade destas coisas. Nós não precisaremos destas muletas, e é bem melhor não necessitar de muletas do que tê-las. Que necessidade haverá de comida para corpos espirituais? (I Cor 15.44). Que necessidade teremos de sono onde não há noite?

No reino do céu nós seremos livrados das imperfeições da natureza. O nosso próprio conhecimento natural é imperfeito por causa da Queda. Há muitos nós duros na natureza que nós não podemos desatar facilmente. E nossa ignorância sempre será maior do que o nosso conhecimento.

Nosso conhecimento de Deus é imperfeito. Nós o conhecemos, mas em parte, apesar de termos recebido dEle tantas revelações (I Cor 13.9). Nós temos senão concepções obscuras sobre a Trindade, bem como não podemos compreender todo o poder, onisciência e glória de Deus. Mas quando a luz da glória começar a brilhar no horizonte divino, todas as sombras da ignorância serão dissipadas, e a nossa lâmpada brilhará intensamente com um conhecimento completo de Deus.

No céu não haverá nenhuma necessidade de se labutar pela glória, porque nós teremos a glória pela qual lutamos neste mundo.

Nós descansaremos das nossas obras (Apo 14.13). Assim como Deus descansou no sétimo dia depois de ter concluído a obra da criação, nós também

descansaremos do nosso trabalho para a nossa santificação depois que ele tiver sido concluído.

No reino do céu nós seremos livrados completamente da corrupção original que é a raiz e causa de todo tipo de pecado presente. No reino do céu a fonte do pecado original será secada totalmente. E que tempo

208

abençoado será este em que nunca mais entristeremos o Espírito Santo com os nossos pecados.

No reino do céu nós estaremos completamente fora do alcance da tentação de Satanás, que ficará para sempre preso em cadeias.

No reino do céu nós estaremos para sempre livres de cuidados; de temores; e de todo tipo de dúvidas.

No reino do céu haverá unidade perfeita em amor entre todos os crentes. Lá não haverá jamais qualquer divisão.

Nós não teremos falta de qualquer coisa no reino do céu, e teremos uma íntima comunhão com o próprio Deus que é um oceano inesgotável de toda a felicidade. Nós veremos Deus face a face (I Cor 13.12).

Além da visão gloriosa do Senhor Jesus em Seu corpo glorificado, nós veremos os anjos e os santos que partiram para a glória antes de nós, e que comunhão maravilhosa não será esta com os

santos glorificados! A alegria procede da união e os santos estarão perfeitamente unidos pelos laços do amor de Cristo. Nós não podemos viver a plenitude desta unidade aqui na terra porque há muitas imperfeições, tentações e ataques do reino das trevas contra a unidade dos santos, mas no reino da glória do céu nada disto arranhará a perfeita unidade dos crentes, e assim eles terão completa alegria. Tão importante e vital é esta união para a nossa alegria que nós somos exortados insistentemente na Palavra a lutar para preservar esta unidade no vínculo da paz. Por isso Satanás procura por todos os meios e modos dividir os crentes, pois sabe que com isto consegue roubar a alegria deles no Senhor e uns com os outros. Mas no céu não pode haver mais nenhuma tristeza porque o coração dos santos glorificados estará cheio de santa alegria permanentemente.

Um reino insinua honra, e por isso os santos serão honrados no reino do céu recebendo coroas. E uma coroa é um sinal de poder real. E não seria honroso receber uma coroa depois de todas as nossas lutas contra o pecado e contra Satanás?

No reino do céu nós teremos um descanso abençoado, e toda agitação de espírito terá cessado. As ansiedades e perturbações de mente também cessarão.

A glória do reino do céu é sólida e significativa. A palavra hebraica para glória significa peso, para mostrar quão pesada e sólida é a glória do reino

celestial. A glória do reino mundano é etérea e passageira.

Há uma certeza e uma infalibilidade do reino de glória porque Cristo disse que foi do agrado do Pai dar aos santos um reino (Lc 22.29); e este reino

209

foi adquirido por preço, porque Cristo o comprou para nós com o Seu sangue (Hb 10.19). A cruz de Cristo é a chave do paraíso celestial; e o sangue de Cristo é a chave que abre os portões do céu. Se os santos pudessem perder o reino do céu, então Cristo também teria a sua compra e propriedade perdidas. Ele jamais desprezaria o duro trabalho da Sua alma para poder comprar tal propriedade (Is 53.11). Todo o Seu sofrimento na cruz teria sido vão. Então como isto é impossível de ocorrer, nós podemos ter a certeza da infalibilidade da vinda deste reino de glória.

Cristo orou para que os santos pudessem estar com Ele no seu reino (João 17.24). E se os santos não pudessem entrar neste reino divino a oração de Cristo seria frustrada. Mas isto não pode suceder porque Ele é o favorito do Pai, e sempre é atendido por Ele (João 11.42).

A certeza da vinda do reino de glória repousa também no fato de que Cristo ascendeu ao céu como precursor da nossa própria entrada. Ele subiu para que nós pudéssemos também subir para estar para sempre com Ele (João 14.2).

Os eleitos podem ter como certa a entrada deles no reino dos céus porque eles estão inseparavelmente unidos a Cristo como membros do Seu corpo. Os arminianos afirmam a possibilidade de uma pessoa justificada pela fé cair da graça e assim a sua união com Cristo seria dissolvida e o reino perdido; mas eu pergunto a eles se Cristo pode perder um membro do Seu corpo? Como ficaria este corpo sem alguns membros que foram planejados pelo Pai para estarem nele, de maneira que o corpo seja perfeito e não um aleijão? Por isso é afirmado na Palavra que todos os eleitos serão salvos e nenhum deles será perdido (João 6.37, 39; II Pe 3.9).

Nós temos que orar “venha o teu reino” porque Deus não fará com que ele venha sem oração. Este reino é muito precioso e nós devemos reconhecer o seu valor orando para que ele venha. Deus se agrada de que demos o devido valor ao que é verdadeiramente eterno, inabalável e glorioso. Nós devemos demonstrar que é sincera a nossa oração pela vinda do reino pelo nosso desejo de sermos livrados completamente do pecado e vivermos em perfeita e eterna santidade diante de Deus; e pelo nosso desejo de vê-lo face a face.

Nós devemos orar pela vinda do reino de glória porque será na sua manifestação que o reino do diabo será definitiva e completamente desfeito.

Moisés desejou ardentemente ver ainda que fosse somente um lampejo da glória de Deus, e como não desejaríamos ver a plenitude desta glória? Então devemos orar “venha o teu reino.”.

Ninguém deveria deixar de examinar o seu coração para saber se irá para o reino de glória depois da sua morte. O céu é chamado de um reino preparado (Mt 25.34). E como nós podemos saber que este reino está preparado para nós?

Nós podemos saber isto se nós estamos preparados para o reino.

Como isso pode ser conhecido?

Sendo pessoas santas. Um coração terrestre não está em nada ajustado para o céu, tal quanto um grão de terra está ajustado para ser uma estrela.

Seria um milagre achar uma pérola numa mina de ouro; e seria um grande milagre achar Cristo, a pérola de grande preço, num coração terrestre. Nós iríamos para o reino do céu?

Nós somos santos? Nossos pensamentos se ocupam com os interesses deste reino celestial?

Nós somos santos em nossos afetos? Nós fixamos nossos afetos no reino do céu? (Col 3.2). Se nós formos santos, nós menosprezamos todas as coisas aqui debaixo em comparação com o reino de Deus; nós veremos o mundo senão como uma bela prisão; e nós não estaremos satisfeitos em achar nossos corações acorrentados ao mundo, ainda que as correntes sejam feitas de ouro,

porque os nossos corações estarão no céu, tal como o Senhor nos ensinou e ordenou.

Nós somos santos na nossa conversação? Nosso idioma é o da Canaã celestial? Há muitos que afirmam que irão para o reino do céu mas nada se vê na fala deles acerca das coisas deste reino, senão somente das que são do mundo.

Nós estamos em viagem para o céu e nunca falaremos das coisas do lugar para o qual estamos viajando? Nisto, muitos revelam que não pertencem ao céu porque do que o coração está cheio a boca fala. E o coração de muitos não está definitivamente nas coisas celestiais senão apenas nas que são deste mundo.

Nós trabalhamos em favor do reino do céu, empenhando-nos para ganhar almas para Cristo?

Nós somos santos que procuram imitar o seu Pai celestial? Nós buscamos a semelhança com Cristo?

Se nós formos santos nós podemos ter a certeza de que nós iremos para o reino do céu quando nós morrermos porque está assegurado que é pela

211

evidência da santificação que nós podemos estar seguros de pertencer a Deus e de que veremos a Sua face (Hb 12.14).

Verdadeiramente há muita razão para que nós sejamos santos em nossos pensamentos, afetos e conversação, se nós considerarmos que o fim

principal pelo qual Deus nos deu nossas almas, é para que pudéssemos ser participantes do reino do céu, e no céu tudo é puro e santo.

Se há um tal reino de glória esperando por nós, é então nosso dever aperfeiçoar a santidade com temor e tremor. E este temor não é um temor de desconfiança ou dúvida que desencoraja a alma, mas o santo temor de diligência que nos faz aplicados nas coisas espirituais, celestiais e divinas. Temor que faz com que os cristãos sonolentos sejam despertados e vigiem em todo o tempo. Com este temor nós perseveraremos e podemos ter em todo o tempo a certeza da garantia de possuímos o reino pelo qual oramos “venha o teu reino.”.

Entretanto nunca devemos esquecer que o que garante a entrada neste reino celestial é a justiça que excede em muito a dos escribas e fariseus, isto é, a justiça do evangelho que é pela fé em Cristo. Sem isto, por mais gloriosa que possa ser a profissão religiosa de alguém como era a dos escribas e fariseus, no entanto este alguém estará muito longe do reino. Os escribas e fariseus sentavam-se na cadeira de Moisés, pois se apresentavam ao povo como os representantes legítimos da religião que Deus revelou a Moisés, e os judeus pensavam que se apenas duas pessoas fossem para o céu, uma seria o escriba e a outra o fariseu, mas Jesus revelou o quanto a justiça deles estava distante da única justiça que pode garantir a entrada no reino, porque não se baseava na justiça que é pela fé, mas na justiça das obras

baseada na lei. Sem a cobertura do sangue de Jesus e sem nascer de novo do Espírito Santo ninguém pode ver o reino dos céus.

Assim um homem pode ser um cumpridor de ritos e ordenações e ainda não encontrar o reino. Um homem pode lamentar pelo pecado e ainda não achar o reino divino. Um homem pode ter bons desejos e ainda estar fora do reino.

Muitos pecadores desejam misericórdia, mas não graça; eles podem desejar a Cristo como Salvador, mas não como Santo e Senhor; eles desejam a Cristo apenas como uma ponte para conduzi-los ao céu.

Um homem pode abandonar os pecados de embriaguez, impureza e outros vícios e ainda estar fora do reino. Ele pode abandonar muitas

212

formas de pecado, mas ainda não ter nenhuma luta contra o pecado em seu coração.

É possível que muitos deixem de praticar certos pecados por temerem o inferno, ou porque lhes traz vergonha e penúria, contudo ainda amam o pecado. E como se entregam a uma reforma parcial que não é operada pelo Espírito Santo, e não tendo a sua culpa cancelada pelo sangue de Cristo, eles perdem o reino de glória.

Todas as lágrimas no inferno não serão suficientes para lamentar a perda do reino do céu. Aqueles que perdem o reino divino, perdem a doce presença de Deus, e é somente na Sua

presença que pode haver plenitude de alegria (Sl 1611).

Se Deus é a fonte de toda a felicidade, então, estar separado dEle, é a fonte de toda a miséria.

Os ímpios não lamentam a perda do reino da glória enquanto estão neste mundo porque não conhecem o seu verdadeiro valor. Mas isto será revelado a eles quando estiverem no inferno e então lamentarão, porque saberão que desprezaram uma pedra preciosa de infinito valor. Quando alguém perde um diamante sem saber que se tratava de uma pedra preciosa, não lamentará a perda, mas quando vier a conhecer o valor do que perdeu, certamente lamentará.

Os eleitos, que têm garantida a sua entrada no reino, não devem ser negligentes e indolentes nas ações e orações necessárias para apressar a vinda do reino de glória, porque se Deus não poupará aqueles que desprezaram o reino sujeitando-os a uma condenação eterna, a quantas dores não poderão ficar sujeitos os filhos de Deus que viverem de maneira contrária à Sua vontade, porque em vez de viverem pela fé na busca de uma vida frutífera, deixam-se vencer pela dureza de seus corações incrédulos e indolentes que desprezam a Canã celestial e preferem voltar ao Egito de escravidão, incorrendo no mesmo erro dos israelitas dos dias de Moisés. Por isso a Palavra exorta os crentes a não incorrerem no mesmo exemplo de desobediência, de modo a terem a plena certeza da entrada deles no descanso de Deus.

“Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.” (Hb 4.11).

“12 Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo.

213

13 Antes, exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado;

14 Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim.

15 Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, Não endureçais os vossos corações, como na provocação.

16 Porque, havendo-a alguns ouvido, o provocaram; mas não todos os que saíram do Egito por meio de Moisés.

17 Mas com quem se indignou por quarenta anos? Não foi porventura com os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto?

18 E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes?

19 E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade.” (Hb 3.12-19).

Pela fé em Cristo temos garantida a nossa entrada no reino de glória, mas importa viver de modo digno desta entrada que nos foi concedida, a saber, não na incredulidade, mas crescendo na fé, pela qual temos entrado no reino.

A incredulidade manteve Israel fora de Canaã. E a incredulidade mantém muitos do lado de fora do céu. A incredulidade é um inimigo da salvação, é o pior dos pecados, porque sussurra que temos vivido na terra sem o céu e que poderemos viver sem o céu depois de termos deixado este mundo. A incredulidade destrói a esperança, e impede que aguardemos pelo reino prometido. A incredulidade produz pensamentos contrários a Deus, e O apresenta como um Juiz severo, que desencoraja a alma de muitos por fazer exigências pesadas. Ninguém que ame viver na carne achará de fato a bondade, o amor e a doçura que se encontram em Deus, e o grande prazer em servi-lo. Os próprios crentes carnais não podem suportar o alimento sólido de Deus, senão se alimentarem de leite. E isto não é para se admirar porque a carne luta contra o Espírito. A carne não tem prazer na Lei de Deus e não se sujeita a ela. Por isso se ordena a mortificação da carne para que se possa amar e servir a Deus. No final dos tempos, por causa da multiplicação da iniquidade que esfriará o amor a Deus de muitos, os crentes carnais rejeitarão até mesmo o leite genuíno pelo qual deveriam obter crescimento até poderem se nutrir de alimento sólido (I Pe 2.2). A vontade de Deus será um fardo para eles, especialmente a

ideia de que devem santificar as suas vidas purificando

214

os seus corações pela fé no sangue de Jesus e pela aplicação da Palavra pelo Espírito Santo às suas vidas. E como rejeitarão o que é necessário para que a fé possa crescer e ser nutrida, alguns apostatarão da fé, e não somente negarão o Senhor como a Sua Palavra. Este será um golpe duro para o coração bondoso e amoroso do nosso Pai. Por isso os crentes são alertados sobre o dever de se exortarem mutuamente à santidade, e isto deve ser intensificado quanto mais o tempo de consumação de todas as coisas se aproxima.

Jesus diz que o reino do céu é tomado por esforço, e que muitos tentarão entrar no reino mas não conseguirão, porque há critérios que foram estabelecidos por Deus para tal entrada, e se o homem não se sujeitar aos critérios de Deus e obedecê-los todo o seu esforço terá sido em vão.

Assim ninguém deve se gloriar na sua salvação a não ser que esteja de fato se santificando diariamente e cumprindo as condições estabelecidas por Deus para perseverar na prática da verdade (II Pe 1.5-10).

E a quase totalidade do esforço que se exige do crente para entrar no reino consiste na fé em Cristo como seu redentor. Cristo pagou o preço para nos resgatar da escravidão do pecado, das trevas, e da maldição da lei. E é pela Sua graça, mediante nossa fé nEle, que o trabalho de

regeneração e santificação do Espírito Santo é levado a efeito. Importa pois permanecermos em Cristo em todo o tempo, e isto se faz, como dissemos antes, pelo exercício constante da fé nos Seus méritos e obra. Enquanto caminharmos olhando para o autor e consumidor da fé, tudo irá bem, e nada há que temer. Esta é a condição mesma da perseverança dos santos que lhes dará a certeza de entrada no reino, e daí se dizer que aquele que perseverar até o fim será salvo, porque todo crente autêntico, todo verdadeiro filho de Deus perseverará na fé e se esforçará para crescer na graça e no conhecimento de Jesus. Deus ensina e ordena isto na Bíblia, para que ninguém erre o alvo ou viva em dúvidas quanto à certeza da sua entrada no reino de glória.

Cristo é a brilhante estrela da manhã, e somente Ele pode iluminar o caminho que conduz ao céu.

Os filhos de Deus não devem ser como os incrédulos que são preconceituosos quanto à retidão de Cristo. Eles olham para Ele como sendo austero e as suas leis como sendo muito severas, tal como se referiu a Ele o homem da parábola que enterrou o seu único talento, e que não se animou em trabalhar para Cristo para fazer com que ele rendesse. Nós devemos nos desvencilhar destes laços dos ímpios e lança-los para bem

215

longe de nós (Sl 2.3). Para as pessoas más as leis de Cristo são um jugo, porque elas não gostam de viver debaixo de restrição, e de fato odeiam a

Cristo, porque lhes impõe muitas restrições. Tais pessoas prezam a ideia de que são livres e que têm liberdade para pensar e agir como acham que melhor lhes convenha, e não pautam seu procedimento pela Palavra do Senhor. Mas muitos destes fingem amar a Jesus como um Salvador, enquanto O odeiam quanto à Sua santidade.

Os homens são preconceituosos em relação às verdades de Cristo, especialmente à relativa à autonegação. Mas para entrar no reino o homem tem que negar a sua própria justiça (Fp 3.9).

Os homens são preconceituosos aos seguidores de Cristo. Os que seguem fielmente a Cristo passam uma repreensão nos modos dos que são do mundo, pelo seu testemunho de vida, e por isso são rejeitados e odiados.

Mas há outro grupo dentre os seguidores de Cristo, que por viverem debaixo de uma máscara de devoção, vivem na prática deliberada do pecado e assim geram outra forma de preconceito. Mas a religião de Cristo e o Seu evangelho ensinam tal tipo de procedimento destes que não santificam o nome de Deus? O Mestre deve ser considerado mau porque alguns dos seus discípulos são ruins?

Rejeitar o valor da santidade e da justiça de Deus por cuja rejeição Ele sujeitará os incrédulos a julgamento e a uma condenação eterna, e afirmar apenas a bondade e misericórdia de Deus como garantia de entrada no reino de glória é uma

grande ilusão, e tem propiciado ao diabo poder enganar a muitos, que em vez de se deixarem persuadir pela Palavra que impõe o dever da santidade para se livrar da condenação futura, deixam-se enganar pela ideia anti-bíblica de uma salvação universal de todos os homens, por causa da misericórdia de Deus, apesar dEle ter revelado expressamente na Sua Palavra que o juízo será sem qualquer misericórdia. Quando não se crê na verdade da Palavra revelada pelo próprio Deus para se crer em ilusões criadas pelos próprios homens ou por inspiração de demônios, corre-se o risco de não se ter o devido temor de Deus e horror ao pecado, e não se buscar converter dos maus caminhos para viver em santidade de vida para Deus. Jesus morreu e ressuscitou e nos deu o dom do Espírito Santo para este propósito de purificar um povo zeloso de boas obras para Deus.

Os homens devem ser ajudados pelos servos de Deus a deixarem as suas ilusões e se voltarem para a verdade da Palavra, de maneira que sendo persuadidos pela verdade venham a se arrepender dos seus pecados e

216

serem transformados em novas criaturas pela fé em Cristo, tendo sido justificados dos seus pecados, pela fé no Seu sangue.

Outra grande ilusão é a confiança nas riquezas e nas posições de glória e fama mundanas que são incertas e passageiras e nada podem realizar quanto à salvação da alma. As riquezas mundanas

são usadas como armadilhas pelo diabo para trazer espíritos cobiçosos em escravidão. As riquezas são armadilhas douradas que mantêm os homens encarcerados na prisão do pecado. A rocha íngreme que conduz ao céu não pode ser escalada com o peso das riquezas amarrados em nossas pernas. O amor ao mundo (I João 2.15) prende nossas cabeças ligadas somente ao que é terreno e nos impede de pensar nas riquezas que são do céu. Josué pôde parar o curso do sol, mas não a cobiça de Acã. Dificilmente a fortaleza da cobiça pelas riquezas terrenas se deixará vencer pela persuasão da graça que se deve entesourar para a vida do céu. Quão dificilmente um rico entra no reino dos céus.

Há pecados que são tão queridos a uma pessoa que se livrar deles seria o mesmo que arrancar um olho ou um braço. E como seria muito dolorosa para eles tal separação do pecado eles preferem não entrar no reino e continuar acalentando aquele pecado específico que lhes é muito caro. Um rei para poder fugir do seu inimigo teve que se livrar da sua pesada coroa de ouro. De igual modo se o pecado que é tão caro e pesado para qualquer pessoa, se não for abandonado, acabará sendo o peso que a afundará no inferno e impedirá a sua subida para o reino do céu.

Se alguém não deseja perder o reino do céu deve dar atenção ao tipo de companhia que lhe agrada. Se é a má companhia como podemos continuar amando a Deus fazendo-nos íntimos daqueles que

O odeiam? Paulo diz que não devemos evitar o contato com os incrédulos porque para isto seria necessário sair do mundo, mas nem por isso devemos escolher voluntariamente a má companhia (I Cor 5.10,11). O que fazem as pombas de Cristo entre as aves de rapina? O que fazem as virgens entre as meretrizes? Se a armadura brilhante for encostada na armadura enferrujada, a armadura brilhante não fará brilhar a enferrujada, mas esta deteriorará a armadura brilhante. O mal corromperá o bem mais rápido que o bem converterá o mal. Há um estranho poder atraente na companhia má para corromper e envenenar as melhores disposições. Lance uma bola de fogo na neve, e o fogo será extinto. Assim, também entre os ímpios o fervor será perdido.

217

Depois disto, aquele que antes tinha o seu olhar e coração no céu, começará a ser desencorajado e gradualmente cairá da graça. E deste modo, tudo que dantes ele prezava na sua comunhão com Deus ele passará a desprezar aos poucos, até chegar ao ponto de se desgostar e odiar o seu procedimento sóbrio que tinha anteriormente. Ele passará a ser um Ismael que zombará dos Isaques de Deus, porque a liberdade deles lhes custa a obediência ao Senhor.

Se alguém não deseja perder o reino do céu não deve permitir ser dirigido pela carne. A carne é um inimigo que está dentro do castelo e que se encontra bem armado para destruí-lo. A carne é um mau conselheiro e procura insistentemente

nos afastar do caminho de Deus e da Sua presença. A carne se ufana da sua relação íntima carnal para protestar direitos diante de Deus, mas Jesus diz que aquele que amar mais a seus familiares do que a Ele, não é digno dEle, em outras palavras, se alguém rejeita a santidade de Deus por insinuação de algum parente próximo, não pense que com isto estará sendo desculpado pelo Senhor, porque importa agradar a Deus e desagradar a tal parente que procura nos afastar da Sua presença, pelo caminho de tentar impedir a nossa consagração e santificação. Uma esposa no seio pode ser um tentador. A esposa de Jó era assim (Jó 2.9). Ela o confrontou indagando de que havia adiantado ele ter servido a Deus em integridade? Onde estavam os salários que segundo ela eram devidos a Jó por Deus? Assim ela sugeriu por inspiração do diabo que Jó renunciasse ao seu Deus, que se livrasse dEle de uma vez para sempre. Aqui estava uma tentação que foi entregue a ele pela sua própria esposa. A mulher foi feita da costela, mas o diabo transformou esta costela numa seta para atirá-la no coração de Jó, mas a fé do patriarca extinguiu o fogo do dardo ígneo do diabo. Precavenha-se portanto de relações familiares. Não é por serem familiares que estarão necessariamente do lado da justiça e da verdade, enfim de Deus e da Sua Palavra. A família do próprio Cristo tentou infamá-lo dizendo que estava louco, e tentaram prendê-lo. O diabo sempre procurará atuar especialmente através das pessoas que nos são mais queridas para tentar nos dissuadir da nossa perseverança no caminho da verdade. Ele apelará

aos nossos afetos como fez com Eva em relação a Adão no Éden. Jerônimo disse que se o seu pai tentasse persuadi-lo a negar a Cristo, ou se sua mãe o tentasse por acalentá-lo no seu seio, ou mesmo sua esposa através do encanto dos seus abraços, ele abandonaria tudo e voaria para Cristo.

218

Precavenha-se da apostasia e saiba que há muitos perigos, tentações e armadilhas no caminho que conduz ao reino do céu. Quem pensa estar de pé veja que não caia para não perder o seu galardão. Aquele que perde o prêmio da sua vocação por naufragar na fé não pode vir ao porto da glória.

Tertuliano disse que parece que o apóstata coloca Deus e Satanás numa balança, e tendo pesado ambos os seus serviços, prefere o serviço do diabo, e proclama ser ele o melhor mestre, e deste modo expõe Cristo à vergonha (Hb 6.6).

Então aqueles que desejam ter a firme certeza de que estarão no reino da glória devem abandonar toda sugestão do ego em justiça própria, e se exercitarem de fato em autonegação conforme lhes é ordenado por Jesus. Nós temos que nos precaver contra a justiça própria (Fp 3.9). A justificação da graça que é somente pela fé, e que garante a entrada no reino da glória, nada tem a ver com civilidade ou moralidade, mas com santidade operada pelo Espírito Santo mediante aplicação da Palavra de Deus.

A civilidade e a moralidade são uma estrada boa para caminharmos entre os homens, mas é uma escada imprópria para subir ao céu.

Nós devemos negar nossas boas obras quanto ao que diz respeito à justificação. Nós devemos negar toda justiça nascida do ego e confiar inteiramente em Cristo.

E devemos adquirir uma amor pelo céu. O amor põe o homem em ação para obtenção do objeto amado. E se exige um grande amor pelo céu para lutarmos para a obtenção do seu reino. Se for revelado a nós pelo Espírito o valor infinito da pérola da salvação, nós tudo faremos para obter esta pérola. O céu é um lugar de descanso e alegria, é um paraíso, e nós não o amaremos? Ame o céu e você não o perderá. O amor vence toda oposição e nos faz caminhar na tempestade. Embora lute nunca cairá cansado.

Nós não podemos esquecer que somos comerciantes da pérola de grande preço e que isto demanda de nós total empenho no serviço de Deus porque é para Ele que estamos neste negócio espiritual. Nossas melhores horas são aquelas que gastamos no serviço de Deus. É fazendo assim que se conquista o reino do céu por esforço.

Nós devemos fazer o voto sagrado de que caminharemos mais próximo do Senhor e que procuraremos estar compromissados com os interesses do céu mais vigorosamente. O voto liga o votante ao dever, e ele olha para o voto como

uma obrigação que ele tem para com Deus. Neste sentido muito ajuda para que o corpo de Cristo seja saudável que sejam feitos votos de consagração por todos os crentes, em conjunto. Estas amarras

219

da consciência lhes ajudará no cumprimento do Seu dever para com o Senhor, e não permitirá que os objetivos voltados para a sua santificação sejam dispersados.

Mas devemos fazer também votos individuais, assim como Jó que fez uma aliança com os seus próprios olhos para não contemplar o mal (Jó 31.1). A entrada de muitas cobiças vem pelo olhar, tal como Eva cobiçou o fruto proibido no Éden. Primeiro ela olhou, e então cobiçou. O olho ao ver um objeto impuro coloca o coração em chamas, e o diabo rasteja frequentemente na janela dos olhos. Portanto, vigie seus olhos.

Vigie também seus ouvidos. Muito veneno é carregado pelo ouvido. Deixe seu ouvido estar aberto para Deus, mas fechado para o pecado. Não aplique seu coração em considerar tudo o que você ouve. Satanás usa a estratégia de nos desencorajar, intimidar, entristecer, irar etc, pelas notícias que nos transmite por aqueles que usa como seus instrumentos. Saiba que tudo está debaixo do controle de Deus, e se o seu propósito é perseverar em santidade Ele não permitirá que você seja paralisado pelas mentiras e injúrias do diabo.

Vigiem seus corações. Nós vigiamos pessoas suspeitas. O coração é enganoso (Jer 17.9). Vigie seu coração quando você estiver com coisas santas, para que não sejam roubadas pela vaidade.

Satanás traiu Cristo através de um apóstolo. Não sejamos portanto pessoas crédulas que dão crédito a todo que se proclama ministro de Deus. Avaliemos antes os seus frutos, porque pelo fruto se conhece a árvore.

Vigie seu coração na prosperidade porque quanto mais alto o homem sobe, mais o seu coração se eleva também em orgulho. Na prosperidade você não está apenas em risco de se esquecer de Deus, mas de levantar o seu calcanhar contra Ele (Dt 32.15).

É difícil carregar uma xícara cheia sem derramar, e também carregar uma prosperidade completa sem pecar.

Quando Cristo estava jejuando e orando o diabo o tentou. E assim, mesmo quando estamos usando nossa armadura espiritual Satanás nos ataca procurando nos ferir. Oh, se você adquiriu o céu, esteja então vigilante em sua torre de vigia, e mantenha um sentinela íntimo em suas almas.

Nunca se esqueça destas três graças que indubitavelmente conduzirão você ao reino divino:

1 – O conhecimento divino. O conhecimento é a pira de fogo que vai adiante de nós e nos ilumina no reino divino.

2 – Fé que nos é dada para o fim da nossa salvação.

3 – Amor a Deus. O céu está preparado para aqueles que amam a Deus.

Cultivemos a sinceridade porque o crente sincero pode cair por falta em alguns graus da graça, mas ele nunca cairá do reino. Deus passará por cima de muitas quedas quando o coração está correto. Sinceridade significa simplicidade de coração, em quem o espírito não tem nenhuma malícia.

Nós somos sinceros quando servimos a Deus com o nosso coração, e quando não somente o adoramos, mas O amamos. O crente sincero, apesar de ter nele um princípio duplo, de carne e espírito, não tem um coração dobre, porque o coração dele é para Deus e Ele o serve e adora em espírito.

Há sinceridade quando tudo o que fazemos é para a glória de Deus.

Não é nenhuma formalidade, mas fervor que nos trará o céu. Aqueles que são mornos estão a ponto de serem vomitados da boca de Cristo. O formalista é como Efraim, um bolo que não foi virado, e assim está quente de um lado e frio do outro. No exterior, quando adora a Deus, parece estar quente, mas na parte espiritual que é no interior do coração, ele está frio. Elias foi elevado ao céu numa carruagem de fogo de zelo. É através de violência que o reino do céu é conquistado.

Se nós desejamos estar no reino divino, nós devemos prestar atenção aos movimentos do Espírito Santo em nossos corações. Movimentos para oração, para arrependimento, para santificação, para louvor, para serviço. Quando ouvirmos o som de uma marcha sobre a copa das amoreiras nós devemos nos apressar para seguir a Deus que tem saído adiante de nós. Assim, quando nós ouvirmos dentro de nós uma voz nos inspirando secretamente para que nos mexamos ao exercício dos nossos deveres, nós devemos nos mover e obedecer o Espírito. Enquanto o Espírito trabalhar em nós, nós deveríamos trabalhar com o Espírito.

Muitos não se movem com estes movimentos do Espírito e assim o entristecem, e o Espírito retira a Sua ajuda. O Espírito é comparado ao fogo, e assim, se nós negligenciamos e resistimos aos seus movimentos nós apagamos o Seu fogo santo. É o Espírito que traz o céu aos nossos corações, e como poderemos ter isto apagando o seu fogo?

Nós conquistamos o reino do céu por uma obediência alegre e constante. A obediência é a estrada pela qual nós viajamos rumo ao céu. Muitos dizem que amam a Deus, mas se recusam a obedecê-lo. Aquele que ama o rei despreza as suas ordens?

221

A obediência deve ser constante e nos conduzir ao objetivo de Deus. Se um homem deve viajar cem quilômetros para chegar a uma cidade e

desistir de prosseguir depois de ter percorrido 99 quilômetros, poderá se dizer dele que cumpriu mesmo em parte o seu objetivo? Assim nós devemos ser obedientes a Deus em tudo e com constância, até que atinjamos o objetivo.

Somente santidade será admitida no céu. Somente o puro de coração verá a Deus (Mt 5.8). A santidade é o idioma do céu, é a única moeda que circulará lá. Esta consideração nos deveria levar a nos limparmos de toda imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus (II Cor 7.1).

Nós devemos nos empenhar na santificação conhecendo a malícia implacável de Satanás. Ele inveja o fato de que nós teremos um reino enquanto ele estará excluído dele. Ele moverá então todos os poderes do inferno para nos impedir de estar no reino, e tudo fará para prevalecer contra alguns.

Que grande maravilha é esta que alguém persevere e chegue ao reino do céu! Que grande maravilha é que haja tal coisa como a perseverança. Esta perseverança dos santos é construída em três pilares imutáveis. 1 - No amor eterno de Deus (Jer 31.3); 2 - Na aliança da graça (Jer 32.40); 3 - Na união dos crentes com Cristo, em que Ele é a cabeça e eles os membros do Seu corpo. Assim como é impossível separar o fermento da farinha depois que eles são incorporados, de igual modo não se pode mais separar um crente do amor de Deus que está em

Cristo Jesus depois deles terem sido unidos um ao outro.

E o crente persevera pela ajuda do Espírito Santo. É o Espírito que mantém a essência e semente da graça e faz com que as faíscas da graça produzam uma chama santa. Ele é o óleo que queima em nossas lâmpadas.

Cristo causa a perseverança e faz com que um santo continue caminhando em direção ao reino divino por meio da Sua poderosa intercessão. Ele é tanto um Advogado quanto Protetor do Seu povo para que os santos cheguem em segurança no reino do céu.

É ordenado aos crentes que busquem o reino de Deus em primeiro lugar. O reino deve ser buscado acima de qualquer outra coisa. Deus nos colocou no mundo para nos preparar para o reino do céu. Um barco não é construído para ficar atracado para sempre no cais. E um crente não é salvo para permanecer arraigado neste mundo, senão para ser guindado do mundo seguindo em sua viagem rumo ao céu. Quando os judeus

222

rumavam de suas tribos para o templo em Jerusalém eles tinham muitos atrativos no meio da caminhada, mas nada lhes desviava do alvo de chegarem à cidade querida. De igual modo um crente não deve permitir ser desviado pelos muitos atrativos do mundo em sua peregrinação rumo à Jerusalém celestial.

O que dará o homem pelo resgate da sua alma? O que dará em troca do reino do céu? Quão sublime e maravilhoso é aquele lugar onde a beleza da santidade de Deus brilha adiante dEle na Sua imensa glória, que excede toda a compreensão? Quão insensato é viver atribuindo maior valor às coisas deste mundo do que ao reino do céu. Por um reino glorioso como o do céu todo empenho e sofrimento terá valido à pena. Nenhuma tribulação sofrida por amor a ele terá sido tão grande que possa ser comparada com a glória do reino por ser revelada. Então devemos orar “venha o teu reino”.

Nós devemos nos preparar para o reino e ter a certeza de ter alcançado o reino divino porque o tempo de nossa vida neste mundo é curto e incerto. Não podemos saber se estaremos aqui na próxima semana. Quando o corpo morre a alma voa para a eternidade, e somente os que foram justificados, regenerados e santificados podem ter a certeza de que irão habitar no céu. Nenhuma decisão para se receber a Cristo como Salvador e Senhor não deve portanto jamais ser adiada, e uma vez tendo sido convencidos pelo Espírito dos nossos pecados e da necessidade de arrependimento e fé em Cristo para sermos perdoados, devemos fazê-lo no dia que se chama Hoje. Não devemos ser negligentes de modo a deixarmos que o reino do céu fuja de nós. A vida que temos no corpo é enganosa antes de termos a Cristo como Salvador, porque não é efetivamente vida, mas morte em delitos e pecados, morte espiritual que depois da nossa saída do mundo se

transformará em morte eterna, e isto significa separação eterna de Deus no sofrimento eterno do inferno. Que nos empenhemos então para encontrar a vida abundante que está em Cristo pela morte da morte na Sua morte. Se os crentes estavam mortos e morreram para a morte na sua identificação com a morte de Cristo, eles alcançaram vida eterna, e são parte agora de uma nova criação na qual a luz de Cristo brilhou em seus corações pela iluminação do Espírito Santo que lhes deu o verdadeiro conhecimento de Deus pela expulsão das trevas da ignorância em que se encontravam.

Mas estando agora no reino da luz do Senhor as trevas e vazio que havia no abismo dos seus corações foram dispersados porque o coração foi

223

iluminado quando Deus ordenou que houvesse luz nesta nova criação espiritual; quando o Espírito Santo brilhou iluminando aqueles que estavam nas trevas do pecado, para serem livrados das trevas espirituais para poderem conhecer a Deus. Em Rom 6.6-11 se diz que estamos crucificados juntamente com Cristo e devemos nos considerar mortos para o pecado, mas vivos para Deus na nossa identificação com Jesus. Mortos em Cristo fomos transportados por Deus para um novo plano de vida no qual devemos viver. Para Deus estamos mortos, morremos para o pecado, para o mundo, para os desejos apaixonados da alma, e vivemos no plano espiritual da vida operada pelo Espírito Santo.

Assim morremos em Cristo para vivermos em novidade de vida. Em Cristo morremos para o pecado, para o mundo, para vivermos em santidade, na luz, no amor de Deus. Estamos mortos com Cristo aos olhos de Deus e assim devemos nos considerar para podermos participar da Sua vida.

Se este novo plano de vida ao qual fomos chamados a viver e no qual viveremos para sempre, é espiritual, como podemos nos desviar do alvo dando somente atenção àquilo que é terreno e passageiro? Como despreziáramos o tesouro celestial por colocarmos nosso coração nos tesouros terrenos?

Cristo providenciou tudo o que é necessário para ganharmos o reino do céu. E se exige de nós tão somente fé na obra que Ele realizou em nosso favor. Como poderão então ser desculpados por Deus aqueles que vierem a perder o reino uma vez que não lhes está sendo oferecido com base na capacidade deles senão pela fé de pedirem a Deus que o Seu reino venha a eles? A fé em Cristo e nada além dela dará a garantia de entrada no reino. A fé genuína anda de mãos dadas com o arrependimento, porque a fé verdadeira é aquela que reconhece o valor da morte de Jesus por nós e a nossa identificação com a Sua morte para sermos livrados da ira de Deus em relação aos nossos pecados; porque a descarregou no Seu próprio Filho, para que fôssemos livrados dela, pela nossa identificação com Ele pela fé.

A esperança da colheita faz com que o agricultor semeie. A esperança da vitória faz o soldado guerrear. E a esperança da glória do reino do céu faz o crente se empenhar por ela. E quanto mais um crente trabalhar pelo reino maior grau de glória ele terá; porque Deus recompensará a cada um segundo as suas obras. Se nós fôssemos arrebatados ao terceiro céu por alguns momentos e depois retornássemos à terra, nós trabalharíamos muito mais para Cristo, nós oraríamos com maior devoção e zelo, para ter

224

uma maior recompensa no céu. E enquanto estivermos trabalhando em prol do reino do céu, Deus nos ajudará através do Seu Espírito.

Quanto mais dores nós sofrermos por causa do reino de Deus e da Sua justiça, mais doce será o céu para nós quando formos para lá.

A guirlanda da glória deve ser ganha através de luta e trabalho antes que nós a possamos usar em triunfo. Por isso as promessas do Senhor relativas ao galardão são introduzidas no Apocalipse por: "Ao que vencer eu darei...". E só pode vencer quem lutar e trabalhar para isto. Por isso é importante remir o tempo e se entregar totalmente à prática das boas obras que Deus preparou de antemão para que andássemos nelas. Se na parte anterior da nossa vida fomos como salgueiros estéreis em bondade, sejamos na parte posterior como um pomar de romãs com frutos agradáveis.

O céu não é uma colmeia para zangões inativos e improdutivos. A ociosidade nos expõe às tentações do diabo. Água parada apodrece. Se os atletas correm nos estádios por uma coroa de louros, nós não correríamos a carreira espiritual que nos está proposta por um reino? O trabalho é adornado com honra.

É uma grande misericórdia que há uma possibilidade de felicidade, e que em nossa diligência nós podemos ter um reino.

Se você tiver esperança deste reino santo, ore frequentemente para a sua vinda dizendo "venha o teu reino."

Mas devemos estar contentes como Paulo em ficar algum tempo fora do céu para que possamos conduzir outros para lá (Fp 1.24).

Enquanto nós esperamos pelo reino, nossa graça está aumentando. Todo dever executado pela graça acrescenta uma joia à nossa coroa. Em todos os seus sofrimentos o verdadeiro santo é herdeiro da cruz. Mas os sofrimentos dos crente não podem fazer com que ele desfaleça porque os seus sofrimentos lhe trarão um reino.

Se sofrermos com Cristo, também com Ele reinaremos (II Tim 2.12). A luta é curta mas o triunfo será eterno. Este sofrimento passageiro produz um peso eterno de glória (II Cor 4.17).

Os sofrimentos deste tempo presente não podem ser comparados à glória a ser revelada em nós (Rom 8.18).

A própria morte nos trará uma coroa de glória. O dia da morte de um crente é melhor que o dia do seu nascimento. A morte de um crente é a sua entrada numa eternidade de glória. Quando o crente ouvir o som das

225

rodas da carruagem da morte vindo buscá-lo, ele não temerá, mas se alegrará de saber que será levado para casa, para um reino eterno.

A Terceira Petição na Oração do Senhor

“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.” - Mateus 6: 10

O que significa vontade de Deus?

Primeiro a vontade de Deus que está em segredo e que não pode ser conhecida, e que se encontra presa à sua própria essência, e que nenhum homem ou anjo pode conhecer. Em segundo lugar significa a vontade de Deus que Ele revelou. Esta vontade está registrada na Bíblia.

Por que nós oramos seja feita a tua vontade?

Nós oramos por duas razões: primeiro para uma obediência ativa em que nós fazemos aquilo que Deus nos ordena; e segundo para uma obediência passiva, pela qual nós nos submetemos voluntária e pacientemente às circunstâncias e condições a que Deus nos inflige ou sujeita.

Mas antes de obedecer a Deus nós temos que conhecer a Sua vontade. O conhecimento é o olho que dirige o pé da obediência.

Entretanto, o conhecimento que não se traduz em obediência não é de qualquer valor (I Cor 13.2). Ter somente o conhecimento da vontade de Deus e nada mais, é ineficaz porque não torna melhor o coração. O conhecimento isolado é como o sol de inverno que não tem calor suficiente para aquecer os afetos ou purificar a consciência. Judas teve uma grande iluminação e conheceu a vontade de Deus, mas era um traidor.

O conhecer sem o praticar fará o inferno mais quente. Aquele que conheceu a vontade de Deus e não a praticou será castigado com muitos açoites (Lc 12.47). Assim o grande conhecimento de um tal homem como este será como uma tocha para iluminar o inferno. E em que tal pessoa superará o diabo que se transforma em anjo de luz? Assim é impróprio chamar de crentes aqueles que conhecem a vontade de Deus mas que não a praticam. Porque como podem os tais orarem dizendo seja feita a Tua vontade? Pois não se diz que seja apenas conhecida, conforme está implícito no mandamento, mas que seja feita.

O grande desígnio de Deus quando revelou a nós a Sua Palavra, foi para nos tornar praticantes da Sua vontade.

226

A Palavra de Deus não é somente uma regra de conhecimento mas de dever (Dt 26.16). A finalidade de todas as promessas de Deus é nos conduzir a fazer a Sua vontade. As promessas são o imã da obediência (Dt 11.27; 28.1,3)..

O querubim e a espada flamejante têm o propósito de nos intimidar em relação ao pecado, e nos tornar praticantes da vontade de Deus.

Os desobedientes estão debaixo de maldição (Dt 11.28; Sl 68.21). E aqueles que foram destruídos pela sua desobediência foram colocados como exemplos na Bíblia para que não sigamos as suas pegadas, de maneira a não ficarmos sujeitos aos mesmos juízos..

É fazendo a vontade de Deus que nós comprovamos a nossa sinceridade em servi-lo.

Jesus disse que eram as obras que Ele fazia que davam testemunho dEle (João 10.25).

Não é com belas palavras que damos testemunho da nossa sinceridade, mas com nossas obras. Nós conhecemos a saúde e vida de uma pessoa pela pulsação do sangue em seu braço. Assim a integridade de um crente não será medida pela sua profissão, mas pela sua ação em fazer a vontade de Deus. Este é o melhor certificado e atestado de que estamos de fato indo para o céu.

É da vontade de Deus que se propague o evangelho. Fazemos a vontade de Deus quando mostramos nosso amor a Cristo, e demonstramos o nosso amor por Ele guardando os Seus mandamentos (João 14.21). Assim é algo vão alguém dizer que ama a pessoa de Cristo ao mesmo tempo que despreza os Seus mandamentos.

Nós dizemos seja feita a tua vontade mas ainda não obedecemos os Seus mandamentos? Nós estamos então procedendo de modo contrário ao que pedimos em nossa oração, porque dizemos: "Seja feita a Ta vontade".

Se não obedecermos a Deus nós estaremos resistindo a Ele e acaso somos mais fortes do que Ele? (I Cor 10.22).

É insensato não fazer a vontade de Deus porque fazendo isto nós estaremos fazendo a vontade do diabo. E não é loucura satisfazer um inimigo e fazer a vontade de quem procura a nossa ruína?

Aqueles que têm por pai ao diabo não podem fazer senão à vontade do pai deles (João 8.44). Quando um homem mente ele não está fazendo a vontade do diabo? "Ananias, por que Satanás encheu o teu coração para mentir ao Espírito Santo?" (At 5.3).

227

Opor-se à vontade de Deus é colocar-se debaixo da condição descrita por Paulo em II Tes 1.7-9 quando Jesus voltar para tomar vingança dos que não conhecem a Deus e que não obedecem o evangelho:

"7 E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder,

8 Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo;

9 Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder," (II Tes 1.7,8).

Obedecer a Deus é um dever.

"Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu vos mandar, para que vos vá bem." (Jer 7.23).

Fazer a vontade de Deus é para nossa honra. Não é uma honra que um Rei fale conosco e que nos confie a Sua vontade para ser feita? Os mandamentos de Deus não nos sobrecarregam mas nos adornam.

Fazer a vontade na terra nos torna semelhantes a Cristo no Seu ministério terreno, porque o que estamos fazendo é dar prosseguimento à Sua obra. E a oração que Jesus dirigiu ao Pai quando retornaria ao céu não foi para que fôssemos como Ele? E Jesus não veio ao mundo para fazer a Sua própria vontade mas a dAquele que O enviou (João 6.38) e fazer isto era o Seu alimento (João 4.34)..

Aquele que faz a vontade de Deus torna-se tal como um parente consanguíneo de Cristo (Mt 12.50).

Fazer a vontade de Deus na terra traz paz na vida e na morte.

Nós fazemos a vontade de Deus de maneira aceitável a Ele quando nós o servimos com um princípio renovado de graça. Uma árvore que não

seja frutífera pode ser tão saudável quanto uma frutífera, mas não pode dar frutos, porque o princípio que opera na raiz não lhe dá tal capacidade. Assim uma pessoa não regenerada não pode produzir os mesmos frutos de um filho de Deus, porque não está enxertada na raiz da graça.

O princípio interno da obediência é fé, e por isso se diz obediência da fé (Rom 16.26). A fé olha para Cristo em todo dever e toca a orla das Suas vestes, e é por meio de Cristo que tanto as pessoas dos crentes e suas ofertas são aceitáveis a Deus (Ef 1.6).

Nós fazemos a vontade de Deus na terra assim como os anjos fazem a Sua vontade no céu, quando nós fazemos isto regularmente, e andamos de

228

acordo com as instituições divinas e não conforme as tradições dos homens.

Os anjos nada fazem além de atenderem aos comandos de Deus, e eles não foram criados para cerimônias. E o estatuto que vale para os anjos no céu é o mesmo estatuto que existe para nós na terra, a saber a Sua Palavra revelada. E nós temos que observar este estatuto divino exatamente. Se o relógio não for fiel em seu trabalho de marcar as horas, para nada serve. De igual modo nós temos que trabalhar de acordo com o padrão que Deus estabeleceu para nós (Ex 25.40).

Quão severamente Deus castigou Nadabe e Abiú por terem oferecido fogo estranho no altar (Lev 10.2), isto é, que não atendia às Suas ordenanças divinas.

Tudo que não estiver em conformidade com o padrão divino é fogo estranho.

Muitos pensam que podem adorar a Deus a seu próprio modo como que se Deus não fosse poderoso, capaz e sábio o bastante para fixar o modo pelo qual convém ser adorado.

A vontade de Deus deve ser obedecida na terra do mesmo modo absoluto que é obedecida pelos anjos no céu, e daí a nossa oração deve ser “seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”, isto é, que ela seja feita na terra do mesmo modo que é feita no céu. E não podemos conceber Deus sendo obedecido parcialmente pelos anjos tanto no que eles devem ser moralmente em essência em seus seres, quanto no que diz respeito à obediência às ordens que Deus lhes dá, particularmente as que se referem à ministração que devem fazer em favor dos crentes (Hb 1.14).

Deus disse de Davi ser alguém que era segundo o seu coração, e declarou o motivo disto: porque ele faria toda a Sua vontade (At 13.22).

Todo mandamento de Deus tem a mesma autoridade e se nós fizermos a vontade de Deus corretamente nós o faremos uniformemente, obedecendo todas as partes da Sua vontade.

Assim é hipocrisia fazer apenas parte da vontade de Deus. Alguns oram, mas não dizem e ofertam; alguns ouvem a Palavra mas não perdoam e amam seus inimigos; outros participam da ceia do Senhor mas não fazem restituição; alguns ensinam o evangelho mas falam contra o sustento financeiro dos seus pastores. Como podem ser chamados de santos obedientes?

Contudo quem é suficiente para fazer toda a vontade de Deus?

229

Embora nós não possamos fazer toda a Sua vontade legalmente falando, isto é, por obediência perfeita a toda a lei e em todo o tempo, nós podemos fazê-lo em sentido evangélico que consiste no seguinte:

Quando nós lamentamos em não poder fazer a vontade de Deus de maneira melhor e mais efetiva; quando lamentamos quando falhamos (Rom 7.24); quando o desejo da nossa alma é fazer toda a vontade de Deus (Sl 119.5). Aquilo que falta a um filho de Deus em força ele compensa fazendo as pazes com toda a sua diligência. Nós também fazemos a vontade de Deus em sentido evangélico, que é o único modo de fazê-la enquanto neste mundo, quando nós nos esforçamos para fazer o melhor segundo a nossa medida de fé e capacidade, porque embora o melhor dos nossos esforços seja como os rabiscos de um desenho de uma criancinha para o seu pai,

Deus não terá em conta a plena satisfação mas a aceitação, e certamente aceitará o nosso esforço como cumprimento da Sua vontade.

Nós fazemos a vontade de Deus na terra assim como ela é feita pelos anjos no céu quando nós fazemos isto sinceramente. E fazer a vontade de Deus com sinceridade consiste basicamente em duas coisas: primeiro fazer a Sua vontade externamente com um respeito verdadeiro pelos Seus mandamentos. E esta sinceridade será testada por Deus em exigências que demandarão de nós que demos um testemunho externo da nossa fé a outros, assim como Abraão que se dispôs a sacrificar o próprio filho, por ter-lhe sido ordenado pelo Senhor. E tal como ele, mesmo na execução de deveres ordenados por Deus, que não nos tragam qualquer alegria ou conforto para a sua execução, no entanto só haverá sinceridade em nossa obediência à Sua vontade se executarmos de fato tudo o que nos for ordenado.

Assim como Neemias que foi incansável em conduzir os judeus ao cumprimento das exigências da lei do Senhor, debaixo das circunstâncias mais adversas que se possa imaginar. Aquele dever foi certamente doloroso para ele, mas ele fez tudo por amor sincero à vontade do Senhor. O ministério do evangelho não exige de nós somente adoração e oração, mas também ações, pois nos é ordenado não amarmos apenas de língua mas de fato e de verdade, de maneira que devemos realizar todas as ações necessárias para demonstrar o nosso amor a Deus

e ao próximo. Por exemplo, o sustento dos que são verdadeiramente necessitados e dos ministros do evangelho é um dever para ser realizado pela igreja, e como

230

podem os crentes afirmarem que têm obedecido a Deus se são negligentes quanto a isto?

Se os filhos afirmam que são obedientes mas não atendem e não executam o que lhes é ordenado por seus pais, que obediência é essa que eles alegam ter?

As mulheres que não honram, que não respeitam, que não ouvem os seus próprios maridos, como podem afirmar que estão cumprindo o dever que Deus lhes impôs de serem submissas a eles?

Um dever não deve ser cumprido porque nos seja agradável, mas porque se requer que a vontade de Deus seja feita na terra, assim como é feita no céu. É porque Deus tem ordenado que nós devemos obedecer e não porque achemos sensato, razoável, agradável ou seja o que for.

Em segundo lugar, fazer a vontade de Deus com sinceridade, é tudo fazer para a exclusiva glória dEle (I Pe 4.11). Os fariseus faziam tudo para a própria glória deles. Jeú executou as ordens de Deus em relação aos adoradores de Baal, mas como ele o fez não para a glória de Deus, Deus olhou aquilo que ele fez como um assassinato e prometeu que vingaria o sangue de Jezreel na casa de Jeú (Os 1.4).

Como Amazias nós podemos fazer aquilo que é correto à vista de Deus, mas não com inteireza de coração (II Crôn 25.2). Nisto também erram aqueles que dizimam e ofertam na casa de Deus, apenas como que por obrigação, e não de forma voluntária e com alegria.

Nós fazemos a vontade de Deus na terra como os anjos a fazem no céu, quando nós a fazemos de boa vontade, sem murmurações. Os anjos amam fazer a vontade de Deus e o céu para eles é fazer esta vontade. Há um senso que existe em todos os seres morais que é o desejo de se sentir útil, e não há maior maneira de se satisfazer tal desejo de se sentir útil do que fazer a vontade de Deus, porque não há uma maior e melhor maneira de viver com utilidade.

Jesus nos deixou o exemplo do sentido da vida revelando-nos que não veio para ser servido mas para servir. Daí se dizer que aquele que não vive para servir, não serve para viver, porque o sentido da vida está no serviço a Deus e ao próximo. No entanto, este serviço é verdadeiramente útil e eficaz quando é segundo a vontade de Deus.

Esta utilidade em servir demandará na maioria das vezes fazer a vontade de Deus contrariando a nossa própria vontade. O cansaço, a indisposição e o medo deverão ser vencidos muitas vezes para que se possa fazer a vontade do Senhor. Ele não nos requisitará para o Seu serviço se

estivermos desocupados ou pensando em conforto e repouso. O nosso lugar de descanso não é neste mundo, e enquanto estivermos aqui temos muito a fazer para o Senhor com canseiras e com o suor do rosto, porque isto nos está imposto.

Agora, o fato de ter que contrariar a nossa própria vontade para fazer a de Deus, e ter que fazer isto muitas vezes em desconfortos e canseiras, não significa que podemos fazer a vontade de Deus se nos faltar amor, fervor e alegria na execução de tudo o que fizermos para Ele (Rom 12.11,12).

Nossa obediência deve ser como o fogo do altar que nunca podia apagar (Lev 6.13).

Nós devemos continuar fazendo a vontade de Deus com constância por causa da grande perda que nos acontecerá se nós não a fizermos. Se a Igreja de Filadélfia deixasse a sua obediência ela perderia a sua coroa e honra (Apo 3.2). A apostasia cria infâmia. Se nós não retivermos a nossa obediência nós perderemos tudo o que nós ganhamos até então. Todas as orações terão sido perdidas, todo o louvor e adoração que foram feitas no Dia do Senhor (domingo), e todas as nossas boas obras. Toda a retidão que tivermos tido até a nossa apostasia não será mencionada (Ez 18.24). E no caso de não eleitos a condição deles será como a que é citada em II Pe 2.21 de que seria melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça.

A constância fixa a coroa da obediência na cabeça.

“Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.” (Apo 3.11).

“Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão.” (II João 8).

Sabendo que não temos nenhum poder inato em nós mesmos para fazer a vontade de Deus, nós devemos orar seja feita a Tua vontade. Porque oraríamos para que seja feita a vontade de Deus se nós pudéssemos fazê-la pelo nosso próprio poder?

Se nós temos que fazer a vontade de Deus na terra assim como ela é feita no céu pelos anjos, nós devemos então ter nos anjos o modelo da nossa obediência à vontade de Deus, e não no nosso próximo. Se o nosso próximo for para o inferno nós também devemos segui-lo? Se eles vivem dentro de uma obediência deliberadamente imperfeita, nós seguiremos o exemplo deles? Por isso o nosso padrão não está fixado no homem mas nos anjos, quanto ao modo que eles se dispõem a atender os comandos

232

de Deus. Mas sabemos que uma obediência perfeita como a dos anjos nós poderemos ter somente no céu. Mas o Senhor fixou o objetivo da perfeição em todas as coisas para ser buscado por nós, de maneira que sejamos perfeitos tal como o nosso Pai celestial é perfeito.

Aqueles que se ajoelham na igreja e oram dizendo “seja feita a tua vontade” mas que não vivem para

obedecer a Palavra de Deus são hipócritas e rebeldes, e a rebelião é como o pecado de feitiçaria.

E há aqueles que não fazem a vontade de Deus de uma maneira aceitável e correta. Eles não fazem a vontade de Deus completamente. Eles o obedecerão em algumas coisas, mas não em outras, como se um empregado devesse fazer algum trabalho para o seu senhor e não se dispusesse a fazê-lo completamente. Jeú destruiu a idolatria de Baal mas manteve a adoração dos bezerros de ouro de Jeroboão (II Rs 10.28,29). Alguns proclamam grande amor a Deus com a boca, como se tivessem sido tocados com uma brasa do altar do Senhor, mas vivem de maneira vã e desordenada (II Tes 3.11). Viver pela fé e segundo a Palavra tem que caminhar junto. É algo ruim não fazer toda a vontade de Deus. Estes que não se dispõem a obedecer a Deus em tudo, praticando toda a Sua Palavra, serão achados vivendo na carne, ainda que desejem ser crentes espirituais. Como as orações, conversação e ações deles poderão estar em conformidade com a vontade de Deus quando não se dispõem a obedecê-lo em tudo que lhes tem ordenado? Eles trazem os seus sacrifícios ao altar mas não os seus corações. E assim estão longe de fazer a vontade de Deus como a fazem os anjos.

Se nós queremos realmente ser abençoados por Deus nós devemos fazer a Sua vontade. Ele fez várias promessas na Sua Palavra de abençoar aqueles que fazem a Sua vontade. Esta é a única

maneira de termos uma boa colheita. Assim se desejamos ter nossas almas abençoadas nós devemos fazer a vontade de Deus.

Assim, fazer a vontade de Deus é o modo correto de fazer a nossa própria vontade.

Para fazer a vontade de Deus corretamente nós devemos adquirir um conhecimento sã, e este conhecimento é somente segundo aquele que está revelado na Sua Palavra.

Cristo afirmou que erramos quando não conhecemos as Escrituras e o poder de Deus (Mt 22.29). Nós temos assim que conhecer a vontade de Deus antes que possamos fazê-la corretamente.

233

Para fazer a vontade de Deus é necessário que neguemos o nosso ego. A menos que neguemos nossa própria vontade, nós nunca faremos a vontade de Deus. Porque a vontade dEle não se baseia nos nossos sentimentos, emoções, pensamentos daquilo que julgamos bom e correto, mas naquilo que está revelado por Ele na Sua Palavra.

Deus nos ordena que nos consideremos mortos, crucificados, para o pecado e para aquilo que o mundo ama. Ele nos chama a perdoar nossos inimigos. E a nossa natureza terrena vai na direção contrária a isto. No entanto, se não nos contrariarmos, nós nunca faremos a Sua vontade completamente porque não receberemos da Sua

parte graça e poder para fazê-lo, que Ele concede somente àqueles que se dispõem a obedecê-lo.

Não será considerado justiça (Dt 24.13) para nós o fato de sermos louvados pelos homens, sermos considerados agradáveis a eles, nas mesmas bases em que o foram os escribas e fariseus, mas por conduzirmos pessoas à salvação que está em Cristo Jesus. Importa pois viver e pregar a verdade do evangelho, resgatando pessoas das trevas para a luz. Estes serão aqueles que nos receberão na condição de amigos, por toda a eternidade, nos tabernáculos celestiais.

Não há verdadeira e permanente amizade onde não forem estabelecidos os laços de amor de Cristo fundamentados na verdade, pelo interesse comum de fazer avançar o Seu reino na terra, por uma estrita obediência a toda a vontade de Deus.

Por isso devemos adquirir corações humildes. O orgulho é a fonte da desobediência. O filho humilde diz: "Senhor, o que tu queres que eu faça?". Não podemos esquecer que não fomos criados e salvos para vivermos para nós mesmos mas para Aquele que morreu e se entregou por nós. E este viver para Ele implica obedecer em tudo a Sua vontade.

Rogue a Deus para que lhe dê graça e força para fazer a Sua vontade. "Ensina-me a fazer a tua vontade" (Sl 143.10). É como se Davi tivesse dito: "Senhor, eu preciso ser ensinado a não fazer a minha própria vontade". E a resposta de Deus para este tipo de oração é: "E porei dentro de vós o

meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis." (Ez 36.27). Se o Espírito Santo nos capacitar não será difícil, mas bastante agradável fazer a vontade de Deus. Mas, para isto, importa andar no Espírito de maneira constante e perseverante, e não apenas em determinadas ocasiões.

Nós devemos orar para que possamos ter graça para nos submeter ao Senhor pacientemente nas aflições através das quais Ele prova a nossa fé.

234

Quando o crente fiel está debaixo de alguma providência aflitiva ele deve permanecer tranquilamente aos pés do Senhor e dizer: "seja feita a Tua vontade".

Nós não devemos ser estóicos, isto é, insensíveis e desinteressados com os procedimentos de Deus, como os filhos de Deucalion, de quem dizem os poetas, foram procriados de uma pedra. Cristo era sensível e o demonstrou quando seu suor se transformou em grandes gotas de sangue (Lc 22.44), mas Ele se manteve submisso à vontade de Deus (Mt 26.39). Assim nós somos convocados a nos humilhar debaixo da potente mão de Deus (I Pe 5.6).

Um crente pode lamentar debaixo de uma aflição e ainda permanecer pacientemente submetido à vontade de Deus (Sl 142.1,2). Deus permite lágrimas porque é um pecado não ter afeto natural (Rom 1.31). A graça faz o coração se

enternecer, e a aflição é despejada em lágrimas. Nós podemos nos queixar a Deus, mas não reclamar de Deus.

Deste modo é incompatível com a submissão paciente à vontade de Deus, estar descontente com a providência. O descontentamento carrega em si uma mistura de aflição e ira, e ambos criam uma tempestade de paixão na alma. Quando Deus toca a menina dos nossos olhos e nos golpeia naquilo que nós amamos, e nós ficamos sensíveis e mal-humorados, Ele não vê isto com bons olhos (Gên 4.6).

A murmuração não pode coexistir com submissão à vontade de Deus. A murmuração é um tipo de motim na alma contra Deus. "E o povo falou contra Deus..." (Nm 21.5).

Quando os homens não creem que Deus pode produzir mel a partir do veneno que os aflige, eles murmuram. Eles murmuram contra Deus porque desconfiam das Suas promessas. E Deus tem muita dificuldade para suportar o pecado da murmuração (Nm 14.27), porque nos leva para longe da submissão à Sua vontade que tanto Lhe agrada.

Descompostura de mente e de espírito não permitem uma submissão quieta à vontade de Deus, porque quando um crente se encontra perplexo e transtornado ele não pode ter uma melodia em seu coração para o Senhor. Estar debaixo de descompostura de mente é estar como quando um exército é derrotado, e a pessoa corre

de um procedimento para outro até que tudo fica em desordem. O crente quando está com sua mente conturbada, os seus pensamentos ficam diluídos e distraídos para cima e para baixo, de maneira que ele não pode estar em submissão paciente à vontade de Deus.

235

Quando a pessoa se justifica em vez de se humilhar debaixo da mão de Deus, ela não pode estar submissa à vontade de Deus. Um pecador orgulhoso se levanta em sua própria defesa baseando-se em seus argumentos carnis tentando fazer prevalecer a sua própria vontade, contra a vontade revelada de Deus. Ele está pronto para acusar Deus de severo e injusto, quanto ao preço da renúncia que lhe exige para ser pago para poder fazer a Sua vontade (renúncia ao ego, com suas paixões e inclinações, por amizades e relacionamentos reprovados pela Palavra, comportamentos, atitudes, modos de vestir, beber, comer etc).

Nós podemos cultivar uma vontade submissa à vontade de Deus na aflição vendo a Sua mão em tudo que nos sucede; justificando Deus e não a nós mesmos porque tudo o que Ele faz é para o bem daqueles que O amam; e aceitando as Suas correções paternas e emendando os nossos caminhos.

Esta submissão paciente à vontade de Deus na aflição exige muita sabedoria, humildade e devoção. A habilidade de um piloto é melhor

discernida na forma como ele vence uma tempestade. Submissão à vontade de Deus será muito requerido de nós enquanto vivermos neste mundo. No céu não haverá mais nenhuma necessidade de paciência nas aflições porque elas simplesmente acabarão.

Mas enquanto neste mundo teremos muitas aflições porque importa entrar no reino do céu por meio de muitas tribulações (At 14.22). Deus derreterá o Seu povo num forno, porque Ele será pra eles como o fogo do ourives, para purificar o seu ouro da escória do pecado que deve ser queimada (Mal 3.2,3).

Alguns serão afligidos com pobreza (II Rs 4.2). A pobreza é uma grande provação. Isto nos expõe a desprezo. Quando Deus atirar a seta da pobreza em alguém, outros estarão prontos a repeli-lo.

Às vezes Deus aflige com repreensão permitindo que seus filhos sejam injustamente acusados, como os crentes da Igreja Primitiva que foram acusados de incesto. Deus permite que os seus filhos amados sejam exercitados em santidade com isto. Sujeira pode ser lançada numa pérola, e aqueles nomes escritos no livro da vida podem ser manchados com infâmias e injúrias. A sinceridade protege do inferno, mas não da difamação.

Noutras ocasiões Deus nos aflige com a perda de entes queridos. E isto é como retirar um membro do nosso corpo.

Às vezes Deus aflige com fraqueza e enfermidades do corpo. A doença rouba o conforto da vida.

236

Deus submete o Seu povo a várias provações, de maneira que possa gerar a necessária paciência em se submeter à Sua vontade.

Às vezes Ele deixa a aflição continuar por um longo tempo (Sl 74.9). Como doenças crônicas que levam tempo para serem curadas, assim é este tipo de aflição. Em todos estes casos nós precisamos de paciência e submissão de espírito à vontade de Deus.

Em todas estas provações nós revelaremos o quanto é verdadeira a nossa oração "Seja feita a Tua vontade", e o Senhor nos dá a oportunidade de conhecermos isto através destas provações, de maneira que Lhe peçamos mais fé e aprendamos a nos submeter de fato e fazer a Sua vontade em toda e qualquer circunstância.

É melhor permanecer debaixo das aflições do que se voltar para busca de soluções que impliquem a prática do pecado ou ter que fazer concessões ao diabo para ser livrado delas.

Devemos lembrar que as aflições fazem com que permaneçamos em humildade, e um coração humilde é de grande valor para o uso de Deus.

O Senhor prometeu nos ajudar a suportar a aflição (Sl 34.24,39). Ele não permitirá que sejamos provados além das nossas forças e Ele mesmo providenciará o escape para nós no

momento oportuno (I Cor 10.13). Ele deseja que aprendamos a confiar inteiramente na Sua fidelidade em nos proteger e guardar de todo o mal.

Devemos saber em todo o tempo que a vara de correção de Deus para com Seus filhos é uma vara de amor (Hb 12.6,7). Há bondade e misericórdia em toda aflição pela qual Ele nos faz passar. Por mais que doa em nós esta cirurgia profunda em nosso espírito, é para o nosso próprio bem, de modo a participarmos da Sua santidade.

Deus tem prometido estar conosco em todas as nossas dificuldades (Sl 91.5). Ele não as impedirá de acontecerem porque ficaríamos sem correção e sem transformação de nosso caráter. Mas nós temos a garantia da Sua presença para nos apoiar, santificar e adocicar toda aflição. É melhor estar na prisão com a presença de Deus, do que estar no palácio sem a mesma.

A aflição traz à tona da recordação aqueles pecados que nós tínhamos enterrado na sepultura do esquecimento, de maneira que possamos confessá-los e sermos curados.

A aflição também nos desperta e nos incita a clamar e a orar e assim nós somos encorajados a sermos mais fiéis neste dever da oração perseverante e incessante.

237

Talvez num tempo de saúde e prosperidade nós oramos de uma maneira fria e formal, nós não

pusemos nenhuma brasa no incenso, então Deus envia alguma cruz para nos incitar a clamar com todo o fervor da nossa alma aflita.

A aflição nos torna mais sérios e menos dispersivos em relação às coisas de Deus. Nos tempos da prosperidade nós éramos descuidados e estávamos encantados com as atrações do mundo, mas na aflição nós vimos quanto importa remir o tempo e o quanto são passageiras e ilusórias todas as coisas que o mundo tem a nos oferecer. A aflição nos desmamará do mundo.

Antes da aflição nós queríamos usar a fé e o evangelho para prosperar no mundo, segundo o mundo, mas depois de muitas aflições, nós entramos de fato no plano da novidade de vida do reino do céu, e fazemos um uso correto da fé e do evangelho para tão somente fazer a vontade de Deus e não a nossa própria vontade. Aprendemos por fim o sentido da oração "seja feita a Tua vontade".

Mas a bondade de Deus é vista na aflição. Quando for crepúsculo poderia ser mais escuro. O Senhor te podou? Mas Ele poderia ter-te cortado. Ele poderia fazer nossas cadeias mais pesadas. As águas da aflição estavam até os tornozelos? Ele poderia fazer com que estas águas subissem mais alto ou te submergir nas águas. Deus usa a vara da correção quando poderia usar o escorpião.

Você tem experimentado a ira dos homens? Muitos têm experimentado a ira de Deus. Nós somos hábeis em dizer que nunca ninguém

sofreu tanto como nós. Mas não é bondade de Deus não nos tratar tão severamente como a outros?

As aflições nos fazem conscientes da nossa própria fraqueza e mais dependentes da graça de Deus, de modo que juntamente com Paulo podemos aprender que o poder de Deus é aperfeiçoado na nossa fraqueza. Ele derrama mais do Seu Espírito naqueles que são mais contritos de coração. O fim da aflição não é portanto humilhação mas exaltação. Não é fraqueza, mas poder. Não podemos experimentar o poder da vida ressurrecta de Jesus a não ser por permanecermos mortos na cruz. A operação da cruz não é uma operação intelectual de conhecimento filosófico de que devemos nos auto-negar, mas uma operação vital que se manifesta em nós quando somos mortificados pelas aflições. Morremos com Cristo e somos ressuscitados em novidade de

238

vida. Carregamos a cruz diariamente e o Espírito Santo manifesta em nosso viver o poder da vida abundante de Jesus.

O espinho na carne de Paulo também lhe preveniu do orgulho espiritual por ter sido arrebatado até o terceiro céu. De igual modo somos prevenidos de algum pecado quando passamos por aflições. Em algumas ocasiões a aflição é enviada para castigar o pecado e em outras para preveni-lo. Se Deus não

providenciasse uma cerca viva de espinhos, os seus filhos não parariam a prática de determinados pecados. Deus permite que entremos em sofrimentos para prevenir a entrada em armadilhas, então podemos dizer com gratidão que “seja feita a Tua vontade.”.

Nós somos corrigidos por Deus no mundo para que não sejamos condenados eternamente com o mundo (I Cor 11.32). Um homem pode ser retido por espinheiros bravos na costa de um rio para não ser arrastado por sua correnteza. E assim Deus deixa que sejamos retidos pelos espinheiros bravos da aflição para que não sejamos arrastados e afogados pelo rio da perdição.

O mundo considera feliz quem consegue escapar da aflição mas feliz é o crente a quem Deus corrige. As aflições contribuem para a nossa felicidade porque elas são o meio de nos trazer para mais perto de Deus.

A prosperidade não nos puxa para perto de Deus como as cordas das aflições.

Enquanto o filho pródigo tinha riquezas e as dispersava ele estava esquecido de seu pai, mas quando entrou em aflição lembrou-se dele.

Não é melhor passar pela aflição para ser conduzido à glória do que viver em prazeres para ser conduzido à miséria? Não que as aflições sejam propriamente uma glória, mas elas nos preparam para isto. Então vale muito a pena orar: “seja feita a Tua vontade.”.

O reino de Cristo é o reino da cruz. Aqueles que Deus salvará do inferno não serão salvos da cruz. A consideração desta verdade deveria aquietar nossas mentes na aflição e nos fazer dizer: "seja feita a Tua vontade."

Por que nós deveríamos procurar ficar isentos de dificuldades mais que outros? Por que nós deveríamos pensar somente num mar de rosas, quando os profetas e apóstolos marcharam através de espinheiros ao céu?

Considere que é comum quando Deus pretende conceder maior misericórdia a qualquer pessoa do Seu povo, que ele os traga antes

239

debaixo de aflição. Quando ele pretende nos elevar, Ele nos traz mais baixo. A Bíblia está repleta de exemplos que comprovam esta verdade.

Quando Deus trouxe Israel para Canaã Ele o conduziu primeiro por um deserto. Quando Ele pretendeu fazer de José o segundo homem no reino do Egito, Ele o lançou antes na prisão. Normalmente Ele primeiro faz as trevas se tornarem mais densas antes que faça surgir a estrela da manhã.

Esta submissão à vontade de Deus na aflição é composta principalmente pelas graças da fé, do amor, da humildade e da esperança. A fé crê que tudo contribui para o bem dos que amam a Deus; o amor nos leva a ter os melhores pensamentos

sobre Deus e nos mantém unidos a Ele nos vales de aflição; a humildade não diz que nossas aflições são grandes, mas que nossos pecados são grandes. Nos faz suportar a indignação de Deus porque somos pecadores (Mq 7.9); e por fim a esperança nos dá a certeza de que a aflição por maior que seja, é leve e passageira, e o Senhor nos livrará no tempo oportuno.

Aquele que traz o seu espírito sob o domínio da vontade de Deus na aflição brilha mais do que muitos crentes notáveis em seus feitos. Eles são como as águias que não gritam e não fazem muito barulho como os corvos quando necessitam de alimento. Elas permanecem em silêncio quando estão famintas e assim o crente que está em necessidade, em aflição, e assim mesmo permanece submisso à vontade de Deus, tem uma grandeza e nobreza de espírito, que vence a natureza, porque não chora e lamenta como os demais, mas permanece calado e com sua mente em repouso aos pés de Deus. Há muita força da graça numa tal alma.

Quando a graça está coroando não é grande coisa dizer "seja feita a Tua vontade", mas quando a graça está lutando e encontra cruces e tentações, então dizer "seja feita a Tua vontade" realmente é uma coisa gloriosa e prepara para a guirlanda de honra.

Considere que as pessoas são normalmente melhores na adversidade que na prosperidade; então se encurve à vontade de Deus. Uma condição de prosperidade nem sempre é uma

condição segura. Toda prosperidade traz consigo o seu fardo, mas os que procuram por ela nunca olham para o fardo, senão para o seu brilho.

A prosperidade tem o fardo do cuidado. Por isso o Senhor chama as riquezas de “ansiedades” (Lc 8.14). Assim como a rosa tem os seus espinhos, de igual modo as riquezas. Nós pensamos que é feliz aquele que tem muitos bens, mas nós não vemos as dificuldades e cuidados que eles têm. Um homem pobre pode ter uma vida mais alegre do que a daqueles

240

que têm muitos bens. O coração do rico está repleto de cuidados para aumentar e manter o que ele adquiriu.

Há também na prosperidade o fardo da conta que deverá ser prestada a Deus. Uma conta maior terá que ser prestada a Deus pelos ricos pelo uso que fizeram das suas riquezas, especialmente em generosidade para com o próximo.

Há também mais perigos numa condição próspera, porque aquele que se encontra no pináculo da honra está mais em perigo de cair e está sujeito a muitas tentações. Há necessidade de muita sabedoria e graça para saber se conduzir numa condição próspera. Sempre há o risco de se virar as costas para Deus e perguntar “Quem é o Senhor?” (Pv 30.9).

Prosperidade cria orgulho. Quando a maré sobe o navio também sobe. De igual modo o coração do

homem se eleva em orgulho quando ele é elevado em honra.

Assim os ricos encontram-se em grande perigo em relação à salvação das suas almas:

“E Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Lc 18.24).

Considerando tudo isto deveríamos dizer na adversidade: “seja feita a Tua vontade”.

Deus provê o melhor para nós. Se nós tivermos menos bens, nós estamos em menor perigo. Se nós cobiçamos as honras de outros, nós queremos as tentações a que eles estão expostos.

A finalidade de Deus na aflição é acalmar o espírito, subjugar a vontade à Sua vontade, e quando isto estiver concluído a aflição atingiu o fim para o qual foi destinada, a saber, nos santificar, e não será removida enquanto não cumprir a sua obra. É somente quando a ferida é curada que o curativo é retirado.

É somente quando o espírito do crente é submisso e manso que ele estará à disposição de Deus. Um espírito que seja segundo a vontade de Deus não é irritável, mas humilde; não descontente, mas satisfeito (Fp 4.12).

Ficar descontente com uma condição baixa presente é devido a uma fé fraca ou nenhuma fé, que precisa de muletas para apoiá-la. O crente que não se submete à vontade de Deus quando está deficiente de confortos externos, não confia de

fato em Deus e deveria de se envergonhar de ser chamado de crente.

Murmurar quando Deus contraria a nossa vontade revela falta de santificação. Alguns pensam que não são descrentes como os demais

241

porque não bebem, não fumam, não juram, mas podem ser descrentes murmurando. Não há somente bêbedos descrentes, como também murmuradores descrentes. E não viver piedosamente é viver em rebelião. Estas são as águas de Meribá (Nm 20.13). Esta é a companhia de Datã, Coré e Abirão. Se é uma vergonha um servo se rebelar contra o seu mestre, o que se dirá de uma criatura se rebelar contra o seu Criador? Quando isto sucede o coração se eleva e pensamentos maus entram em cena. Nós quase não pensamos em Deus, porque julgamos que Ele tenha sido rigoroso para conosco e que nos fez injustiça, ou julgamos que merecíamos coisa melhor das Suas mãos. E a insubmissão se levanta juntamente com ingratidão.

Muitos se esquecem de todas as misericórdias que receberam de Deus quando entram em aflição. Nós ficamos contentes em receber bênçãos de conforto e alívio das mãos de Deus, mas quando somos chamados a sermos provados com tribulações nós nos tornamos insensíveis e prontos a arder em murmurações contra Ele.

Quanto mais a criança luta contra a vontade do seu pai mais ela apanha, e quanto mais nós

lutamos com Deus e não nos submetemos à Sua vontade, Ele mais nos castigará e corrigirá. Em vez de cooperarmos para que sejamos livrados das cordas da aflição, mais o Senhor as apertará. Submetamo-nos então a Deus dizendo “seja feita a Tua vontade”. Por que devemos tornar nossa cruz mais pesada por causa da nossa impaciência? Por causa de rebelião contra Deus uma viagem que duraria no máximo onze dias foi feita em quarenta anos pelos israelitas nos dias de Moisés.

Considere que sendo insubmissa à vontade de Deus uma pessoa fica sujeita a muitas tentações. No coração que se irrita contra a vontade de Deus com descontentamento, Satanás faz uma boa pesca nestas águas agitadas. Ele faz normalmente com que as pessoas fiquem descontentes de forma indireta. A esposa de Jó se irritou (muito longe estava de uma submissão santa) e ela incitou seu marido para que ele amaldiçoasse a Deus (Jó 2.9).

Jesus disse: “É na vossa perseverança que ganhareis vossa alma” (Lc 21.19). A palavra perseverança no original grego é traduzida também por paciência, porque hupomoné significa no grego suportar um fardo de maneira constante sem desfalecer ou se irritar. A alma é mantida preservada, sem dano, quando estamos debaixo desta paciência cristã. É preciso se armar no pensamento que a vida cristã exige tal comportamento de nós. Porque somos participantes não somente da

glória de Cristo mas também dos Seus sofrimentos (I Pe 3.17; 4.1; Col 1.24).

Paulo podia estar preso que cantava hinos de louvor a Deus e orava (At 16.25). Quão distante disto está uma alma que está descontente e que não aprendeu a se alegrar no Senhor e a se submeter a Ele na aflição.

O ímpio blasfema o nome de Deus na aflição (Apo 16.9). Quando uma pedra de fogo vinda do céu se dirige em sua direção o seu coração de pedra se incendeia em fúria diante da face de Deus.

Quanto mais podre está a madeira com mais facilidade ela se incendeia quando é sujeitada a um atrito constante que a aquece.

Assim o crente deve agir de modo diferente do ímpio na hora da aflição.

Deus é paciente conosco suportando diariamente o nosso olhar impuro, invejoso, e a maledicência de nossas línguas, e ele passa por alto de muitas coisas e é paciente conosco e a Sua longanimidade é infinita como infinitos são todos os Seus atributos. Se o Senhor fosse nos castigar toda vez que nós ofendemos a Sua santidade, ele puxaria a Sua espada diariamente contra nós. Ele tem suportado a nossa mão, e nós não podemos ser pacientes com nada que venha das mãos dEle a nós? Ele é paciente conosco e nós seremos impacientes com Ele? Jesus é manso e nós murmuramos? Ele tem suportado os nossos pecados e nós não suportaremos as correções

dEle? Oh, deixe-nos dizer “seja feita a Tua vontade”.

Consideremos que submetendo nossa vontade a Deus na aflição nós desapontamos Satanás na sua esperança de entristecer o coração de Deus levando-nos a agir de acordo com os modos dele que é o pai de toda mentira e rebeldia. A finalidade do diabo em todas as nossas aflições é de nos levar a pecar. Quando ele atacou Jó o seu alvo era desconcertar a mente dele, de maneira que se voltasse contra a vontade de Deus em ira. Mas Jó permaneceu aos pés do Senhor e bendisse o Seu nome na aflição, e desapontou Satanás na sua esperança, e destruiu totalmente os seus argumentos e as estratégias que usou para levá-lo a virar as costas para Deus e a blasfemar na face dEle. Se Jó tivesse murmurado ele teria agradado a Satanás, mas Jó se submeteu quietamente à vontade de Deus. Assim a melhor maneira de se vencer Satanás em suas intenções infernais contra nós para nos indispor contra Deus é viver de fato o que dizemos: “seja feita a Tua vontade”.

Para o crente o veneno da aflição não é danoso mas curativo. Para o ímpio a vara da aflição se transforma numa serpente e em sendo picado por ela

243

é arruinado pelo seu veneno. Mas para o que se submete à vontade de Deus, Ele transforma a aflição numa bênção; e o que seria veneno, vindo na dose certa administrada pelo Senhor se

transforma num remédio curativo da alma e do espírito, sendo portanto um meio preparatório para a glória. E deste modo os santos não são apenas pacientes na aflição, mas gratos a Deus por elas por lhes ensinar perseverança, paciência, experiência, esperança (Rom 5,3,4). Em vez de terem as aflições por motivo de tristeza, nestes crentes que se submetem à vontade de Deus, elas são tomadas por motivo de grande alegria (Sl 119.71; Tg 1,2,3).

Nossas misericórdias que recebemos de Deus se renovam a cada manhã (Lam 3.23), e isto deve nos estimular a ter a mesma atitude de Jó (Jó 2.10) que reconhecia que tinha recebido de bom agrado as bênçãos que lhe vieram da parte de Deus, e de igual modo deveria também receber as aflições. Nossas misericórdias excedem em número as nossas aflições; para cada aflição nós recebemos mil misericórdias. Então nos submetamos a Deus dizendo "seja feita a Tua vontade".

Consideremos que a conformidade de nossa vontade a Deus na aflição traz muita honra ao evangelho. Engana-se quem pensa que está vivendo segundo o verdadeiro evangelho caso não consiga por ele lançar fora todos os humores doentios, e certamente este não é o evangelho porque não pode dominar nosso descontentamento e martiriza nossa vontade. Nossa submissão alegre à vontade de Deus coloca uma coroa de honra na cabeça do evangelho, e mostra o seu poder para nos tornar pacientes

debaixo das aflições, estando submissos à vontade de Deus (Apo 14.12).

Não podemos jamais esquecer que todas as pessoas, tanto crentes quanto descrentes estão debaixo da autoridade absoluta e soberana de Deus e Ele tem o direito de fazer com eles tudo o que for da Sua vontade (Mt 20.15). E Deus não deve satisfação a qualquer uma de Suas criaturas quanto ao que Ele faz. Assim não nos cabe qualquer direito de disputar com Ele senão nos submetemos à Sua vontade.

Deus criou tudo de maneira que nada fique fora do Seu governo. E nenhum ser moral poderá funcionar corretamente se não for governado por Ele. Podemos então estar convictos e sossegados quanto à grande verdade de que somente Ele sabe o que é realmente melhor para nós, e saberá portanto controlar as nossas tribulações de maneira que elas cumpram o Seu grande alvo na nossa transformação, em nos tornar sensíveis para reconhecer a Sua voz e obedecê-la, no meio de tantas

244

outras vozes que tentam conquistar o nosso coração, quer a nossa própria, quer a de outras pessoas, quer de espíritos malignos.

Nós confiamos no piloto do avião, no médico, no dentista e em todos os demais profissionais de cujos serviços dependemos entregando-nos ao cuidado deles, e como não descansaríamos na

sabedoria de Deus confiando-nos inteiramente ao Seu cuidado?

É impossível que Deus seja injusto em quaisquer uma das suas ações para conosco, ou nas coisas que permite que nos sucedam. Se fôssemos julgar as suas ações pelos padrões dos homens nós diríamos que Ele foi injusto e ingrato para com o apóstolo Paulo permitindo as muitas prisões que ele sofreu, mas com isto Ele não somente impediu que Paulo fosse morto pelos judeus que buscavam a todo custo tirar a vida do apóstolo, como fez com que os crentes se aplicassem mais na pregação do evangelho por verem o modo santo como Paulo se comportava nas suas prisões, e possibilitou que ele tivesse tempo para escrever algumas das suas epístolas, dentre tantos outros bons resultados que decorreram das suas prisões que estavam debaixo do controle total de Deus. Nós não podemos portanto julgar o que é sucesso ou fracasso de acordo com os padrões do mundo, porque há uma vontade soberana que nos governará do Seu modo e não do nosso quando nos submetermos quietamente a ela.

Justiça e equidade são a base do trono de Deus (Sl 97.2) e Ele jamais falhará portanto em quaisquer dos Seus juízos quanto ao que seja melhor para nós e para o avanço do reino de Cristo na terra, pelo qual devemos nos empenhar e até dar a própria vida se preciso for.

“Então Paulo respondeu: Que fazeis chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto

não só a ser preso, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” (At 21.13).

“22 Agora, eis que eu, constrangido no meu espírito, vou a Jerusalém, não sabendo o que ali acontecerá,

23 senão o que o Espírito Santo me testifica, de cidade em cidade, dizendo que me esperam prisões e tribulações,

24 mas em nada tenho a minha vida como preciosa para mim, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.” (At 20.22-24).

245

Nós não poderemos ser como Paulo se não permitirmos como ele permitiu, que a graça o capacitasse para todas as coisas. A graça renova a vontade e a vontade deve ser renovada antes que possa ser subjugada; a graça ensina a abnegação, e nós nunca poderemos submeter nossa vontade até que nos auto neguemos.

Nós devemos então trabalhar para entender o significado da aliança da graça com a qual fomos achegados ao Senhor. Não podemos servi-lo de acordo com os nossos próprios termos, mas de acordo com os termos que Ele fixou na aliança, de maneira que possamos dizer correta e efetivamente “seja feita a Tua vontade”.

Se o fizermos poderemos chegar a ser como o apóstolo Paulo que tinha prazer nas aflições:

“Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então é que sou forte.” (II Cor 12.10).

Para tanto é necessário ter humildade de espírito, porque um homem orgulhoso nunca se inclinará diante de Deus, ele nunca se dobrará, mas quando o coração é humilde a vontade fica flexível.

Um espírito humilde tem um senso profundo do pecado e assim quando Deus o aflige ele diz “seja feita a Tua vontade”.

Devemos considerar que pelo fato de Deus ter perdoado os nossos pecados em Cristo, que suportou o castigo e a ira de Deus no nosso lugar para não sermos condenados eternamente, então devemos suportar qualquer coisa e não murmurar reclamando do nosso fardo de aflição, mas bendizer a Deus por ter removido o fardo do pecado. A alma que tem noção do quanto foi perdoada dirá “seja feita a Tua vontade”.

É preciso aprender a não olhar tanto o lado escuro da nuvem, quando o lado claro. Não devemos colocar nossas mentes e corações em nossas aflições, mas olhar com fé para o Senhor e aguardar e clamar pelo Seu livramento. A hora da aflição é hora do exercício da fé olhando para o alto, para Aquele que intercede por nós no céu, e não para a própria adversidade que poderá nos levar a ter uma atitude de querer recusar as consolações do Senhor. Se estivermos num abismo não devemos fixar nossos olhos no seu

fundo úmido e lodoso, mas na claridade do céu e devemos desejar estar em espírito com o Senhor nos lugares elevados. O Senhor nos abate não para que fiquemos contemplando o nosso estado de abatimento, mas para aprendermos a confiar nEle olhando para o Autor e Consumador da nossa fé. A oração ganha força nos vales

246

profundos. O clamor se torna intenso e verdadeiro. Daí sermos incentivados por Deus a clamarmos a Ele no dia da angústia em busca de socorro:

“invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.” (Sl 50.15).

A Quarta Petição na Oração do Senhor

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” – Mt 6.11

Na oração do Senhor, primeiro nós oramos para que o nome de Deus seja santificado, depois para que venha o Seu reino, e somente depois disso nós oramos pelo pão diário. Isto indica que a glória de Deus deve vir antes da própria honra e necessidade do homem.

Cristo preferiu a glória do Pai antes da Sua própria como homem (João 8.49,50).

A glória de Deus é muito estimada por Ele; é a menina dos Seus olhos; tudo o que Lhe é precioso repousa nela. Deus jamais se separará da Sua glória e não a transferirá a outrem (Is 42.8). A Sua glória vale mais que o céu, tem mais valor que a

salvação de todos os homens. Anjos caíram do seu estado original no céu; homens se perdem; reinos são dissolvidos, mas Deus jamais permitirá que qualquer parte da Sua glória seja perdida.

Se Deus atribui tão imensa estima à Sua glória, é então nosso dever tudo fazer para a Sua glória, e tê-la em elevada estima. Nós devemos preferir a glória de Deus antes mesmo das nossas próprias necessidades.

A nossa honra é uma joia preciosa mas a glória de Deus deve ser mais estimada que a nossa própria honra. Nós devemos estar dispostos a ver a nossa honra pisada para que a glória de Deus possa ser mais elevada. Os apóstolos se alegraram por terem sido considerados dignos de sofrerem vergonha por causa do nome de Jesus (At 5.41). Nos é ordenado estimar mais a glória de Deus que os nossos próprios familiares (Lc 14.26).

Nós temos que estimar a glória de Deus muito além da estima que damos aos nossos bens terrenos (Hb 10.34), e até mesmo acima da nossa própria vida (Apo 12.2).

Agora nós temos diante de nós a petição que o Senhor nos ensinou: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Esta petição consiste em resumo num reconhecimento de que a competência para atender nossas necessidades externas é concedida por Deus.

247

"...não me dê nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção de costume;" (Pv 30.8).

Tudo vem de Deus; Ele faz o trigo crescer, e as ervas florescerem.

A petição "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" comprova a nossa indigência e que todos nós vivemos das esmolas e dons gratuitos de Deus. Tudo que há neste mundo vem da mão generosa de Deus. Nós não podemos ter além do que Ele dispõe no Seu celeiro.

Com este reconhecimento que tudo vem das mãos do Senhor, então nós temos que Lhe pedir toda a nossa provisão diária. Tudo o que nós tivermos se não vier através da oração não poderá ser recebido através do amor do Senhor e poderá vir a nós em ira assim como as codornizes foram dadas a Israel como resposta à murmuração deles.

Se pedimos e o recebemos como um dom, então não o merecemos. E se o dom é de Deus procedem muito mal aqueles que procuram suprir suas necessidades indo ao diabo fazendo um pacto com ele. É melhor padecer fome do que ter o diabo como nosso provedor.

Se tudo é um dom de Deus então não é uma dívida que Ele tem para conosco. E se tudo que recebemos de Deus é um dom, nós nada podemos dar a Ele que Ele próprio não tenha dado a nós (I Crôn 29.14).

Se nós damos esmolas a outros é porque Deus deu primeiro Suas esmolas a nós em tudo que providenciou no mundo para o nosso sustento e tendo permitido e nos dado sabedoria, saúde e todas as condições necessárias para obtê-lo e desfrutá-lo.

Não há nada em nós que nos recomende a merecer a bondade de Deus, contudo tal é a doçura da Sua natureza, que Ele nos dá uma rica provisão e nos alimenta com o melhor trigo. Ele nunca se cansa de nos prover com boas coisas. Deus se encanta em dar. Ele tem prazer na misericórdia (Mq 7.18). Deus dá boas coisas até mesmo aos Seus inimigos. Ele faz com que o orvalho da Sua generosidade caia até sobre os piores da humanidade. Deus dá o pão às bocas que se abrem contra Ele. Se tudo é um dom de Deus veja quão odiosa é a ingratidão dos homens que pecam contra o doador deles. Deus os alimenta e eles lutam contra Ele. Deus lhe dá o pão e eles lhe devolvem afrontas. Quão ingrato é isto!

“7 Como, vendo isto, te perdoaria? Teus filhos me deixam a mim e juram pelos que não são deuses; quando os fartei, então adulteraram, e em casa de meretrizes se ajuntaram em bandos.

8 Como cavalos bem fartos, levantam-se pela manhã, rinchando cada um à mulher do seu próximo.

248

9 Deixaria eu de castigar por estas coisas, diz o Senhor, ou não se vingaria a minha alma de uma nação como esta?" (Jer 5.7-9).

Oh, quão horrendo é pecar contra um Deus generoso. Ferir a mão que nos alimenta e alivia. Deus dá inteligência aos homens e eles a usam para servir ao diabo com ela. Ele lhes dá força e eles a desperdiçam com meretrizes. Ele lhes dá alimento e eles levantam o seu calcanhar contra Ele (Dt 32.15).

Mas quão perigoso é abusar da longanimidade, bondade e misericórdia de Deus. Os favores e as misericórdias reais de Deus serão um testemunho contra os tais. Esta misericórdia e favor acabarão se transformando em ira, assim como o óleo não pega fogo facilmente mas que sendo muito aquecido continuamente acaba se incendiando.

Se é o Senhor quem tudo nos dá, então sejamos gratos a Ele.

"O que dá mantimento a toda a carne; porque a sua benignidade dura para sempre." (Sl 136.25).

"Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como se vê neste dia." (Dt 8.18).

Nós devemos louvar ao Senhor pela provisão que nos faz não somente com nossos lábios, mas com os nossos bens.

“9 Honra ao Senhor com os teus bens, e com a primeira parte de todos os teus ganhos;

10 E se encherão os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares.” (Pv 3.9,10).

Deus nos dá o pão e nós devemos gastar a força que nós recebemos da Sua provisão no Seu serviço. Isto é ser grato de modo prático, e para sermos gratos devemos ser humildes. O orgulho quebra a corrente da gratidão. Um homem orgulhoso nunca será grato porque pensa que é pela sua própria inteligência, força e méritos que ganha o seu pão. Ele não consegue enxergar que tudo é um dom de Deus, e sequer somos merecedores destes dons porque somos pecadores. Entretanto Ele os concede por causa da Sua grande misericórdia.

Assim, em face de tudo o que vimos, aprendemos que é correto orar por coisas temporais, porque somos ensinados a orar todos os dias para que recebamos o nosso pão das mãos de Deus. Entretanto há uma grande diferença entre orar por coisas temporais e coisas espirituais. Quando oramos por aquilo que é espiritual nós devemos ser absolutos, isto é, não devemos contar com nenhuma negação da parte de Deus, porque a

249

Palavra nos garante a certeza de que receberemos a graça e o perdão de pecados que são necessários a nós. Mas quando oramos por coisas temporais, nossas orações devem ser limitadas, porque temos que orar condicionalmente, porque Deus

somente nos dará o que for bom para nós. Há coisas que seriam armadilhas para afastar o nosso coração do Senhor, então devemos orar por estas coisas em submissão à vontade de Deus. O povo de Israel recebeu grandes castigos de Deus no deserto nos dias de Moisés porque pensavam que Ele estava obrigado a lhes dar as coisas temporais de modo absoluto (Nm 11.18), segundo o próprio desejo deles. Deus lhes deu o maná mas o paladar deles desejava muito mais; eles teriam que ter codornizes. Deus atendeu o desejo deles, mas tiveram que provar o gosto amargo das suas codornizes.

“29 Então comeram e se fartaram bem, pois ele lhes trouxe o que cobiçavam.

30 Não refrearam a sua cobiça. Ainda lhes estava a comida na boca,

31 quando a ira de Deus se levantou contra eles, e matou os mais fortes deles, e prostrou os escolhidos de Israel.” (Sl 78.29-31).

Nós temos portanto que orar pelas coisas temporais com submissão a Deus.

É uma boa norma, quando nós oramos pelas coisas que pertencem a esta vida, que nós desejemos coisas temporais para fins espirituais. Nós temos que buscar estas coisas como um auxílio em nossa viagem para o céu.

Se nós oramos por saúde, nós podemos melhorar a nossa saúde para usar nossa vida para a glória de Deus, colocando-nos a Seu serviço. Se orarmos

por prosperidade material que seja para um fim santo, de modo que fiquemos longe das tentações às quais a miséria nos expõe, e para que possamos ter uma melhor capacidade de semear as sementes de ouro da generosidade aliviando aqueles que estão em necessidade. Ana orou por um filho mas para poder dedicá-lo ao serviço de Deus (I Sm 1.11).

Muitos oram por coisas terrenas somente para satisfazerem os apetites dos seus sentidos (Tg 4.3). Nós devemos apontar para o céu quando oramos pelas coisas da terra.

Alguns oram por mais poder para que possam prevalecer contra os seus inimigos. Outros oram para aumentar suas posses para poderem encher de inveja os seus vizinhos. É uma vergonha e um descaramento orar a Deus para nos dar coisas temporais para que possamos servir melhor os interesses do diabo.

250

Se nós devemos orar por coisas temporais, quanto mais por coisas espirituais. Se nós devemos orar pelo pão terreno, quanto mais pelo pão vivo! Se por azeite, muito mais pelo azeite de alegria! Se para matar a nossa fome, muito mais para a salvação das nossas almas e para matar a fome e sede de justiça. Se Deus atendesse somente nossas orações por coisas materiais e nada mais, em que seríamos melhores? O que adianta ter comida e ter falta de graça?

Devemos então orar para que Deus não somente nos alimente, mas que também nos santifique; que nos dê antes um coração cheio de graça do que uma casa cheia de ouro.

A comida que dava alegria a Jesus era muito mais fazer a vontade do Seu Pai, do que o pão terreno que sustentava o seu corpo (João 4.32-34).

É por isso que Jesus disse ao diabo quando foi tentado por ele no deserto: "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus." (Mt 4.4).

É óbvio que enquanto estiver neste mundo, o homem terá necessidade do pão material e por isso Jesus confirmou que até mesmo Ele, enquanto homem, participante da humanidade, por ter assumido a natureza humana, necessitava também do pão material.

A oração modelar que o Senhor ensinou diz "o pão nosso dá-nos" e não "dá-me o meu pão", e tudo o mais nesta oração está direcionado para o interesse público e não individual, porque o crente é chamado a agir pelo interesse do corpo de Jesus em primeiro lugar que é a igreja, e depois pelos seus demais semelhantes, e não para alimentar desejos individuais egoístas. O homem não foi criado para viver estreitamente dentro dos interesses relativos à sua própria esfera, mas para ter um espírito público que o leve a se interessar pelas necessidades dos seus semelhantes.

Há pessoas que olham somente para si mesmas e não prestam atenção às necessidades de outros.

Assim nunca intercedem por outros em suas orações. Se eles tiverem o seu pão diário não se importarão que outros estejam passando fome. Se eles estiverem vestidos, não se preocuparão com aqueles que estiverem nus. Cristo nos ensinou a orar por outros: "dá-nos".

Oremos por outros e também por nós mesmos.

Aranhas trabalham apenas para elas, mas as abelhas para o bem de outros.

251

Alguém é tanto mais excelente quanto mais opera para o bem de outros. Quando mais um crente for enobrecido com a graça, mas ele se dirigirá ao céu com suas orações em favor de outros.

Davi é um grande exemplo de espírito público em oração e ação porque o bem que Ele buscava em Deus era muito mais para o povo do Senhor do que para si próprio.

Davi estava interessado tanto na prosperidade espiritual quanto material de Israel, e de igual modo todo crente deve estar interessado não somente no aumento da sua fé e dos seus irmãos em Cristo, como também pela comida deles, para que o Deus lhes dê o seu pão diário.

Jesus nos ensinou:

"Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal." (Mt 6.34).

E o apóstolo Tiago afirmou a incerteza do amanhã:

“Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque, que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.” (Tg 4.14).

Isto ensina que o nosso futuro está nas mãos de Deus. Se viveremos ou se morreremos está nas mãos do Senhor porque para nós o futuro é incerto, uma vez que somente Ele conhece e dirige o nosso futuro.

Esta realidade deve nortear as nossas expectativas e com elas as nossas orações, uma vez que não podemos viver senão um dia de cada vez, e assim nossas petições para o suprimento de nossas necessidades materiais e espirituais deve ser feito em cada dia para cada dia, porque o Senhor atenderá sempre nossas necessidades presentes; sem fazer qualquer garantia para uma provisão futura para nós neste mundo, porque não sabemos o que nos reservará o amanhã.

Se o padrão de Deus é a concessão de alimento em cada dia presente, então aquele que tem muitos bens e boa provisão para o futuro deveria dar muitas graças a Deus, porque o padrão de contentamento dEle para nós é que estejamos contentes se tivermos o alimento de hoje garantido, sem saber se o teremos no dia seguinte, tal como Israel dependia no deserto de confiar em Deus que o maná seria dado a eles em cada dia.

Há muitos que têm recebido de Deus bens que podem suprir-lhes por toda a sua vida, e isto

mostra que Deus provedor em abundância que nós servimos. Ele diz que devemos estar contentes com a porção para um só dia, mas abre a Sua mão e nos provê para muitos dias. E se provar alguns de seus filhos até mesmo com falta de pão, não permitirá que isto seja por

252

muito tempo (II Cor 11.27; Fp 4.12), porque tem garantido ao que é temente ao Seu nome e que anda de modo justo para com Ele de nunca deixar tal pessoa e a sua descendência mendigar o pão (Sl 37.25).

Nós oramos para que Deus nos supra com o nosso pão diário, mas geralmente Ele nos dá generosamente muito mais do que aquilo que pedimos (Ef 3.20).

Na oração modelar que nos ensinou o Senhor apenas nos ensinou que devemos pedir o nosso pão a Deus, e com isto reconhecer que tudo o que temos provém dEle, mas não ensinou aqui o modo de obtê-lo. O maná foi dado a Israel sem que eles trabalhassem por ele no deserto porque estavam vivendo numa circunstância excepcional, tal como Elias quando foi alimentado miraculosamente por Deus através dos corvos e da viúva de Sarepta. Mas em circunstâncias normais que é o modo geral da vida, devemos trabalhar diligentemente para obter o nosso pão, e isto foi ensinado pelo Senhor e pelos apóstolos em outras passagens da Bíblia.

“11 Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs.

12 A esses tais, porém, mandamos, e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão.” (II Tes 3.11,12).

A oração do Senhor diz “pão nosso” porque deve ser obtido por nós, com o nosso trabalho, e não por furtá-lo de outros, porque certamente este pão não nos pertence, e não se pode dizer dele que seja nosso. De igual modo o pão que ganhamos de outros enquanto nos mantemos inativos, ociosos, porque não somos dignos deste pão, e muito menos o pão que é obtido mediante violência sob a forma de fraude, extorsão ou qualquer outra maneira violenta. Nada disso será o nosso pão pelo qual devemos orar e trabalhar.

Aquele que vive à custa de outros sem nada fazer por eles, que se recusa a trabalhar, não pode orar “o pão nosso”, por motivos óbvios.

A palavra para “pão” do nosso texto é artos no original grego e é usada em várias outras passagens sempre com o significado do pão material.

Muitos indagam por que Jesus não ensinou a orar pedindo pelo alimento espiritual em vez do pão material nesta oração modelar, apesar de ter ensinado isto em outras passagens dos Evangelhos? No entanto é importante reconhecer que ao fazê-lo Ele demonstrou que as

necessidades materiais são atendidas a partir do céu pela provisão de Deus. Ele mostrou que nada está fora do alcance da provisão divina, e

253

portanto é nosso dever fixar nossa atenção no Senhor inclusive para a nossa provisão material. É muito comum que os homens estejam naturalmente mais ocupados com as questões de suas necessidades terrenas do que com as suas necessidades espirituais, e Jesus nos ensinou que estas necessidades terrenas não podem ser consideradas à parte do reconhecimento que devemos pedi-las a Deus e sermos gratos a Ele por provê-las a nós. A falta deste reconhecimento será devidamente considerada no juízo, especialmente pela falta de um emprego generoso e segundo a vontade de Deus em relação a estes bens terrenos, especialmente para o atendimento da necessidade de outros:

“41 Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;

42 Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber;

43 Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes.” (Mt 25.41-43).

De maneira que a nossa espiritualidade é comprovada particularmente pelo uso correto

dos bens materiais para atender as necessidades do nosso próximo.

A maneira de demonstrarmos nossa gratidão ao Senhor é em primeiro lugar sendo generosos em nossos dízimos e ofertas para o sustento da Sua casa, e no compartilhar as necessidades dos nossos semelhantes. Esta é uma forma externa e visível de se medir a nossa fé.

“Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade;” (Rom 12.13).

“Porque a administração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também é abundante em muitas graças, que se dão a Deus.” (II Cor 9.12).

“Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel.” (I Tim 5.8).

“Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé.” (Gál 6.10).

Se nós temos bens suficientes para atender as necessidades de outros e fechamos o nosso coração, pecamos.

Mas se não temos o suficiente para compartilhar com outros, Deus não nos cobrará isto em juízo, porque Ele não exige que demos aquilo que nós não temos. Ninguém deve portanto se endividar a pretexto de estar vivendo por fé, ainda que esta dívida seja para beneficiar a outros. O

padrão bíblico é de que a ninguém devamos nada, senão somente o amor, de modo que o nome do Senhor não seja infamado.

“11 Agora, porém, completai também o já começado, para que, assim como houve a prontidão de vontade, haja também o cumprimento, segundo o que tendes.

12 Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem.” (II Cor 8.11,12).

Devemos também considerar a questão do contentamento com a provisão que tivermos recebido de Deus, seja ela pequena ou grande:

“Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes.” (I Tim 6.8).

O padrão de contentamento bíblico é confirmado portanto pela simples provisão do pão diário. Segundo a vontade de Deus não há base para que qualquer crente ensine que deve haver contentamento somente quando houver grande provisão da parte de Deus para nós. Pois a Sua Palavra, que é a verdade, nos ensina claramente que devemos estar satisfeitos caso seja apenas atendida a simples provisão do nosso alimento diário. Entretanto, como já vimos antes, Deus é abundantemente generoso em nos dar muito mais do que Lhe pedimos, mas se isto vem a faltar não temos motivo para estar insatisfeitos porque

o Senhor tem nos ensinado a orar pela provisão do alimento necessário para cada dia, de maneira que não teremos razão para estar insatisfeitos se isto não vier a nos faltar. E quando isto ocorrer, por qualquer motivo, a insatisfação com a presente condição não significa direito para murmuração ou reclamar de Deus, mas continuar orando para que seja suprida a nossa provisão diária.

Outro aspecto a considerar é a administração dos bens que temos recebido de Deus, porque não devemos gastar além das nossas posses. Se vivermos fora das nossas possibilidades jamais teremos razão em protestar diante de Deus que Ele tem sido infiel em prover as nossas necessidades. Mas quantos crentes não têm vivido deste modo para a própria vergonha deles e para dar ocasião que o cuidado de Deus pelos Seus filhos seja injustamente blasfemado! Deus não se obrigou a atender as necessidades que o mundo moderno criou e nem os apelos que são feitos pela mídia para que se consuma desenfreadamente bens e serviços. Deus garantiu a nossa provisão estritamente necessária para a manutenção da vida e não os nosso luxos.

Consideremos também que há muita inquietação nas riquezas especialmente para a obtenção delas. Muitos colocam nisto inteiramente

255

todo o seu interesse, tempo e trabalho e pouco se ocupam com as coisas que são do interesse do

Senhor. E estes também prestarão contas em juízo por mais trabalhadores que tenham sido, porque o fizeram para si mesmos para atender aos seus desejos egoístas. A Bíblia também ensina claramente quando ao perigo que há neste modo de vida para acumular riquezas neste mundo, e a oração que nos lembra que devemos orar simplesmente pela nossa provisão diária muito nos ajudaria a fugir deste laço no qual muitos têm caído:

“9 Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína.

10 Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.” (I Tim 6.9,10).

“19 Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

20 Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.” (Mt 6.19,20).

“E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui~” (Lc 12.15).

Sem esta total disponibilidade para ser usado por Deus nunca haveria missionários em campos em que as condições de vida são em extremo difíceis.

“33 Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói.

34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.” (Lc 12.33,34).

A cobiça é um desejo irregular para se obter riquezas. É a insatisfação instalada no coração que engana o homem levando-o a buscar plena satisfação pela ilusória ideia de que será bem sucedido se for rico de bens materiais, fama ou poder.

256

Deus requer uma sábia administração dos bens que Ele nos dá, especialmente daqueles que são destinados à manutenção da Sua casa. Não amar as riquezas não significa que se deve ter repúdio ao dinheiro. Há muitos que alegam que não querem saber de dinheiro porque vivem apenas por fé. Mas isto não é fé porque a Bíblia ensina ser fiel e cuidadoso na administração dos bens que são colocados por Deus debaixo do nosso cuidado. Nós somos Seus mordomos, especialmente os ministros do evangelho. Então devem ser sábios, zelosos, interessados e fiéis em administrar dinheiro e bens para que o nome do Senhor possa ser glorificado.

“42 E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração?

43 Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.

44 Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá." (Lc 12.42-44).

Não se deve tratar de maneira romântica coisas que são reais, especialmente as relativas à administração do dinheiro necessário à nossa subsistência e de outros, especialmente das pessoas da nossa própria família.

Nas mãos de Deus a nossa provisão, ainda que pequena, renderá, e estarmos contentes com a nossa provisão nos livrará de muitas tentações nas quais costumam cair as pessoas descontentes.

Satanás usará o descontentamento para insuflar tristeza e murmuração, e em não poucos casos, desconfiança da fidelidade de Deus em cuidar das nossas necessidades.

Para ficar livre de cair nestas tentações devemos bendizer a Deus pela nossa provisão, seja ela qual for, enquanto somos zelosos e fiéis em administrar de modo sábio aquilo que tem chegado às nossas mãos.

Nós somos chamados a aprender com as formigas que fazem provisão de alimento no verão para o inverno. Isto nos ensina que devemos aprender a poupar não por motivo de avareza mas de prudência. Deus não aprova o esbanjador e em muitas passagens da Sua Palavra nos ensina a sermos criteriosos em tudo, especialmente no

que diz respeito ao uso correto para a obtenção e para a aplicação do dinheiro.

Voltamos a dizer junto com o Senhor que é importante orar pelo pão diário e não por riquezas, porque há um grande perigo, tentações e laços

257

nas riquezas, que nos incompatibilizam com os interesses de Deus e do Seu reino.

“Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína.” (I Tim 6.9).

Uma grande prosperidade pode endurecer facilmente o coração, tal como ocorreu com o homem rico da parábola dos celeiros que Jesus nos ensinou (Lc 12.16-21). E o Senhor nos alertou quanto ao perigo que a confiança na riqueza pode trazer quanto a nos impedir de entrar no reino dos céus (Mt 19.24).

Através do uso adequado dos bens materiais Deus nos ensina muitas lições como por exemplo a sermos moderados, sóbrios, sábios, equilibrados, satisfeitos, generosos, diligentes, misericordiosos e tantas outras virtudes que dificilmente aprenderíamos sem sermos provados na maneira como devemos buscar, administrar e aplicar os bens terrenos. Não devermos portanto fazer destes bens um fim em si mesmo, porque como temos visto não os levaremos conosco quando

sairmos deste mundo, e são apenas meios pelos quais devemos comprovar o nosso amor e serviço a Deus e ao nosso próximo.

Por isso se diz que é coisa mais bem-aventurada dar do que receber (At 20.35), porque a finalidade dos bens não é para serem acumulados para atenderem nossos desejos egoístas, mas serem usados para a glória de Deus.

Para provar a nossa fé e para glorificar o Seu nome, Deus provará a fidelidade da maior parte do Seu povo em segui-lo não lhes provendo com muitos bens materiais, de maneira que demonstrem contentamento e gratidão a Ele ainda que na pequena provisão de bens que Ele lhes prover. Isto traz grande glória ao Seu nome porque ainda que sejam provados como permitiu que acontecesse com Jó, Satanás será envergonhado e o nome de Deus louvado, quando permanecermos afirmando a Sua bondade para conosco em toda e qualquer circunstância adversa à qual não tenhamos dado ocasião por nossa própria culpa em não administrarmos os nossos bens de maneira fiel.

Assim, se tivermos somente o pão diário para a nossa subsistência, estejamos contentes.

Lembremos que grandes posses são como uma veste longa e pesada que é difícil de ser usada. Estejamos contentes com os trajes leves com que a maioria dos crentes estão vestidos.

“25 Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?

26 Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

27 E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

28 E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam;

29 E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

30 Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

31 Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?

32 (Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas;

33 Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

34 Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” (Mt 6.25-34).

A Quinta Petição na Oração do Senhor

“e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores;”
– Mt 6.12

Nesta oração modelar que o Senhor nos ensinou há uma petição para o corpo (“o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje” – da quarta petição) e duas para a alma (“perdoa-nos as nossas dívidas – desta quinta petição; e “não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal” - da sexta petição). Observamos conseqüentemente que devemos dar maior atenção ao estado e condição de nossas almas, do que ao dos nossos corpos.

Não foi sem motivo que o Senhor estipulou que o valor do siclo usado para todos os serviços a serem pagos ao santuário seria pelo de maior valor que

259

era exatamente o dobro do valor do siclo comum. Isto tipificava que as coisas espirituais têm um maior peso e valor para nós do que as coisas terrenas.

O corpo é apenas o estojo que guarda a joia que é o espírito.

O corpo é mortal mas o espírito é imortal e pode existir sem o corpo, mas o corpo não pode existir sem o espírito.

Então é grande sabedoria garantir a salvação da alma para a preservação do corpo, especialmente para a sua ressurreição futura num corpo glorioso que brilhará com a luz de Cristo.

Por isso Jesus somou imediatamente à petição pelo pão diário, a do perdão dos pecados que conduz à salvação da alma. Isto mostra claramente que ainda que tenhamos o nosso pão diário isto em nada será significativo se nós não tivermos os nossos pecados perdoados por Deus.

E aqueles que são assim perdoados por Deus têm o dever de também perdoarem os seus semelhantes pelas suas ofensas, porque tiveram as suas próprias ofensas perdoadas gratuitamente por Deus.

O pão diário satisfaz o apetite e alimenta o corpo, mas o perdão de pecados alimenta a alma e satisfaz à consciência.

A palavra “dívidas” do nosso texto (Mt 6.12), pode ser traduzida por pecados porque a dívida que temos para com Deus é resultante dos nossos pecados. Mas é importante destacar que a palavra usada no original grego é ofeileima, que significa aquilo que é justa ou legalmente devido, isto é, uma dívida. Esta palavra é a usada no texto de Rom 4.4, e é resultante do verbo ofeiléu, dever – de dívida, que encontramos em passagens como

Mt 18.28,30,34; 23.16,18; Lc 16.7, dentre várias outras.

No texto de Lc 11.4, paralelo ao nosso de Mt 6.12, nós temos no original grego a palavra *amartia*, no lugar de dívidas. A tradução é portanto perdoa os nossos pecados, mas na sequência do mesmo texto de Lucas está escrito: "assim como temos perdoado os nossos devedores".

Isto demonstra clara e diretamente que a dívida que é citada pelo Senhor é a dívida de pecados, porque o pecado é uma dívida, e todo pecador é um devedor que deverá prestar contas legalmente da sua dívida ao grande Juiz.

Na parábola que Jesus citou em Mateus 18.24 o pecado é comparado a uma dívida de 10.000 talentos, que correspondem a algo em torno de 54 bilhões de Reais (para quem gosta de cálculos precisos, 10.000 talentos correspondem a cerca de doze toneladas de ouro).

Por que o pecado é chamado uma dívida?

260

Porque se assemelha a isto. (1) uma dívida surge do não pagamento daquilo que é devido. Nós devemos santidade e obediência perfeitas a Deus, porque foi para isto que Ele nos criou, e não lhe dando o que Lhe é devido, nós estamos conseqüentemente em dívida. (2) na falta de pagamento os bens do devedor são espoliados ou ele vai para prisão porque é considerado culpado pelos juizes, e no caso do pecado dá-se o mesmo

porque o pecador é considerado culpado por Deus por não Lhe dar o que é devido. E a falta de pagamento da dívida que se tem para com Deus implicará morte eterna caso a dívida não seja perdoada, porque é impossível que seja paga pelo próprio devedor, porque é pecador, e jamais poderá por si mesmo dar a Deus a obediência e santidade perfeitas que Lhe são devidas (Isto foi dado por Cristo em nosso lugar, e por isso importava que Ele não somente morresse por nós, mas que vivesse em perfeita obediência debaixo da Lei de Deus - Rom 5.19). Qualquer pessoa depende desesperada e unicamente de perdão, porque a cada dia que vive só faz aumentar a sua dívida para com Deus. Não há outra esperança, não há outra saída senão ter a sua dívida perdoada para que não seja condenada eternamente à prisão.

Como o pecado consiste basicamente em não se dar a Deus o que Lhe é devido, nós concluímos então que o pecado é a pior das dívidas, e incomparavelmente pior do que qualquer outra, porque sujeita a um dano eterno.

Assim, quando alguém pede na oração modelar “perdoa as nossas dívidas” ela está pedindo na verdade algo vital, de importância capital e extraordinária que não pode ser medida. Não é uma pequena conta que será cancelada caso o perdão seja concedido. Esta dívida é enorme. Não pode ser medida senão pelo próprio Deus. E não pode ser liquidada, como vimos, senão unicamente pelo perdão da dívida.

Se nós tivéssemos como pagar esta dívida não precisaríamos orar por perdão da dívida. Esta dívida é espiritual e não pode ser paga com dinheiro. É uma dívida de vida que pode ser paga somente com a morte. Por isso Jesus teve que morrer por nós para que a nossa dívida pudesse ser cancelada. Caso Ele não morresse no nosso lugar Deus não poderia perdoar a dívida que temos para com Ele porque isto seria injusto, e não seria portanto permitido pelo Seu atributo de Justiça. Por este atributo Deus exige compensação de todo dano. Nada pode ser relevado sem uma justa retribuição pela ofensa, e isto foi claramente revelado por Ele na dispensação da Lei. Nada pode ser perdoado sem que a Sua Justiça seja

261

satisfeita. A justiça é a base do Seu trono porque sem ela nada poderia ter equilíbrio, equidade, segurança. Nenhuma relação quer na terra, quer no céu, poderia ter uma base estável, porque atos morais poderiam ser praticados sem estarem submetidos a qualquer forma de juízo. Mas Deus, pelo Seu atributo de Justiça, tudo julga e nada escapa do Seu perfeito juízo, e isto faz que dê a paga exata a cada um conforme as suas obras.

Deste modo, como o pecado é uma ofensa e dívida contra uma Majestade infinita perfeitamente Santa e Justa, é por conseguinte uma dívida infinita.

Se até pensamentos vão são pecados que serão considerados no juízo, como poderíamos

enumerar o tamanho da nossa dívida para com Deus (Sl 40.12)? Assim nunca poderemos saber o quanto devemos a Deus.

Não cai bem a devedores terem um espírito orgulhoso, senão humilde. Convém a todos se humilharem diante do grande Credor implorando-Lhe por perdão, tal como o Senhor Jesus nos ensinou a fazer na oração do Pai Nosso.

A dívida deve ser confessada com humildade tal como é ensinado em Mt 6.12. Se nós confessarmos a dívida, Deus a perdoará (I João 1.9). Mas enquanto buscamos o perdão através da certeza de que será alcançado por meio da nossa simples confissão, no entanto não cometamos o grande pecado de pensar que este perdão é algo barato e fácil, porque custou o grande preço da morte de Jesus. É um perdão gratuito mas Deus nos impõe o ônus da fé, do arrependimento, da conversão, para alcançá-lo. Isto é, o que for perdoado deverá viver em novidade de vida. Não deve voltar à prática deliberada do pecado, mas deve demonstrar sua gratidão e reconhecimento de que fora de fato perdoado, vivendo em santidade de vida, em estrita obediência à vontade de Deus, porque isto é o que Lhe devemos na condição de seres morais criados à Sua imagem e semelhança. Se não fizermos isto somos hipócritas em nossa oração pedindo-Lhe perdão dos nossos pecados, porque ao mesmo tempo que o fazemos estamos dispostos a viver do mesmo modo pelo qual a nossa dívida foi contraída. Recebemos o dom da vida de Deus e não Lhe pagamos o tributo devido

de obediência à Sua vontade. Negamo-nos a pagar o que Lhe é devido. Então que busca de perdão foi esta que não levou em consideração estas verdades?

E um dos principais tributos que se exige de nós para sermos perdoados por Deus, e continuarmos agradando a Ele em vez de ofendê-lo, depois de

262

termos sido perdoados é o tributo da fé, porque sem fé é impossível agradecer-Lhe. Fé Nele e na Sua Palavra.

É pela fé em Jesus que se alcança a justificação (Rm 5.1), e é pela mesma fé em Jesus que se tem acesso à graça de Deus na qual os crentes estão firmes (Rom 5.2). Enfim, importa permanecer firme na fé em Jesus porque foi Ele quem pagou a dívida dos nossos pecados.

Nossa fé em Jesus é provada a todo momento. Devemos então colocar a coroa na cabeça do Evangelho da graça, pela nossa fé inabalável de que tudo em nossa caminhada cristã encontra-se no Senhor Jesus e não em nós mesmos.

A nossa aceitação por Deus não será achada em nossas boas obras e méritos, mas sempre será baseada na nossa fé em Cristo, porque é Ele quem garante o nosso acesso ao Pai, estando perdoados dos nossos pecados.

Que tipo de fé nós devemos exercitar na hora da tribulação? Fé em nossa própria capacidade e

poder? Não! Fé em Jesus para estarmos firmes. Este é o coração do evangelho.

Satanás sempre nos acusará e nos tentará para buscarmos a vitória sobre ele em nós mesmos, em nossa justiça própria. Ele até mesmo sugerirá que nos santifiquemos e nos acusará quando pecarmos. Ele terá uma boa base para nos acusar quando estivermos gemendo em nossas limitações e pecados porque atendemos às suas insinuações de tentar achar a pérola de grande valor em nós mesmos. A justiça que agrada a Deus em nossa própria natureza. Não é aí que as encontraremos, senão somente em Cristo, que é, Ele próprio, a Nossa Justiça.

“Naqueles dias Judá será salvo e Jerusalém habitará em segurança; e este é o nome que lhe chamarão: O SENHOR É NOSSA JUSTIÇA.” (Jer 33.16).

Assim, a nossa vitória sobre o pecado, sobre a morte, sobre Satanás, deve ser buscada somente em Cristo. É para o Autor e Consumador da nossa fé que devemos olhar enquanto caminhamos em nossa jornada neste mundo.

Deste modo, lutemos não somente para confessar, mas para termos nossas dívidas espirituais pagas por Cristo, nossa Justiça e Fiador. Digamos: “Senhor perdoa as nossas dívidas”, e Cristo pagará tudo.

Cristo é o nosso único Fiador. Tenha fé no sangue de Jesus e a dívida será liquidada. Nós não temos

com que pagar a dívida mas Deus proveu para nós um Fiador fidedigno que a pagará por nós.

263

Mas este Fiador tem uma condição para perdoar as nossas dívidas: ele exige que perdoemos também os nossos devedores. O nosso perdão das dívidas de outros não é portanto a causa de sermos perdoados por Deus, mas a condição sem a qual Ele não nos perdoará.

Muitos demoram a alcançar a salvação por este motivo. Eles se recusam a perdoar outros e somente recebem a salvação de Deus quando se dispõem a perdoar os seus devedores.

Eles pensam de Deus como de si mesmos, como se houvesse nEle alguma dureza de coração ou amargura. No entanto Deus é inteiramente benigno, compassivo, bondoso, amoroso, perdoador, e não podemos entender de maneira adequada, de forma alguma, o que Ele seja, e por isso somos chamados a exercer fé, a crer naquilo que Ele afirma de Si mesmo na Sua Palavra, e alcançaremos misericórdia se formos também misericordiosos pedindo-Lhe graça para que possamos perdoar e amar os nossos inimigos. E temos um bom motivo para isto, porque disto depende o nosso próprio perdão.

“Quem é Deus semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e que te esqueces da transgressão do resto da tua herança? O Senhor não retém a Sua ira para sempre, porque ele se deleita na benignidade.” (Mq 7.18).

O homem pode perdoar um pecado contra ele, mas ele não pode perdoar uma transgressão contra Deus, e como todo pecado é uma transgressão contra Deus podemos afirmar que nenhum homem pode perdoar completamente o pecado e remover a culpa do pecador. Isto é, se alguém peca contra o seu próximo e é perdoado por ele, no entanto aquele que foi perdoado continuará sem perdão e culpado diante de Deus caso não busque ser perdoado por Ele.

Um crente pode e deve perdoar o seu irmão (Col 3.13), mas não tem o poder de isentar a sua culpa perante Deus. Somente em Cristo a culpa do pecado pode ser removida. Daí serem tantas as ilustrações no Antigo Testamento dos sacrifícios de animais que tipificavam a remoção da culpa que pode ser feita somente através do sangue do sacrifício de Cristo, do qual aqueles eram apenas figura.

Assim a autoridade para perdoar pecados que Cristo concedeu aos ministros do evangelho (João 20.23) é apenas declarativa, mas não efetiva. Se aquele que foi perdoado pelo pastor, não se arrependeu efetivamente dos seus pecados, ele não será perdoado por Deus, ainda que possa enganar os Seus ministros com um arrependimento superficial ou falso.

264

Mas quando o arrependimento é sincero e há humilhação pelo pecado, o ministro pode e deve declarar o perdão do pecado daquele que se

arrependeu, para que a sua consciência seja acalmada, e para que seja também recebido na comunhão dos santos, por conversão ou por nova reconciliação. E o ministro não perdoa o pecado pela sua própria autoridade, mas como um arauto, no nome de Cristo, em quem e por quem os pecados são efetivamente perdoados.

Tal como na Aliança da Lei, quando Deus limpava o leproso, era dever do sacerdote declará-lo oficialmente limpo. De igual modo Deus perdoa o pecado e o ministro declara o penitente perdoado.

Nenhum mortal recebeu de Deus autoridade e poder para poder perdoar pecados em seu próprio nome, ou por sua própria eficácia, porque a dívida de pecados que temos é para com Deus e não para com os homens. Nenhum homem é credor de outro em relação a pecados praticados contra eles.

“Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro.” (Is 43.25).

Quem mais além de Deus tem o poder de apagar as transgressões dos pecadores?

O perdão é tirado dos intestinos da misericórdia de Deus e não há nada que possamos fazer para merecer isto, nem nossas orações, lágrimas ou boas obras podem comprar o perdão.

Assim se os homens pensam que eles podem comprar o perdão de pecados com os seus

deveres e esmolas, tanto eles quanto as suas obras e dinheiro perecerão juntamente.

É principalmente pelo perdão de pecados que Deus comprova tanto aos homens de boa vontade, quanto aos anjos que Ele é completamente benigno, misericordioso, bondoso e cheio de graça. Ele não é um Deus cruel, duro, perverso, como o diabo costuma enganar os homens, usando por argumento as aflições que há no mundo, só que não lhes dizendo que ele próprio foi quem introduziu dores num mundo que era perfeito ao ter enganado o primeiro casal no jardim do Éden. As aflições que existem no mundo não foram causadas por Deus mas pelo próprio pecado do homem. Em vez de aflições, Deus poderia e deveria, por causa do Seu atributo de Justiça, ter destruído a humanidade, porque o salário do pecado é a morte, mas Ele, sendo misericordioso e bom, planejou perdoar os pecadores que se arrependessem dos seus pecados e confiassem em Cristo como Salvador deles.

265

É pelo sangue de Cristo que nós temos redenção (Ef 1.7). A culpa do pecado era infinita, e nada mais do que aquele sangue de Alguém que não era somente homem, mas também o Deus infinito poderia obter perdão para uma culpa infinita.

Foi a graça de Deus que descobriu uma maneira de redenção através de um Mediador.

A culpa por todos os nossos pecados foi colocada sobre Cristo e Deus executou a sentença sobre a dívida destes pecados fazendo-O morrer por nós na cruz.

É por isso que Ele diz em Hb 8.12, quanto à aliança que faria através da Mediação de Cristo:

“Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados não me lembrarei mais.” (Hb 8.12).

O preço pago pela nossa redenção, a saber, o sangue de Jesus, desviou completamente de nós a ira da Justiça de Deus em relação aos nossos pecados:

“Eu sararei a sua apostasia, eu voluntariamente os amarei; porque a minha ira se apartou deles.” (Os 14.4).

Deste modo, embora um filho de Deus, depois de ter sido perdoado em Cristo, possa incorrer no Seu desgosto paternal, contudo a ira judicial dEle é afastada pelo sangue de Jesus. Assim os santos poderão ser corrigidos pelos seus pecados presentes, mas não destruídos.

“30 Se os seus filhos deixarem a minha lei, e não andarem nas minhas ordenanças,

31 se profanarem os meus preceitos, e não guardarem os meus mandamentos,

32 então visitarei com vara a sua transgressão, e com açoites a sua iniquidade.

33 Mas não lhe retirarei totalmente a minha benignidade, nem faltarei com a minha fidelidade.

34 Não violarei o meu pacto, nem alterarei o que saiu dos meus lábios." (Sl 89.30-34).

Esta porção deste Salmo é parte da promessa que foi feita aos que são da casa de Davi, e nós fazemos parte desta casa pela nossa união com Cristo.

E estes pecados presentes são tratados também pelo sangue de Cristo, mediante arrependimento. E o arrependimento é composto de três partes principais: contrição, confissão e conversão.

266

Contrição é o quebrantamento de coração, é a tristeza pelo pecado, uma vez convencidos deste pelo Espírito Santo. Os contritos são os que choram que serão consolados, conforme previsto na bem-aventurança (Mt 5.4). Como esta contrição vem antes do perdão e prepara o coração para recebê-lo, daí Jesus ter afirmado que os tais são bem-aventurados.

A confissão do pecado deve ser humilde, sincera, sem reservas, voluntária, tal como a do publicano da parábola que Jesus citou para mostrar o quanto estavam errados os fariseus julgando-se justificados diante de Deus pela justiça própria deles.

Como disse Agostinho: "A confissão fecha a boca do inferno e abre o portão do paraíso."

O terceiro ingrediente do arrependimento é a conversão, isto é, deixar o pecado e fazer a vontade de Deus.

Pode haver tristeza pelo pecado, pode haver confissão e no entanto não se deixar a prática do pecado, isto é, não haver conversão; então não houve um verdadeiro arrependimento porque ficou faltando este terceiro componente da conversão.

A conversão é na verdade a mudança de todo o direcionamento da vida para Deus, isto é, uma mudança completa que leva em conta não somente o abandono de um pecado específico mas do pecado em todas as suas formas, porque tentar esconder um só malfeitor na casa diante do nosso Rei, nos torna culpados de rebeldia contra Ele. E quem esconde um rebelde é um traidor da Coroa e merece a morte.

Por isso se diz que o arrependimento é para com Deus (At 20.21) porque não é apenas um ato de se deixar o pecado, mas de se voltar para Deus com integridade de coração.

E este arrependimento é o modo que conduz ao perdão de Deus, como se vê em Is 55.7:

“Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos; volte-se ao Senhor, que se compadecerá dele; e para o nosso Deus, porque é generoso em perdoar.” (Is 55.7).

Na oração do Pai Nosso Jesus nos ensinou a pedir o perdão a Deus, mas em outras passagens da

Palavra nós somos ensinados quanto ao modo de fazê-lo. Nós vemos que não é apenas com um pedido verbal que se alcança o perdão, mas com as atitudes que são necessárias e ensinadas pelo Senhor na Bíblia. Daí na própria sequência da petição do perdão na oração do Pai Nosso, Jesus ensinou também a necessidade de se pedir a Deus que não nos deixe cair em tentação e que nos livre do mal, porque é fazendo

267

frente efetiva contra toda forma de tentação e de mal que se alcança o perdão gratuito de Deus.

Isto é ensinado pela própria natureza, porque como poderia um rei perdoar um rebelde que continua em hostilidade aberta contra ele? Como Deus perdoaria os nossos pecados vendo em nós uma franca disposição para continuar na prática deles? Como Ele se deixaria enganar? Ele tudo sabe e vê. Ele é onipotente, onisciente e onipresente.

O arrependimento aponta portanto para Deus assim como a agulha da bússola aponta para o Norte.

O filho pródigo não somente deixou as meretrizes como também voltou para o seu pai.

Assim o arrependimento vem antes do perdão, e aquele que nunca se arrependeu não pode ter uma base segura para esperar que os seus pecados sejam perdoados.

Não que o arrependimento mereça e seja a base para o perdão do pecado. Porque sabemos fartamente que esta base e mérito são exclusivos de Jesus, do sangue que Ele derramou para nos lavar das nossas iniquidades. Mas o arrependimento é uma condição, tanto quanto o perdão dos nossos devedores é uma outra condição para o perdão dos nossos pecados, conforme já comentamos anteriormente.

O ensino de nosso texto de Mt 6.12 sobre o dever de buscarmos o perdão de Deus ao mesmo tempo que devemos perdoar os nossos devedores está vinculado não somente a Mt 6.13 que contém a conclusão da oração do Pai Nosso em que devemos pedir a Deus para não nos deixar cair em tentação e livrar-nos do mal, como também aos versículos 14 e 15 que lhe seguem imediatamente. Em Mt 6.14,15 Jesus ensina diretamente que o perdão de nossos pecados por Deus é dependente da condição do nosso perdão efetivo dos nossos devedores.

Não adianta portanto uma pessoa ficar apenas chorando pelos seus pecados e por causa da vergonha e dores que está sentindo por causa destes pecados. Ela não poderá experimentar o perdão e o favor de Deus caso não os confesse, e que também abandone a prática de toda forma de pecado e erro, e se disponha a fazer a vontade de Deus, praticando aquilo que é justo, conforme nos tem revelado na Sua Palavra.

Há muitos que estão chorando, inclusive crentes, mas que não podem ser ajudados por Deus

porque não estão confessando as suas culpas (admitindo que estão errados) e mudando a direção de suas vidas, das trevas para a luz; do erro para Deus.

268

Mas se ocorrer um efetivo retorno para Deus Ele perdoará os pecados conforme tem prometido:

“16 Lavai-vos, purificai-vos; tirai de diante dos meus olhos a maldade dos vossos atos; cessai de fazer o mal;

17 aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva.

18 Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã.” (Is 1.16-18).

“Desfaço as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi.” (Is 44.22).

Assim ao afirmarmos a gloriosa graça que há no sangue de Jesus para o perdão dos pecados, não podemos esquecer que a Palavra ensina direta e claramente que há condições para que este perdão seja efetivo.

Deste modo, não é somente a fé no sangue que trará o perdão, mas a conjunção da fé com o arrependimento, porque Deus os tem unido

inseparavelmente, de modo que não há verdadeira fé onde não há arrependimento, e nem verdadeiro arrependimento onde não haja fé. Não esqueçamos portanto que há condições, e uma destas condições é o perdão dos nossos devedores, e uma outra importante condição é o arrependimento, e nós vimos que um arrependimento verdadeiro é composto de três componentes: contrição, confissão e conversão.

Não podemos tornar o perdão mais gratuito do que Deus tem estabelecido. Não podemos ficar aquém do que Ele tem exigido. Não podemos baratear a graça, porque Deus é um Deus bondoso, mas criterioso.

Ninguém diga portanto que basta confiar em Jesus e nada mais para que alguém seja perdoado e aceito por Deus. O modo de se demonstrar a nossa confiança em Jesus inclui um necessário arrependimento, por isso Ele pregava a fé mas não sem o arrependimento.

“e dizendo: O tempo está cumprido, e é chegado o reino de Deus. Arrependei-vos, e crede no evangelho.” (Mc 1.15).

Se houver arrependimento e fé Deus fará de pecadores quebrados vasos de ouro de misericórdia para serem usados de modo honroso por Ele. Então nunca nos contentemos com um arrependimento superficial, mas

com um que seja verdadeiro, porque há grande galardão para os que se arrependem continuamente dos seus pecados para consagrarem suas vidas a Deus.

“19 Todavia o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os seus, e: Aparte-se da injustiça todo aquele que profere o nome do Senhor.

20 Ora, numa grande casa, não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; e uns, na verdade, para uso honroso, outros, porém, para uso desonroso.

21 Se, pois, alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e útil ao Senhor, preparado para toda boa obra.” (II Tim 2.19-21).

Devemos também saber a diferença que há entre o perdão total dos nossos pecados passados (Jer 33.8; Col 2.13) que praticamos antes do nosso encontro pessoal com Cristo, e o perdão dos nossos pecados presentes, que apesar de serem cobertos pelo mesmo sangue que cobriu os nossos pecados passados, demandam o exercício contínuo de fé e arrependimento para serem perdoados. Nós não seremos condenados por causa destes pecados ao fogo eterno, mas Deus nos corrigirá se não nos examinarmos de modo a confessá-los e deixá-los. Muitos se privam da graça de Jesus por ignorância quanto à aplicação da graça, porque pensam que por estarem na graça podem viver de modo desordenado e pecaminoso, considerando que todos os seus

pecados já estão perdoados. Se assim fora, porque seria exigido que o crente examine-se a si mesmo? (I Cor 11.28-32).

Se os pecados presentes já estão perdoados por que então se ordena que oremos pelo perdão de pecados? (I João 2.1; Mt 6.12). Que necessidade teríamos de um Advogado junto ao Pai se os pecados presentes e futuros já estão perdoados?

Tenhamos fé que o sangue de Cristo é o suficiente para o perdão dos nossos pecados, como causa e base na qual eles são perdoados. Mas não esqueçamos que há condições estabelecidas pelo próprio Deus para que sejamos beneficiados por este sangue, isto é, que ele seja de fato eficaz e operante no perdão real dos nossos pecados, e já vimos e repetimos que a principal condição é o arrependimento, e já mostrarmos fartamente que não há arrependimento sem conversão, isto é, abandono do pecado, e busca real da presença de Deus fazendo a Sua vontade.

270

Traduzindo isto em termos práticos poderíamos citar alguns exemplos como os que destacamos a seguir:

1 – Quê adianta alguém dizer que se arrependeu do pecado e não perdoa os seus devedores?

2 – Há arrependimento verdadeiro quando se pede a Deus para perdoar os nossos pecados e continuamos fazendo aquilo que nos é proibido

pela Sua Palavra, ou então não fazendo o que nos é ordenado nela?

3 – Que arrependimento houve quando não vivemos por fé e sim por vista? Quando amamos o mundo e rejeitamos a santidade de Deus?

4 – Como podemos esperar o perdão dos nossos pecados por Deus se não compartilhamos as necessidades dos santos, se não intercedemos por eles, se não temos qualquer compromisso com a obra do Senhor e não nos importamos em dar o fruto de justiça esperado por Ele, por um andar no Espírito?

Assim a fé que salva e perdoa é sobretudo fé em tudo aquilo que a boca do Senhor tem proferido na Sua Palavra. Que fé é esta que proclama confiança em Cristo mas não se dispõe a praticar a Palavra de Deus e honrá-la? Não é a mesma fé dos demônios? Como pode alguém esperar ser salvo e perdoado com uma fé como esta?

Esta não é a fé no Cristo da Bíblia, porque Ele mesmo definiu a fé nEle como cumprimento dos Seus mandamentos colocando-nos debaixo do Seu senhorio.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” (Mt 7.21).

Crer em Cristo é concordar com as condições que Ele tem estabelecido na Sua Palavra.

Aquele que não crê em Cristo deste modo não pode ser beneficiado pelo Seu sangue. Não pode ter parte com Ele.

“Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito.” (João 15.7).

Não há nenhum perdão que não seja precedido por este tipo de fé genuína em Cristo. Daí a grande importância de se conhecer e praticar a Palavra.

“E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.” (Tg 1.22).

Mas é importante também saber diferenciar entre justificação e santificação, porque quando falamos de perdão de pecados passados estamos falando de justificação, e quando falamos de perdão de pecados

271

presentes e futuros estamos falando de santificação, e há grande diferença entre ambas.

A justificação não depende de arrependimento de pecados presentes que venhamos a praticar porque é imputada quando nos unimos a Cristo, isto é, quando Ele passou a ser o Salvador das nossas vidas; quando nos tornamos crentes. A justificação é imputada pela fé em Cristo e nada mais. E é simultaneamente acompanhada pela regeneração do Espírito Santo que nos torna novas criaturas, operando uma grande purificação de pecados. Neste dia do nosso novo nascimento, todos os nossos pecados passados

foram perdoados. Mas daí em diante, nós teremos que viver também pela base de uma justiça que nos é implantada na santificação. E esta é gradual, progressiva. De modo que um crente pode ser mais santificado do que outro, mas não ser mais justificado do que outro. Um crente pode ter mais graça do que outro na santificação, mas não ser mais crente do que outro, porque a justificação está completa, é um ato perfeito, porque nela os crentes receberam a justiça de Cristo. Mas a santificação é sempre imperfeita, e há manchas em todos os filhos de Deus. As nossas graças estão misturadas com as escórias de pecados e a execução dos nossos deveres é imperfeita.

Se Deus nos perdoasse e não nos santificasse, Ele não poderia receber qualquer glória de nós. Que glória Deus poderia receber de um coração orgulhoso, ignorante, profano?

Se Deus não santificasse o crente, haveria pecado e mancha no céu, mas lá não pode entrar qualquer mancha ou pecado (Apo 21.27).

Assim, aqueles a quem Deus perdoa, Ele transforma. Deste modo ninguém diga que os seus pecados foram e estão sendo perdoados sem que haja um trabalho de santidade no interior do seu coração.

Onde Deus remove o pecado, Ele imputa justiça.

E isto é feito individualmente e não coletivamente. Há necessidade que cada pessoa assuma a responsabilidade pelos seus pecados diante de Deus, porque o texto diz "perdoa as

nossas dívidas” e isto revela que não somos castigados pelos pecados de outras pessoas, mas pelo nosso próprio pecado.

“Eu, o Senhor, esquadrinho a mente, eu provo o coração; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações.” (Jer 17.10).

“Assim, pois, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.” (Rom 14.12).

272

Nós não oramos para que seja perdoado o nosso pecado, mas os nossos pecados, no plural, porque não é por uma única dívida que nós oramos, mas por uma multidão de pecados. Nossos pecados são como as gotas do mar, como os átomos do sol, eles excedem qualquer contagem aritmética.

Se nós avaliássemos corretamente a dívida que temos para com Deus, isto nos levaria a nos humilharmos diante dEle pelo motivo de estar tão cheios de manchas negras em nossas almas, e isto deveria nos colocar em prontidão rapidamente para a busca do perdão dos nossos pecados, para que tais manchas sejam apagadas pelo sangue de Jesus que nos torna mais alvos do que a neve.

Assim como há uma rica misericórdia para alimentar os nossos corpos com o pão diário, há também uma rica misericórdia para nos perdoar. Uma é a misericórdia que nos alimenta e outra a que nos perdoa. Assim, não é nenhum sinal de

que fomos perdoados o fato de Deus nos prover com coisas materiais.

Quando Cristo disse ao paralisado que os seus pecados haviam sido perdoados, isto foi uma maior e melhor misericórdia, do que a que havia curado a sua paralisia (Mc 2.5).

Por isso a oração do Pai Nosso coloca em realce o perdão dos pecados e não a cura de enfermidades do corpo, porque é o perdão dos pecados que devemos pedir a Deus antes de tudo o mais; e é importante frisar que muitas enfermidades físicas são curadas como mera consequência do perdão dos pecados.

Ninguém poderá obter o céu sem o perdão de pecados, então de pouco adiantará a cura do corpo se não houver perdão de pecados que é a forma de se entrar no reino dos céus.

Não admira que Jesus tenha repreendido aqueles que haviam sido curados por Ele e visto os muitos milagres que Ele havia feito e que não tinham se arrependido:

“Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se operaram, há muito, sentadas em cilício e cinza, elas se teriam arrependido.” (Lc 10.13).

Se o perdão de pecados é tão absolutamente necessário, qual é então a razão de tão poucos no mundo se empenharem por isto? Para serem curados de males físicos eles procuram o médico

e se for necessário empreender uma longa viagem para serem curados ou gastarem muito dinheiro, eles o farão prontamente. Mas quando o assunto se refere à

273

cura dos males de suas almas eles parecem desinteressados e não buscam por cura. De onde procede isto?

As pessoas não levam a sério que têm uma grande dívida para com Deus que será executada no dia do juízo. Como estão mortos espiritualmente, não poderão discernir esta verdade a não ser que creiam em Cristo e sejam instruídos pelo Espírito Santo.

Nós vemos então que os homens dependem inteiramente de que Deus lhes revele a sua real condição perante Ele. O quanto são pecadores e o quanto necessitam do Seu perdão para que sejam curados.

A trombeta do evangelho soa por toda parte ordenando aos homens que se arrependam de seus pecados e creiam em Cristo. Mas todo aquele que desprezar o aviso não terá os seus olhos espirituais abertos por Deus para que possa conhecer a condição em que se encontra, de maneira que possa reconhecer humildemente que é pecador e necessita pedir-Lhe: "Perdoa as minhas dívidas porque tenho crido que o único modo de liquidá-las é o sangue de Cristo".

O homem, por si mesmo, não pode conhecer que de fato lhe espera uma condenação terrível num inferno de fogo caso não se arrependa e creia, por isso é importante que não somente se pregue o único e genuíno evangelho, como também se dê não somente ouvidos a esta verdade pregada, mas que se obedeça o que é ordenado, a saber, que nos arrependamos e creiamos somente em Cristo para sermos perdoados.

Assim a fé que salva vem por se ouvir e obedecer a pregação do evangelho. E o evangelho garante que se cremos em Cristo em nosso coração confessando-o como nosso Senhor, e que Deus o ressuscitou dentre os mortos, seremos salvos.

E os homens não dão crédito à pregação do evangelho e não buscam perdão para os seus pecados conforme Jesus nos ordenou na oração do Pai Nosso porque eles estão buscando outras coisas. Eles estão apegados às coisas do mundo. Eles a buscam imoderadamente. O coração deles está completamente cativado por elas. E assim, não conseguem atinar que têm um espírito imortal e terão que prestar contas a um Deus imortal.

Satanás usa as riquezas do mundo como armadilhas para manter almas cativas ao pecado. Os desejos pelas coisas terrenas gritam tão alto nos corações dos pecadores que eles não conseguem ouvir a trombeta de alarme que é tocada pelos ministros do evangelho.

E se o homem não obtiver o perdão de Deus para os seus pecados, pelo único caminho para isto, que é a fé em Jesus Cristo, ele não poderá

274

escapar de modo algum da condenação eterna, porque Deus não pode inocentar de modo algum o culpado, senão apenas perdoá-lo (Ex 34.7) caso se arrependa e creia.

Muitos não buscam seriamente o perdão dos seus pecados porque têm esperança de que não serão punidos. Eles afirmam que Deus é pai, que Deus é bom, misericordioso, e de modo algum mandará alguém para o inferno. Eles afirmam isto contra tudo o que o próprio Deus afirma claramente na Sua Palavra quanto à condenação futura.

Outros negam até mesmo a existência de Deus, e há outros que afirmam até mesmo que não existe pecado. A condenação de todos eles é justa e certa.

Mas há também aqueles que acham que Deus não pode perdoar os seus pecados porque são muitos e graves, e não admitem que um Deus santo possa habitar pelo Seu Espírito nos pecadores. Estes desonram a Deus Pai e particularmente a Cristo, porque com isto negam a bondade de Deus e que o sangue de Jesus seja de fato suficiente para cobrir o pecado.

Desonram também a Deus aqueles que creem que é possível o perdão de pecados, só que buscam isto através da prática de suas obras de justiça

própria. Isto não somente desconsidera o tamanho da dívida impagável que têm para com Deus, como despreza o sacrifício que Jesus fez para salvá-los morrendo na cruz. Estes estão declarando indiretamente que o sangue de Jesus não pode lhes perdoar.

Quem não tiver os seus pecados perdoados não achará a vida e permanecerá morto espiritualmente.

A própria vida está em ser perdoado por Deus (Rom 5.18). Por isso que os crentes, ainda que vivos para Deus em Cristo Jesus vivem como se estivessem mortos espiritualmente quando vivem deliberadamente na prática do pecado. Porque somente a submissão ao Espírito Santo dá para a vida e paz, e a submissão à carne para a morte espiritual (Rom 8.6). A carne produz as obras da carne, e estas obras são o pecado propriamente dito, cujo salário sempre é a morte.

Sendo Cristo o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, nós devemos considerar que quando ele nos ensinou o dever de pedirmos o perdão dos nossos pecados a Deus, Ele não estava insinuando a busca de um simples alívio de consciência por alguma falta cometida, considerada isoladamente, mas o cumprimento da própria obra que Ele veio realizar em favor dos pecadores e diz respeito à salvação e santificação deles. Foi com esta perspectiva em vista que Ele pronunciou não somente estas

palavras de Mt 6.12 mas todo o Seu ensino no Sermão do Monte, bem como tudo o mais que fez e ensinou em Seu ministério terreno, com a promessa de tudo o que seria ainda ensinado pelo Espírito Santo aos apóstolos. É o resgate do homem da condição a que ficou sujeito por causa do pecado original que Cristo se ocupou e continua se ocupando à destra do Pai nos céus como nosso Advogado e Sumo Sacerdote. Não podemos considerar tudo que se refira a este assunto numa perspectiva menor do que a que Ele próprio considerou e tem considerado.

E este perdão dos pecados foi um trabalho penoso para a alma de Cristo em Seu ministério terreno, especialmente quando foi elevado na cruz, bem como continua sendo um trabalho penoso para toda a trindade divina, porque se não houve qualquer tipo de oposição para a criação do mundo, no entanto há grande oposição de Satanás, dos principados e do próprio pecador, na nova criação que está sendo feita pelo novo nascimento operado pelo Espírito Santo, pela fé em Jesus.

E este é um trabalho que pode ser feito somente pelo poder de Deus. Ninguém está habilitado para salvar uma única alma que seja. Perdoar e remover a culpa do pecado é um trabalho exclusivo para o Cordeiro de Deus.

Jesus disse que todo pecado e ofensa pode ser perdoado aos homens, exceto o pecado de blasfemar contra o Espírito Santo. Então Deus não tem revelado a nenhum homem em particular

que ele é um réprobo e que não há esperança de salvação para ele. O pensamento de que nós não somos eleitos e que não há portanto nenhuma possibilidade de perdão para nós, vem de Satanás, que é o acusador, e nos acusa diante de Deus que somos grandes pecadores; e acusa Deus a nós dizendo que Ele é um grande tirano, que vigia para destruir as suas criaturas. A estas sugestões diabólicas devemos dizer: “para trás de mim Satanás!”.

Deus tem afirmado em Sua Palavra que é rico em misericórdia e que não tem prazer na morte dos ímpios, antes que se arrependam e vivam (Ef 2.4; Ez 18.32; 33.11). Assim usa de grande longanimidade e espera muito tempo para que os pecadores se arrependam e busquem nEle o perdão para os seus pecados.

Então sejamos encorajados pelas promessas de Deus a buscar perdão para os nossos pecados, sabendo que somos perdoados não porque o mereçamos, mas porque Deus é generoso (Ex 34.6). Ele perdoa por misericórdia. Atos de perdão são atos de graça, de maneira que o nosso perdão aos nossos ofensores deve ser também um ato de misericórdia,

276

que está condicionado também ao arrependimento dos nossos ofensores. Nós devemos ter uma atitude perdoadora, mas especialmente os ministros do evangelho devem cuidar para não perdoarem

indiscriminadamente, admitindo na comunhão do corpo de Cristo crentes que não se arrependeram dos pecados que praticaram contra os seus irmãos em Cristo. Estes devem ser considerados como gentios e publicanos, e de modo algum devem receber o perdão se não houver o necessário arrependimento (Mt 18.17).

Mas em havendo o arrependimento, somos obrigados a perdoar setenta vezes sete, conforme o Senhor nos ensinou (Mt 18.21,22).

A atitude perdoadora deve no entanto permanecer em aberto para um possível futuro arrependimento mesmo destes que são considerados gentios e publicanos, isto é, como se fossem estranhos para o corpo de Cristo. Eles perderam a nossa confiança mas poderão se reabilitar através do arrependimento, tal como nós somos reabilitados na nossa comunhão com o Senhor, através do arrependimento dos nossos pecados.

“14 Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai-o e não tenhais relações com ele, para que se envergonhe;

15 todavia não o considereis como inimigo, mas admoestai-o como irmão.” (II Tes 3.14,15).

Esta atitude perdoadora para com um irmão faltoso só será possível se estivermos vivendo e andando no Espírito, tendo o amor de Deus derramado nos nossos corações pela presença do Espírito Santo, porque será isto que nos habilitará a possuir a atitude perdoadora a que nos temos

referido, mesmo quando cortarmos o nosso relacionamento com algum irmão por causa do seu endurecimento no pecado, de maneira que venha a andar contrariamente à doutrina de Cristo.

A reconciliação de um irmão caído é uma das joias da graça do evangelho, e é uma glória que enaltece o caráter bondoso, longânimo, amoroso e misericordioso de Deus e daqueles que são Seus imitadores como filhos amados. Então devemos orar pela reabilitação daqueles que apostataram da fé e que são crentes verdadeiros, porque nos é ordenado amparar os que são fracos na fé.

“1 Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal com espírito de mansidão; e olha por ti mesmo, para que também tu não sejas tentado.

2 Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.” (Gal 6,1,2).

277

Vejamos então atentamente se o motivo da queda de alguém que faça parte da membresia de nossa congregação é por motivo de fraqueza, e oremos para que tal pessoa seja reabilitada e nos esforcemos para reconduzir tal pessoa à verdade, com toda longanimidade e pelo uso da sã doutrina.

Não nos cansemos de nos estimular uns aos outros ao exercício do perdão e a buscar o perdão

e também perdoarmos a outros porque quando alguém tem os seus pecados perdoados por Deus o seu coração fica cheio, conseqüentemente, de amor por Deus, porque o Espírito Santo que estava entristecido e apagado por causa do pecado, tornará a encher o espírito de alegria e amor. Aquele que é muito perdoado, muito ama, disse Cristo. O perdão desperta grande gratidão a Deus, e um coração grato é um coração cheio de graça. Que joia preciosa é então o perdão dos nossos pecados. Peçamos então: "Perdoa as nossas dívidas, assim como temos perdoado os nossos devedores."

O amor da mulher que foi perdoada por Jesus (Lc 7.47) não foi a causa do seu perdão, mas um sinal dele. Uma alma perdoada é um monumento da misericórdia de Deus, e a pessoa perdoada pensa que nunca poderá ser grata a Deus e amá-la o bastante, tal a grandeza do perdão, em face de passar por alto, como vimos antes, uma culpa infinita, resultante de uma dívida infinita, que é a do pecado.

Um coração perdoado está inflamado de zelo e fervor por Deus, de maneira que onde há um coração duro e frio como o mármore é porque não experimentou ainda o perdão dos seus pecados.

Onde o pecado é perdoado a natureza é purificada (Os 14.4). Todo pecador é culpado e doente por natureza, e quando Deus remove a sua culpa, ele cura a sua doença (Sl 103.3).

Quando Deus perdoa Ele muda o coração. No lugar do coração de pedra ele coloca um coração de carne (Ez 36.26). Ele muda os nossos trajes sujos por trajes festivos (Zac 3.4).

Então que ninguém pense que tem sido perdoado dos seus pecados, se lhe faltam estas evidências da operação da graça divina que acompanham o perdão.

Aqueles que têm os seus pecados perdoados são consolados pelo Espírito Santo de Deus (Is 40.1,2).

Os que são perdoados seguirão o Cordeiro aonde quer que Ele vá (Apo 14.4), estando dispostos a morrerem por Ele (At 21.13).

278

Os que têm sido perdoados sentem um doce calma e paz interior depois de terem passado por muitas tempestades.

Quando o pecado é perdoado o coração fica sem malícia (Sl 32.1,2). Não ter malícia no coração significa simplicidade de coração. Não há ruins suspeitas, nem um coração dobre, nem conspiração. Não apenas as ações serão corretas mas também o coração estará correto quando ele está sem malícia. O coração servirá a Deus pelo princípio correto que é o amor, e para um fim correto, que é para a exclusiva glória de Deus.

Um coração sem malícia não se permite ter no seu interior o menor pecado e evita pecados ocultos. Ele sabe que Deus tudo vê e julga; e assim se guarda de toda a forma de iniquidade (Sl 18.23).

Um coração sem malícia tem completo interesse na verdade de Deus e a defenderá ainda que seja com o sacrifício da própria vida. E lamentará quando o estado da igreja estiver numa condição baixa na qual Deus não esteja sendo honrado e glorificado (Ne 2.3). Assim, quando a igreja do Senhor estiver sofrendo, uma alma sincera sentirá tristeza como se a sua própria pessoa estivesse sendo atingida. Um coração sem malícia se alegra somente com a verdade e quando vê que a causa do evangelho está fundamentada e triunfando.

“Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre vós,” (Ef 4.31).

“1 Deixando, pois, toda a malícia, e todo o engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações,

2 Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo;” (I Pe 2.1,2).

“6 Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos.

7 Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação.” (I Tes 4.6,7).

A palavra daquele que tem um coração sem malícia é fidedigna, porque se baseia no princípio de Cristo, de sim, sim, não, não.

Aquele que tem um coração sem malícia é fiel aos seus amigos, e nunca fingirá e dissimulará o que sente junto a eles. Falsificar o amor é hipocrisia e então um coração sem malícia não lisonjeará quando tiver que censurar. Nunca trairá a quem quer que seja com um beijo.

Assim não podemos julgar amizades pela língua, pelas juras de fidelidade e amor. As palavras podem estar cheias de mel enquanto o coração está

279

cheio do fel da malícia. Aquele que atraiço a o seu amigo não tem um coração que seja verdadeiro para com Deus. Quando isto acontece é um sinal que o pecado não foi perdoado, porque Deus não imputará nenhum pecado àquele cujo coração está sem malícia.

Aquele que teve seus pecados perdoados está disposto a perdoar outros que o ofenderam (Ef 4.32). Um hipócrita virá à igreja, construirá hospitais, dará esmolas, mas não pode perdoar injustiças que tenha sofrido.

Se nós temos espíritos perdoadores nós sabemos que iremos para o céu. É principalmente por este meio que sabemos que pertencemos a Cristo. Não precisamos subir ao céu para saber se nossos pecados foram perdoados, basta olhar para os nossos corações.

Deus olha para uma alma perdoada como se ela nunca tivesse pecado. E esta é a grande

consolação do Seu povo, saber que Ele perdoou as suas iniquidades (Is 40.1,2), e sabendo isto não buscaríamos ser perdoados assim como temos perdoado os nossos devedores?

Aquele cujo pecado foi remido por Cristo é olhado por Deus como se nunca O tivesse ofendido. Embora o pecado remanesça depois do perdão, contudo Deus não olha para ele como um pecador, mas como um homem justo.

A alma perdoada está livrada para sempre da ira de Deus. E quão terrível é a ira de Deus. Mas toda alma perdoada está livrada da ira vingadora de Deus.

A consciência de quem foi perdoado não pode mais acusá-lo da culpa do pecado. E nem pode mais atemorizá-lo.

Se a consciência estiver devidamente informada ela se regozijará no perdão divino em vez de acusar o pecador.

Se o pecado foi perdoado a consciência está serena e tranquila. O céu está claro e não há qualquer tempestade para agitar a mente. E a misericórdia de Deus ilumina a alma.

A culpa corta as asas do perdão. Faz a face se ruborizar, mas a confiança no perdão recebido faz com que olhemos com gratidão e louvor a Deus como um Pai de amor e misericórdia.

Quando os nossos pecados são perdoados as nossa ofertas são aceitas por Deus e Ele nos faz úteis no Seu serviço (Zac 3.3,4).

Quando o pecado é perdoado Deus nunca nos censurará por pecados anteriores, tal como aprendemos da parábola do filho pródigo e de todos os pecadores que Jesus perdoou em Seu ministério terreno. Ele nunca

280

lançou no rosto deles as faltas que haviam cometido anteriormente ao perdão recebido.

A alma perdoada triunfa sobre a morte. Para estes a morte não é uma destruição mas uma libertação. É uma passagem para o reino de glória.

O perdão dos nossos pecados é uma joia preciosíssima que pede por aclamações de louvor e gratidão. Você é grato pelo pão diário e não seria muito mais pelo perdão? Você dá graças pela cura da doença e não daria muito mais pela libertação do inferno? Deus fez mais por você perdoando os seus pecados do que lhe tivesse dado um reino na terra.

Mas não pensemos que por causa da bondade, misericórdia e graça de Deus que o perdão é fácil. Não é de modo nenhum fácil obter o perdão, pois temos visto que há condições para ser perdoado por Deus, como por exemplo perdoar os nossos devedores e nos arrependermos, e vimos que o arrependimento consiste em contrição, confissão e conversão, conforme se vê nas palavras do Senhor em II Crôn 7.14, quando revelou as condições para que possa perdoar o Seu povo, apesar de ter feito uma base para este perdão no sacrifício de Jesus:

“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra.”(II Crôn 7.14).

Deus não nos perdoará se não nos reconhecermos culpados pelas nossas transgressões contra Ele e contra o nosso próximo. Ele não nos perdoará se não confessarmos as nossas culpas e se não nos dispusermos a nos convertermos dos nossos maus caminhos.

Não podemos esperar ser ouvidos por Deus em nossas orações se não resolvermos primeiro a necessidade que temos de buscar nEle o perdão para os nossos pecados. Isto vale também para os crentes, como se vê em II Crôn 7.14, porque estas palavras se aplicam ao povo de Deus.

Mas devemos também fugir do engano de que enquanto nos esforçamos seguindo as instruções anteriores para obter o perdão de Deus, que o façamos confiando no nosso próprio mérito e justiça e não somente no sangue de Cristo como sendo a base na qual devemos depositar a nossa fé para que sejamos perdoados (Apo 1.5; Rom 3.25; I Pe 1.2). E o sangue se mostra eficaz somente quando exercemos fé em Cristo.

E nós vimos também que não é um caminho fácil o que está estipulado por Deus para o perdão dos nossos devedores, porque, apesar de se exigir de

nós uma atitude perdoadora, isto é uma completa disposição para

281

perdoar a outros, sendo compassivos para com eles, exige-se o arrependimento da parte deles para que sejam perdoados. Assim, quando um irmão peca contra outro, ou anda de modo desordenado na Igreja contra a doutrina de Cristo, e não se arrepende disto e não reconhece o seu erro e muito menos o confessa e abandona, nós não estaremos fazendo a vontade de Deus se lhe perdoarmos estas ofensas, porque é necessário que haja um verdadeiro arrependimento para a liberação do perdão. Por isso Jesus não deu aos ministros do evangelho somente o poder de declarar o perdão de pecados, mas também de retê-los por causa da falta de arrependimento (João 20.23).

E há casos em que nós mantemos um coração aberto em relação àqueles que nos têm ofendido, mas não devemos nos confiar a eles e nem confiar neles, tal como Davi fizera em relação a Simei que lhe havia amaldiçoado, acusando-o injustamente de crimes contra a casa de Saul que ele não havia praticado.

Nós devemos seguir o exemplo de Cristo que quando era injuriado não injuriava a ninguém e entregava-se inteiramente ao cuidado do Pai, que julga retamente, e a quem cabe todo o juízo.

É preciso pedir ao Senhor que aumente a nossa fé, tal como lhe haviam pedido os seus discípulos

durante o seu ministério terreno, para que possamos confiar que de fato Deus julgará todas as nossas demandas contra aqueles que nos têm ofendido e prejudicado, enquanto temos uma atitude perdoadora para com eles, na expectativa de que se arrependam para a glória de Deus e para o próprio bem deles.

“3 Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-lhe.

4 Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; tu lhe perdoarás.

5 Disseram então os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé.” (Lc 17.3-5).

Assim nunca nos cansemos de fazer o bem a todos, especialmente aos domésticos da fé, orando por eles, exortando-os, dando-lhes a porção necessária da Palavra de Deus para serem alimentados, ainda quando estejam resistindo a isto, porque uma mãe não deixará de alimentar o seu bebê quando ele estiver recusando o alimento. O Senhor se empenha para nos conduzir ao perdão evangélico que cobre multidão de pecados, e juntamente com Ele devemos também esforçar-nos para que outros sejam perdoados por Deus tal como nós o fomos. Usar de bondade e benignidade apenas para com aqueles que se mostram receptivos a nós e

que nos procuram não é a norma do Evangelho, conforme bem o demonstra a parábola das bodas em que o Rei ordena que os convidados sejam forçados a comparecerem ao casamento do Seu Filho, porque isto será para o próprio bem deles. Isto revela o empenho e a luta que temos que fazer para propagar o perdão do evangelho, dispondo-nos a amar e a perdoar aqueles que se manifestam como nossos inimigos, de maneira que possamos ganhar a alguns deles pelo nosso exemplo de paciência e mansidão no serviço de Cristo.

A Sexta Petição na Oração do Senhor

“E não nos conduza em tentação, mas livra-nos do mal” - Mateus 6.13

O verbo eisfero, no original grego, traduzido no nosso texto por conduzir, é usado em outras seis passagens do Novo Testamento (Mt Lc 5.18, 19; 11.4; At 17.20; I Tim 6.7; Hb 13.11), com o mesmo significado de conduzir, trazer para dentro ou introduzir.

E a palavra para tentação no original grego é peirasmos, e significa experimento, tentativa, teste, prova, adversidade, tribulação ou aflição enviada por Deus para testar ou provar o caráter, a fé ou a santidade de alguém.

Esta petição da oração do Pai Nosso coloca diante de nós a seguinte questão: Porventura Deus conduz alguém em tentação? A resposta óbvia com apoio em outros textos bíblicos como Tiago

1.13 é que não, porque Ele a ninguém tenta e nem pode ser tentado.

Mas se a ninguém tenta, no entanto pode conduzir Seus filhos a condições para que sejam provados. E o Senhor Jesus nos ensina a pedir a Deus para que não nos conduza a tais provas em que seremos testados.

Uma chave para a compreensão desta petição da oração do Pai Nosso é I Pe 1.6,7:

“6 Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, se necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações,

7 Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo;” (I Pe 1.6,7).

Neste texto é dito que somos contristados, por um breve tempo, com várias tentações, mas somente se isto for necessário, a saber: Deus não

283

nos provará desnecessariamente caso andemos em conformidade com a Sua vontade.

Quando a fé é provada, testada, Deus quer que conheçamos qual é a nossa real condição espiritual, para que possamos entender o quanto necessitamos progredir em santidade pelo aumento da nossa fé.

O ponto é o seguinte: se formos achados aprovados não necessitaremos ser submetidos a provas.

Entretanto, esta não é a condição normal que é encontrada na quase totalidade dos crentes, e de um modo ou outro, num ou noutra grau, todos são provados de alguma maneira para o benefício da sua fé.

Então por que o Senhor ensinou a pedirmos a Deus para não nos conduzir em tentações, uma vez que o apóstolo Tiago afirma que devemos ter por motivo de toda a alegria o passarmos por várias provações?

A chave para a compreensão desta aparente contradição se encontra na continuidade do texto de Mt 6.13 no qual Jesus também ensinou a pedirmos a Deus que nos livre do mal. Então o tipo de tentação referido no texto se restringe às provas em que o maligno estará atuando, como a tentação à qual o próprio Jesus foi submetido no deserto (Lc 4.1,2).

Em Gênesis 22.1 nós vemos o próprio Deus colocando a fé de Abraão a prova quando lhe pediu que sacrificasse Isaque. Não houve qualquer participação de Satanás nesta provação da fé e do amor de Abraão. O Senhor queria comprovar para o próprio Abraão e para todos nós o quanto ele O amava, de maneira que a sua obediência tornou-se um exemplo a ser seguido por nós, na demonstração de que os interesses do

Senhor devem sobrepujar os dos nossos afetos naturais pelos nossos familiares.

Há grande diferença portanto entre testar a graça dos crentes, e permitir que as corrupções deles sejam excitadas pela própria natureza deles corrompida pelo pecado ou pelo diabo.

Assim o pedido da oração do Pai Nosso tem a ver com o fato de sermos guardados por Deus em não ficar sujeitos ao poder das várias tentações que há no mundo, e que são estimuladas pelo pecado e pelo diabo, de maneira que nos dê graça e força para vigiarmos e nos guardarmos destas tentações, fugindo delas, resistindo a elas, e tendo o suporte de graça e poder do Espírito Santo necessários para viver de modo santo. O Senhor poderia ter dito: "livra-nos da tentação", mas disse "não nos conduza em tentação", isto é, não nos deixe entrar nelas, não permita que sejamos trazidos para dentro delas, de maneira que um crente fará muito bem em

284

se manter afastado de todas as possíveis fontes de tentação que poderão levá-lo a pecar.

É necessário contar e ter efetivamente o poder da graça de Deus no coração para poder resistir às fontes de tentações.

E uma destas fontes flui de dentro de nós mesmos (Tg 1.14). O coração é a fonte de todo pecado. O maior tentador é o nosso próprio coração, de

maneira que todo homem é tentado pela sua própria cobiça.

Mas além de virem de dentro de nós as tentações têm também uma fonte externa que é Satanás. Ele é chamado de o Tentador (Mt 4.3). Ele arma ciladas para nos causar danos, e usa as tentações como explosivos para explodir o forte da nossa graça.

Um crente ficará exposto às tentações durante todo o curso da sua vida. E elas são numerosas e variadas, de maneira que não é sem razão que o Senhor nos ensinou a pedir ao Pai que não permita que sejamos conduzidos às tentações. É de se supor que aquele que não orar neste sentido, conforme o Senhor nos ensinou ficará muito mais exposto e sujeito a ser afligido por múltiplas tentações que procurarão enfraquecer as suas graças e lhe furtar a paz.

A tentação é um grande molestamento para um filho de Deus, porque quanto mais formos tentados pelo mal, mais somos impedidos de praticar o bem. Nós estamos em grande perigo de receber constantes ataques do Inimigo, e por isso devemos orar frequentemente: "não no conduza em tentação".

Se Deus não impusesse limites às tentações de Satanás e deixasse os Seus filhos sem o fortalecimento de graça e à mercê do poder do diabo, ele poderia facilmente levá-los até mesmo à insanidade mental ou ao colapso nervoso, mas há um clamor no coração de cada crente que pede

ao Senhor que O livre das ciladas do diabo, e este clamor deve ser traduzido em orações verbais nas quais peçam humildemente a Deus que não os conduza em tentação.

Por isso é algo que deve ser evitado a todo custo por todos os crentes, não apostatarem da fé pela prática deliberada do pecado, de maneira que sejam conduzidos por Deus em tentação, sendo entregues a Satanás para a destruição da carne.

Se necessário for, que sejamos conduzidos em tentação somente para o cumprimento de Seus propósitos elevados, em obediência à Sua vontade, assim como se deu no caso de Jó, que foi entregue a Satanás por Deus, sendo assim conduzido em tentação, mas para que ficasse provado o

285

caráter da fé e do amor genuínos que Jó possuía. E de igual forma o apóstolo Pedro, e até mesmo o próprio Senhor Jesus no deserto, mas vemos que isto é sempre por um breve tempo, e segundo o controle e vontade de Deus, e não por exclusiva iniciativa do diabo, senão ele teria motivo para se gloriar do seu poder diante dos crentes e do próprio Deus.

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” (I Cor 10.13).

Nós estamos vendo a complexidade deste assunto relativo a tentações. Há nuances nele e distinções de operações, que nos fazem entender que nem todo tipo de tentação é um motivo para nos gloriarmos nelas (como o caso de ser entregue a Satanás para destruição da carne por motivo de desobediência deliberada a Deus), mas para que nos envergonhemos da nossa condição e nos arrependamos.

Veja o caso de muitos na Igreja de Corinto conforme se depreende das seguintes palavras do apóstolo:

“17 Nisto, porém, que vou dizer-vos não vos louvo; porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior.

18 Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio.” (I Cor 11.17,18).

“30 Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem.

31 Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.

32 Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.” (I Cor 11.30,32).

A Igreja de Corinto estava sendo vencida pelo engano do diabo, através de falsos apóstolos que exploravam financeiramente aquela Igreja que havia sido fundada pelo apóstolo Paulo. Por causa disto, para não ser considerado igual àqueles

apóstolos fraudulentos, ministros de Satanás (II Cor 11.3,13,14), Paulo havia servido a Igreja de Corinto com o salário que recebia de outras Igrejas, especialmente da Macedônia (II Cor 11.7,8), e afirmou que continuaria pregando gratuitamente o evangelho em Corinto para cortar ocasião de maledicência entre eles, por inspiração satânica, de que pregava por interesse financeiro como os demais "apóstolos" que estavam entre eles (II Cor 11.9), e que triste coisa é esta, ter que fazer tal tipo de afirmação que comprovava a infidelidade deles para com os verdadeiros ministros de Deus. Não admira que tantos estivessem sendo

286

enfermados, enfraquecidos e mortos naquela Igreja como forma de disciplina que o Senhor estava usando para conduzi-los ao arrependimento.

Eles haviam caído no laço do diabo por causa do endurecimento no pecado. Eles estavam inchados em sua sabedoria carnal e não estavam se sujeitando à simplicidade do evangelho de Cristo, em plena obediência à doutrina verdadeira. Assim, tornaram-se uma presa fácil para o Inimigo, e deste modo bem faríamos em considerar quão perigosas são as tentações de Satanás.

Satanás inveja com ódio mortal a felicidade que o crente tem com Deus. É algo insuportável para ele ver que um ser feito do pó da terra venha a ser

glorificado enquanto ele será derrubado ao mais profundo abismo, ele que uma vez foi um querubim glorioso, expulso do paraíso divino. Em Apocalipse 12.12 é afirmada a grande ira com que ele desceu à terra para tentar os seus habitantes.

Então o maior prazer do diabo é encantar e arruinar almas e trazê-las à sua mesma condenação, e quando isto lhe escapa pela conversão de alguns, estes serão continuamente espreitados por ele, esperando que fracassem em sua vigilância, de maneira que possa tragá-los, não para o inferno, porque sabe que não poderá mais ter crentes autênticos em sua companhia no inferno, mas para conduzi-los a uma condição de desobediência a Deus e à Sua Palavra, de maneira que fiquem sujeitos à Sua disciplina e correção, enquanto ficam privados da comunhão com Ele. Com isto ele consegue ferir tanto o coração do crente quanto o do próprio Deus.

Sendo Satanás um espírito vingativo, malicioso, traiçoeiro, enganador, nós devemos orar continuamente: “não nos conduza em tentação”, para que Satanás não prevaleça sobre nós.

Satanás anda inquieto como um leão à procura da sua caça. Ele rodeará o mar para fazer um prosélito. Ele não desperdiça o seu tempo e está sempre ocupado e se nós o repelirmos ele não desistirá, e virá novamente sobre nós com uma tentação.

Se ele conseguir uma pequena vantagem sobre nós numa tentação, ele procurará a todo custo levar isto até o seu ponto extremo.

Ele tem uma variedade de tentações para usar e não se limita a um único tipo de tentação. Se não conseguir prevalecer com um tipo, ele usará outro; se não puder tentar com cobiça, tentará com orgulho; se não conseguir amedrontar o homem, ele o tentará com presunção; se não

287

conseguir levá-lo a profanar, tentará torná-lo formalista; e se não conseguir conduzir ao vício, tentará conduzir ao erro. Para isto enganará através de revelações falsas e toda forma de artifício que estiver ao seu alcance. Por isso precisamos orar: "não nos conduza em tentação".

Satanás é representado como sendo o grande dragão vermelho que lançou por terra a terça parte das estrelas do céu (Apo 12.3,4); é chamado também de valente (Lucas 11.21) e de príncipe deste mundo (João 14.30). Assim, embora ele tenha perdido a sua santidade original, no entanto não foi retirado dele o poder que Deus lhe havia dado.

Sendo um espírito ele pode influenciar a imaginação das pessoas envenenando-a com pensamentos ruins. Foi ele quem colocou no coração de Judas o pensamento de trair a Cristo (João 13.2).

Embora ele não possa compelir a vontade, no entanto pode apresentar objetos agradáveis aos sentidos exercendo grande influência sobre eles. Ele pode usar as artes para gerar idolatria nos corações das pessoas em relação aos artistas. E faz isto especialmente com a música. Ele pode seduzir o coração com riquezas terrenas tal como fizera com Acã fazendo-lhe cobiçar as riquezas condenadas de Jericó nos dias de Josué. Foi Satanás que influenciou Davi a fazer o censo que lhe havia sido proibido por Deus (I Crôn 21.1). Ele pode fazer com que uma faísca de cobiça se transforme numa chama.

Sendo um espírito ele pode encher as nossas mentes de tentações de maneira que tenhamos dificuldade para discernir se elas vêm dele ou de nós mesmos. Assim com um pássaro pode chocar o ovo de um outro pensando que seja seu; nós podemos estar chocando as influências do diabo pensando que elas vêm dos nossos próprios corações.

Quando Pedro tentou dissuadir Cristo de sofrer, morrendo na cruz, ele pensou que isto vinha do afeto que tinha pelo seu Mestre, sem saber que a mão de Satanás estava naquilo (Mt 16.22).

E se Satanás tem este poder de instilar tentações sem que nós o saibamos, nós temos necessidade de orar para não sermos conduzidos em tentação. É preciso orar a Deus por livramento porque é muito difícil distinguir entre aquilo que procede de insinuações diabólicas e aquilo que procede de nós mesmos.

Mas podemos pelo menos tentar identificar a origem da tentação, se do nosso coração ou do Inimigo, e uma das maneiras de fazer tal identificação é que a tentação de Satanás nos vem de maneira súbita, como um dardo que é atirado (Ef 6.16), e já a tentação que é originada no coração começa

288

através de graus, de maneira vagarosa procurando obter o consentimento da mente. Em segundo lugar, a tentação que é originada em nosso próprio coração não é tão terrível e não agita e assusta a alma como as que são de origem satânica, que chegam a insinuar até mesmo blasfêmia e suicídio. Em terceiro lugar, quando são lançados maus pensamentos na mente nós os detestamos e lutamos contra eles, e fugimos deles como Moisés fugiu da serpente, e isto demonstra que a mão de Joabe está nisto (II Sm 14.19), isto é, foi Satanás quem produziu estes movimentos impuros.

O poder de Satanás na tentação é oriundo da longa experiência que ele adquiriu através dos séculos e milênios nesta arte. E esta experiência do diabo aumenta o nosso perigo, e nós temos portanto necessidade de orar: "não nos conduza em tentação".

Satanás usa de sutilezas e ciladas para enganar, e nós citaremos algumas delas adiante:

1ª - Ele observa o temperamento e a constituição natural da pessoa que pretende enganar. Ele não

conhece os corações e os pensamentos dos homens, mas conhece o temperamento deles, e com base neste conhecimento escolhe o melhor tipo de tentação para semear em tal coração para atingir os seus propósitos malignos.

2ª - Ele escolhe a melhor ocasião para atacar. Aos primeiros sinais de que alguém está sendo convencido pelo Espírito Santo para que se converta a Cristo ele atacará com tentações violentas. Ele tentará a todo custo impedir que ocorra a conversão. Ele também atacará se nos encontrar ociosos. Quando ele observar que estamos sem uma atitude vigilante e descuidados, e desanimados e indolentes em relação aos nossos deveres para com Deus, Satanás não perderá a oportunidade para aprofundar ainda mais esta indolência e desânimo com suas tentações. Ele usará argumentos para nos enganar dizendo que foi inútil servir a Deus ou que é muito cansativo ou impossível fazer a Sua vontade. Enquanto dormirmos ele semeará o seu joio (Mt 13.25). Enquanto Davi descansava no palácio em tempo de guerra, Satanás lançou o dardo da tentação sobre ele e prevaleceu (II Sm 11.2,3). Uma outra ocasião apropriada para o diabo nos tentar é quando a pessoa se encontra entregue a desejos externos e dilemas. Quando Cristo estava jejuando e com fome Satanás o tentou (Mt 4.8). Quando o dinheiro está curto ele também tentará dizendo que a pessoa deve roubar, ou então murmurar contra Deus por não lhe dar a subsistência merecida. E principalmente depois de termos recebido uma bênção de Deus

Satanás costuma nos tentar. Jesus estava jejuando e

289

orando quando o tentador veio a Ele (Mt 4.2,3). O fervor de um santo desperta a fúria de Satanás porque ele sabe que terá perdas em seu reino quando alguém está consagrado a Deus, porque fará com que o reino de Deus avance na terra com suas intercessões, pregação, e tudo o mais que esteja relacionado à obra de Deus. Ele costuma também tentar depois de uma bênção porque muitos descuidam na vigilância e ficam presunçosos por causa das bênçãos recebidas, sentindo-se seguros e não mais necessitando pelo menos no período da bênção de continuarem orando para não serem conduzidos em tentação. Isto é como o soldado que tira a armadura depois de ter vencido uma batalha. É neste momento de descuido que propiciará que o diabo tenha vantagem no seu ataque. Ele sempre procurará impedir que uma obra de Deus se estabeleça desde o seu princípio atacando-a violentamente. Esta é a razão de muitos avivamentos terem morrido na origem porque os crentes foram desestimulados a continuarem orando e perseverando em unidade. Quando Davi iria começar a reinar em Jerusalém Satanás tentou impedi-lo enviando os filisteus em grande número contra ele, mas Davi consultou ao Senhor e prevaleceu. Ele também tenta violentamente os crentes quando eles estão enfraquecidos, pensando que Deus não pretende mais usá-los a

Seu serviço, e quando as evidências parecem confirmar isto como sendo uma verdade. O Inimigo se aproveita desta condição de enfraquecimento para persuadir os crentes a apostatarem definitivamente da fé.

3ª - Satanás se transfigura em anjo de luz para distorcer o verdadeiro caráter de Cristo. Ele fala através dos seus ministros aos homens e até mesmo aos crentes, usando lobos vorazes em pele de ovelha, que são dificilmente discernidos como estando a serviço do diabo e não propriamente ao de Deus. Ele fala de Cristo, da Palavra, mas não do Cristo da Bíblia com a exatidão da verdade da Bíblia. Por isso Jesus alerta a Igreja sobre a importância de provar os espíritos para ver por seus frutos, se procedem de Deus ou não, de maneira que não sejamos induzidos ao erro que é semeado por Satanás através dos instrumentos humanos que ele costuma usar para tentar distorcer ou anular a verdade do Evangelho. Não podemos esquecer que ele tentou o próprio Jesus usando a Palavra e afirmando: "está escrito". A condição em que muitos se encontram dizendo Senhor! Senhor! referindo-se a Jesus, ao mesmo tempo que desconhecem ou negam as Suas Palavras é gerada não raro por meio de engano satânico em que tais pessoas se encontram com uma falsa

290

convicção acerca da verdade que o Inimigo conseguiu colocar em suas mentes.

4ª - Satanás tenta para que se peque gradualmente. Assim começa com um pequeno pecado visando chegar à maior forma de expressão daquele pecado. Por exemplo, ele começa com uma ofensa para causar depois um grande crime. Ele coloca uma pequena suspeita para transformá-la depois numa grande desconfiança e inimizade. O pequeno olhar de relance de Davi em Bate-Seba produziu um adultério e um assassinato. Primeiro ele tenta para que se ande em má companhia e depois arruína os bons costumes, para conduzir à mesma condenação dos maus companheiros. Ele começa com pequenas decepções visando ao completo endurecimento do coração.

5ª - Satanás usa o ardil de nos conduzir em tentações usando aqueles de quem nós menos suspeitamos. Pode ser um amigo próximo, e até mesmo líderes da Igreja, como se deu com a Igreja dos Gálatas e dos Coríntios nos dias do apóstolo Paulo, cujos crentes haviam sido fascinados por falsos pastores que ministravam a eles. Quando nossos amigos religiosos nos dissuadem de fazer nosso dever, Satanás está sendo um espírito mentiroso nas suas bocas, e tenta nos atrair para o mal por meio deles. A Bíblia alerta para o aumento da atividade de falsos pastores e mestres nos últimos dias. Jó foi tentado através de sua própria esposa e amigos.

6ª - Satanás tenta algumas pessoas mais do que outras, selecionando os seus alvos. (1) As pessoas ignorantes. O diabo pode conduzir estes em

qualquer armadilha. Você pode conduzir um homem cego aonde quiser. Satanás sabe que é fácil fazer com que aqueles que são ignorantes da vontade de Deus tropecem e caiam no inferno. Um homem ignorante das realidades espirituais não pode enxergar as armadilhas do diabo. (2) Satanás tenta os incrédulos. Não há ninguém mais fácil de se conduzir ao inferno do que aquele que não crê em Deus e que não dá crédito à Sua Palavra. (3) Satanás tenta as pessoas orgulhosas, e é sobre estes que ele tem maior poder. Ninguém está em maior perigo de cair na tentação do que aquele que estava elevado em sua própria vaidade. (4) As pessoas melancólicas. A melancolia abate o humor e perturba a razão. Quando o espírito está triste e melancólico o crente estará desafinado para os deveres espirituais que são caracterizados por fervor de espírito. Satanás diz ao melancólico que Deus não o ama, que não se interessa por ele e pelo estado de sua alma, e é comum que o espírito abatido se renda aos argumentos falsos do Inimigo. Os que estão sempre descontentes são

291

também outro alvo preferido para os ataques do diabo, porque o descontentamento conduz a muitos pecados, como ingratidão e impaciência, por exemplo. Satanás procura também selecionar para os seus ataques as pessoas inativas. Satanás dará muito trabalho ao ocioso, e ele se achará se ocupando de coisas vãs, pecaminosas, por ter a

sua mente e vontade debaixo do domínio do diabo.

7ª - Satanás insinua que se retirou e que nós o vencemos, e quando estamos nos sentindo seguros e esquecidos de suas tentações, ele nos ataca. Esta estratégia é muito usada especialmente para parar o avanço e continuidade de avivamentos, porque quando a obra de Deus se encontra no seu auge, e quando os crentes pensam terem triunfado definitivamente sobre o diabo, ele trabalha em silêncio semeando o joio da discórdia e desconfiança entre os crentes, especialmente entre os que são novos na fé, e assim detém o avanço do movimento pela quebra de unidade que normalmente surge de queixas, murmurações, descontentamentos, etc, dirigidos especialmente contra os líderes do movimento. Quando o povo de Israel obteve grandes e poderosas vitórias, da parte de Deus sobre os egípcios, eles logo foram achados em incredulidade e murmurações contra Moisés e contra o próprio Deus. Parecia que o inimigo havia sido definitivamente derrotado, representado em faraó, mas o pior Inimigo deles estava oculto e levou o povo a se voltar contra Deus. Por isso a Bíblia ordena que estejamos revestidos em todo o tempo com nossa armadura espiritual, vigiando e orando no Espírito, em todo o tempo.

8ª - Satanás tenta persuadir os homens que eles são impuros demais para se aproximarem de um

Deus que é perfeitamente santo. Ele não lhes permite verem que o tipo de santidade que se espera deles neste mundo é evangélica, isto é garantida pela graça de Cristo que perdoa aos homens todas as suas ofensas, e assim ficam desencorajados de buscarem a Deus, em sua ignorância da verdade do evangelho, que é Cristo para a salvação de todo o que crê.

9ª - Satanás põe uma falsa imagem de virtude sobre o quadro sujo do pecado. Ele engana os homens fazendo-lhes crer que paixão imoderada é zelo; que vingança é prudência; que licenciosidade é liberdade; que cobiça e ganância são incentivos para ser produtivo; que desperdício é generosidade etc.

10ª - Ele tenta nos enlaçar com coisas que são lícitas, levando-nos a fazer um uso desordenado delas, como por exemplo excesso de recreações que

292

nos afastam do nosso dever; alimentação saudável, só que com glotonaria; etc.

11ª - Ele tenta nos ocupar em nossos afazeres normais sob o correto argumento de que isto é nossa responsabilidade, só que produzindo um desequilíbrio em não darmos qualquer tempo para o serviço de Deus, sob a alegação de que é irresponsabilidade e desperdício de tempo. Por outro lado ele pode também fazer com que o desequilíbrio penda para o lado de Deus sob a alegação de que se deve viver somente e

exclusivamente pela fé, sem que haja necessidade trabalhar para proverem suas famílias. A outros engana fazendo com que deem apenas atenção ao cuidado que devem ter com seus corpos, negligenciando totalmente o cuidado que se deve ter com as suas almas.

12^a - Ele cria preconceitos contra a religião na mente dos homens, pintando-a como algo melancólico, e que remove toda a alegria de viver dos fiéis. Ele também pinta a santidade como algo penoso, uma carga que deve ser levada e que sujeita a pessoa ao fanatismo. Ele representa os crentes fiéis como pessoas desprovidas de personalidade. O que é paciente em suportar danos sem vingança ele representa como sendo um covarde; o crente humilde como sendo alguém deprimido e fraco; e o piedoso ele chama de um bobo que está desperdiçando os prazeres do mundo.

13^a - Satanás retira dos homens o amor à verdade para que abracem o erro (II Tes 2.11). Sendo um espírito mentiroso ele luta para induzir a mente do homem ao erro. Satanás engana a muitos porque há muitos erros que são parecidos com a verdade. E o erro se propaga rapidamente como uma epidemia. O erro do pelagianismo que prega a salvação sem a necessidade da graça, e somente pelas boas obras; o erro do arianismo que negava a divindade de Cristo; começaram como uma fagulha e incendiaram o mundo inteiro. O diabo semeia o erro porque ele produz divisões na igreja. E quando o diabo consegue fazer com que o

erro prevaleça a reforma é impedida; e a igreja continua necessitando ser continuamente reformada. E sem reforma o avanço do evangelho é prejudicado.

14^a - Satanás encanta e enlaça os homens fixando iscas agradáveis diante deles; como as riquezas, prazeres, e honras do mundo. Ele sabe que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males e que o amor ao mundo impede a permanência no amor de Deus. Os que buscam prazeres entregam-se ao governo dos sentidos físicos e da alma, e assim ficam

293

impedidos de serem governados pelo espírito, e é somente em espírito e em verdade que se pode adorar a Deus.

15^a - Satanás tenta as pessoas alegando que certas atitudes são justificadas por necessidade imperiosa. Ele faz as pessoas crerem que a necessidade da ação desculparia o pecado. Ele usará situações extraordinárias citadas na Bíblia justificadas apenas na época da sua ocorrência, como o fato de Davi ter comido o pão que era reservado pela Lei somente aos sacerdotes, como um procedimento válido para todas as épocas, quanto às coisas consagradas a Deus.

16^a - Satanás tenta os homens para serem presunçosos. A presunção é uma confiança sem base suficiente. Os homens pensam que são melhores do que são de fato. Satanás ilude a muitos com presunção acalmando-os quanto aos

seus pecados e infundindo-lhes uma falsa esperança de que tudo vai bem com suas almas diante de Deus. A presunção é a rede com a qual Satanás puxa milhões para o inferno. Ele faz também faz com que muitos crentes se gloriem nos seus privilégios espirituais e graças e não somente em Cristo. É usando a tentação da presunção que Satanás consegue que muitos crentes pensem que ele é fraco, e que é facilmente derrotado por eles, sem que estes estejam vivendo por fé, e assim cria esta ilusão neles enquanto os derrota espiritualmente fazendo que vivam de modo contrário à Palavra de Deus. Eles confiam presunçosamente por inspiração do diabo na própria força e ousadia deles, enquanto vivem de modo desregrado e desordenado contra as ordenanças de Deus relativas à pureza, santidade, moderação, sobriedade, retidão, amor etc.

17^a - Satanás insinuará estar interessado no nosso bem estar tal como fizera com Cristo no deserto dizendo-lhe que deveria saciar a sua fome transformando pedras em pães. Com isto não somente quis mostrar-se amigo e preocupado, como também dando a Cristo uma aparente honra por reconhecer o seu grande poder para até mesmo transformar pedras em pães. Cristo venceu a serpente nesta falsa amizade com a espada do Espírito. Mas Eva caiu no mesmo tipo de insinuação no Éden quando o diabo lhe disse que comesse do fruto para se tornar como Deus, e assim alcançaria uma condição superior à que ela e seu marido se encontravam no jardim. Estes

presentes de grego devem ser rejeitados com a oração "não nos conduza em tentação".

18^a - Satanás coloca pessoas em posições de liderança para que possa cumprir os seus desígnios através deles, tal como Datã, Coré e Abirão,

294

príncipes da tribo de Levi, dentre os coatitas, que arrastaram uma multidão após si nos dias de Moisés (Nm 16.2,10).

19^a - Ele instila inveja nos crentes em relação a bênçãos ou dons espirituais que outros crentes receberam de Deus, gerando amargura e descontentamento. Foi assim com os irmãos de José em relação a ele, e também os de Davi quando souberam que ele foi ungido por Deus para ser rei sobre Israel. Aquilo que era para ser motivo de grande alegria Satanás consegue transformar em motivo de tristeza. E isto começou no Éden quando Caim invejou seu irmão Abel e o matou.

20^a - Satanás ataca a nossa fé, e ele a ataca porque é a principal das graças que nós temos recebido de Deus. É a fé que traz o maior dano ao diabo porque é com ela que resistimos a ele (I Pe 5.9). Nenhuma outra graça contunde mais a cabeça da serpente do que a fé. Ela é uma arma tanto de ataque quanto de defesa. É com ela que apagamos os dardos inflamados do maligno, e é também a espada que fere o dragão vermelho. A fé é tão forte ao ponto de fazer Satanás bater em retirada

porque ela traz a força de Cristo à alma. Quando somos atacados a fé corre e chama a Cristo para nos defender, assim como uma criança apela para o seu pai quando está sendo ameaçada. A fé tem promessas nas quais se apoiar como Hebreus 13.5; Mt 12.20; I Cor 10.13; Rom 10.16; João 10.29. Estas cinco promessas são como as cinco pedras que Davi tinha em sua funda para derrubar Golias (I Sam 17.40). São pedras da fé com as quais o crente pode ferir o dragão vermelho. Satanás pode atacar a fé mas não quebrá-la enquanto permanecermos firmes nela. Por isso sempre espera ocasião oportuna para atacar, pois sabe que quando a fé está em ação ele é ferido. Por isso ele procura golpear a fé visando enfraquecê-la e destruí-la, porque tem uma grande influência em todas as demais graças que dependem dela para o seu crescimento e operação.

21^a - Satanás encoraja aquelas doutrinas que são agradáveis à carne. Ele sabe que a carne ama ser satisfeita, que busca facilidade e liberdade, e que não suportará nenhum jugo, a menos que não contrarie o ego. Então, ele usará a isca da tentação para dar alegria à carne. A Palavra ensina que a carne deve ser crucificada; que é por meio de tribulações e aflições que são decorrentes principalmente da nossa luta contra as tentações do diabo, que se entra na glória, que devemos ser diligentes e fervorosos no serviço de Deus, e que o reino do céu é alcançado mediante esforço, mas Satanás sempre tentará debilitar estas verdades bíblicas nas mentes e corações dos homens e procurará entretê-los lisonjeando a carne, e

massageando o ego deles. Ele sempre sugerirá um caminho amplo e fácil para se chegar ao céu. Negará que o caminho que conduz à salvação seja apertado e estreito. Chamará os mandamentos de Cristo de pesados e acusará pejorativamente aqueles que são obedientes aos Seus mandamentos de legalistas. Ele transformará a graça de Cristo em luxúria, fazendo com que muitos crentes a usem como pretexto para viverem na prática deliberada do pecado. Este produto barato que o diabo vende é comprado por muitos porque doutrinas que agradam a carne são muito baratas e atraem assim muitos clientes, no entanto jamais se poderá agradar a Deus crendo em tais doutrinas e modelando a vida por elas.

22^a Satanás tentará impedir a execução dos deveres santos como orar, meditar na Palavra, jejuar, congregar com os santos no culto público etc. Ele pode fazer o telefone tocar ou criar uma emergência quando estivermos orando. Ele pode criar desânimos, e toda sorte de dificuldades para não irmos ao templo. Ele pode tornar a meditação da Palavra em algo mecânico, enfadonho e formal, afastando o coração da possibilidade de experimentar o deleite que há na meditação piedosa da Palavra que conduz à Sua prática. Ele pode também levar um crente ao desespero sob a falsa convicção de que não tem se humilhado o bastante. E assim dará à mortificação de pecados uma ideia totalmente estranha à mortificação evangélica, que leva em conta que enquanto

estivermos na carne será impossível erradicar completamente o pecado de nossas vidas, porque a mortificação é como a retirada das ervas daninhas de um jardim, trabalho este que nunca cessa, porque elas sempre retornam e voltam a crescer, e devemos continuar a retirá-las. Esta é a verdade bíblica em relação à mortificação. A completa remoção do pecado não é atingível nesta vida e nem Deus espera isto, porque sabe que é impossível de ser atingido por pecadores. Nossa confiança, esperança, e justiça é Cristo. Não devemos buscar nada disto em nós mesmos, mas conforme a verdade do evangelho que nos deu Cristo como nosso Salvador. Satanás quer que olhemos para nós mesmos e que desesperemos de maneira que não poderemos assim cumprir o nosso dever e nem nos alegrarmos com Deus, por causa de uma consciência dolorida.

23^a - Satanás por outro lado tenta levando a um outro extremo relativo ao que acabamos de comentar, que é vendendo a ideia de que o arrependimento é fácil e barato, porque está baseado na graça de Cristo. Nós já vimos em nosso comentário anterior sobre a quinta petição do Pai Nosso – “perdoa as nossas dívidas, assim como temos perdoado os nossos

296

devedores” que há condições para o perdão de Deus, apesar do sangue de Cristo e os Seus méritos serem sempre a base do nosso perdão. E dentre estas condições se inclui o dever de perdoarmos aos nossos devedores, e de nos

arrependermos dos nossos pecados, e nós vimos que o arrependimento consiste basicamente de três partes a saber: contrição, confissão e conversão (II Crôn 7.14), para que possamos ser efetivamente perdoados e sarados e ouvidos por Deus.

24^a - Satanás nos ilude com a ideia de que a vida cristã vitoriosa está sempre baseada em sucesso neste mundo, tendo-se um coração continuamente animado e alegre para com as coisas terrenas. Mas a vida cristã normal e verdadeira nos imporá muitas vezes a condição do Salmo 51.17 para agradarmos a Deus: "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus." (Sl 51.17).

Mas por outro lado, ele pode também nos enganar com a ideia de que a condição de coração contrito deve ser um estado permanente diante de Deus; quando a Bíblia ensina claramente que a alegria do Senhor é a nossa força e que temos o dever de nos alegrarmos nEle sempre. Assim, se há uma hora de luto e de tristeza, não podemos permitir que ela seja o fator prevalecente sobre o nosso modo de viver. Devemos buscar consolação e auxílio no Senhor para que possamos ser achados alegres na Sua presença, uma vez passado o momento de contrição e dor, seja pelo pecado, seja pelas aflições que nos alcançam neste mundo.

25^a - Satanás persuade os homens para adiarem o seu arrependimento, para se voltarem para Deus.

Ele os ilude com a ideia de que devem aproveitar o mais possível tudo o que o mundo tem para oferecer, para se ocuparem com as questões da segurança eterna de suas almas somente no final de suas vidas, quando não tiverem mais nenhum vigor ou prazer nas coisas terrenas. Mas a Bíblia ensina o dever de se converter no dia que se chama Hoje. Ninguém sabe o que o futuro lhe reservará, mas o que vive longe de Deus, ainda que não saiba por ter sido enganado pelo diabo, está fazendo a pior opção que qualquer homem pode fazer, que é a de viver longe de Seu Criador e contrariando a Sua vontade. E considere-se que quanto mais uma pessoa vive longe de Deus, mais ela fica endurecida pelo pecado, de maneira que conversões são mais comuns na juventude do que em pessoas com idade avançada. Quanto mais frio se torna o gelo, é mais difícil quebrá-lo. Quanto mais um homem se torna impenitente mais difícil

297

será quebrar o seu coração de pedra. Quando o pecado se aloja num abrigo, mais difícil será expulsá-lo.

26^a - Satanás, tenta, ataca e debilita a paz dos santos. Se ele não puder destruir a graça deles, ele perturbará a paz deles. Ele tenta impedir que os crentes tenham um céu na terra. Ele tudo fará para roubar a tranquilidade e paz de mente do crente, porque este é um dos bens mais preciosos que alguém pode ter neste mundo. Para isso ele tanto usará de ataques diretos contra a mente do crente, como também agirá nas circunstâncias

exteriores produzindo adversidades. O Espírito Santo é o Consolador, mas o diabo é o desconsolador. Ele tudo fará para nos tentar com a mentira que estamos desamparados por Deus em nossas dificuldades e com isto, se lhe dermos crédito, ele conseguirá roubar a nossa paz.

Com o intuito de tentar roubar a paz do crente ele também lhe fará duvidar da certeza da sua salvação, quando estiver vivendo de modo indolente quanto aos deveres que contribuem para o seu crescimento em santificação. Assim além da própria incerteza que a falta de diligência trará consigo quanto à certeza da eleição (II Pe 1.5-10), Satanás a reforçará acusando o crente de hipócrita e que está sujeito à condenação eterna no inferno.

Ele criará também entraves e injustiças no relacionamento entre os crentes de maneira que não somente quebre a unidade deles, como também venham a fugir do dever de estarem congregados em nome de Cristo e por amor a Ele e para fazer avançar o Seu reino na terra. E esta é uma forma muito dolorida de se furtar a paz dos crentes que eles devem a todo custo evitar orando a Deus: "não nos conduza em tentação".

Ele trará também temores e incertezas nas mentes dos crentes fazendo com que pensem em nada além das suas dificuldades, e que tentem resolver os seus problemas usando apenas estratégias humanos, que em vez de solucionar, podem agravar os problemas. Depois disto ele lançara a culpa em Deus que não cuidou

devidamente dos Seus filhos e que não lhes proteceu na hora da aflição e do perigo. Entretanto, muitas destas aflições são produzidas pelo próprio diabo (como no caso de Jó) e permitidas por Deus para o aperfeiçoamento da fé dos seus filhos, de maneira que, como Paulo possam estar contentes em toda e qualquer situação (Fp 4.11,12; II Cor 12.10).

Quando o diabo consegue roubar a paz dos santos ele coloca uma pedra de tropeço a outros. Eles ficarão atemorizados de se renderem a Cristo pelo temor de passarem não pelas tribulações que os crentes vivem, mas

298

pelo desespero que muitos deles mostram em suas aflições. A serenidade e paz que havia na face de Estevão quando era apedrejado conduziu Paulo à conversão. Cristo convence o mundo do Seu poder dando-nos amor e paz na aflição. Mas quando o crente permite que Satanás furte tal testemunho, trocando-o por perturbação de mente e de coração, poucos se sentirão estimulados a se renderem a Cristo. Não admira portanto que Cristo nos ordene carregar voluntariamente a nossa cruz e que não andemos solícitos e preocupados com as coisas desta vida, quanto ao que havemos de comer, beber e vestir, sabendo que Deus cuidará de todas as nossas necessidades enquanto trabalhamos honestamente e vivemos de modo digno e modesto perante Ele e os homens.

27^a - Satanás tenta os homens a usarem de violência para com outros e até para consigo mesmos quando se sentem fracassados ou contrariados. Esta violência pode ser moral ou física. Mas isto se vence com o fruto do Espírito do amor, da longanimidade, da mansidão e do domínio próprio. O aumento da violência nos dias de Noé foi o motivo de Deus ter destruído o mundo antigo com as águas do dilúvio. Satanás é um espírito violento que espalha a violência, mas o crente deve se guardar de toda forma de violência e estar disposto a suportar danos por amor a Cristo. É assim que se destrói as armas de violência de Satanás. Não resistindo ao perverso e nem se entregando à prática da perversidade.

Eu lhe mostrei vinte e sete sutilezas usadas por Satanás em suas tentações para que você possa conhecê-las melhor e evitá-las, bem como e principalmente orar a Deus para que não permita que seja conduzido a elas.

Satanás é um assassino que está no mundo para roubar, matar e destruir, e devemos nos prevenir dele vigiando atentamente os seus passos, de maneira que não venhamos a cair nos seus laços.

Sigamos o conselho de Cristo vigiando e orando em todo o tempo para não entrarmos em tentação (Mt 26.41).

Muitos perguntam por que Deus permite que os Seus santos sejam esbofeteados pelas tentações de Satanás.

Primeiro ele permite isto para que sejam provados. Satanás usa a tentação com o fim de levar a efeito os propósitos malignos a que nos referimos anteriormente, e Deus permite a tentação para que sejamos provados de modo que possamos crescer na fé através da resistência a

299

Satanás e do aprendizado da dependência e obediência ao Senhor para poder vencê-lo. E quando o diabo é vencido pela graça e coragem do crente em ficar firme no testemunho da verdade contra as mentiras do diabo o Senhor e o evangelho são honrados. Através das tentações Deus mantém os seus filhos livres do orgulho espiritual, tal como permitira que Paulo fosse esbofeteado por um mensageiro de Satanás para permanecer humilde perante Ele depois de ter tido as visões gloriosas do terceiro céu. Isto impediu que ele se gloriasse em si mesmo, e soubesse que não foi por nenhum mérito pessoal e justiça própria que lhe fora dada tal experiência gloriosa por Deus (II Cor 12.7).

Deus também permite que Seus filhos sejam tentados para que possam adquirir experiência para poderem confortar a outros (II Cor 2.11).

As tentações também nos revelam que o céu não é aqui neste mundo. Que a terra foi amaldiçoada por causa do pecado e não é nenhum paraíso com as múltiplas operações do diabo. Definitivamente o mundo não é o nosso lugar de descanso e

devemos aspirar por uma pátria superior que é o céu.

Mas enquanto caminhamos neste mundo devemos nos consolar com o pensamento relativo à verdade que Satanás e até mesmo uma legião inteira de demônios não podem tocar sequer um porco se Cristo não lhes der licença, como bem aprendemos da história do gadareno. Se Satanás e os demônios tivessem liberdade para agirem com total liberdade, nenhuma alma seria salva.

E lembremos que se não é possível impedir a tentação, no entanto nunca será da vontade de Deus que nós caiamos nela. O peixe não será fisgado pelo anzol se não morder a isca.

Vencendo a tentação nós pisamos na cabeça da serpente juntamente com Cristo. O diabo é vencido quando usamos toda a armadura de Deus e estamos revestidos do Senhor e da força do Seu poder.

Quanto mais um crente for tentado mais ele lutará contra a tentação e ficará cada vez mais experimentado nas batalhas espirituais, amando a santidade e detestando as tentações através das quais o diabo procura afastá-lo da sua firme posição na fé. Assim as tentações cooperam indiretamente para o aumento da fé e das demais graças de um crente. E aquele que vence a tentação é confortado por Deus, assim como Cristo foi servido pelos anjos depois de ter vencido o diabo no deserto.

Mas ainda que um crente autêntico caia numa tentação, contudo a semente da vida eterna está nele (I João 3.9). A graça pode ser abalada

300

mas não destruída, e o diabo sabe muito bem disto. Ele não tentará lançar um crente no inferno, porque sabe que isto é impossível, mas tentará neutralizar as suas ações contra ele.

Deus nos aperfeiçoa em força e poder vencendo as tentações. Que poder há num homem que não consegue vencer a menor tentação?

Veja conseqüentemente que a vida de um crente não é nenhuma vida fácil. É uma vida militar: há um Golias no campo de batalha para lutarmos contra ele na força do Senhor.

E não devemos estar nesta guerra contra as múltiplas tentações do Inimigo, lutando sozinhos. Nós devemos estar na comunhão dos santos para sermos bem-sucedidos nesta guerra de muitas batalhas. A comunhão e a intercessão dos santos é o melhor remédio contra a tentação.

E se você não deseja ser vencido pela tentação esteja sóbrio (I Pe 5.8). A sobriedade consiste no uso moderado das coisas terrenas. Um desejo imoderado destas coisas coloca os homens na armadilha do diabo (I Tim 6.9). Aquele que ama as riquezas imoderadamente as adquirirá injustamente. Acabe se apoderou do vinhedo de Nabote derramando o seu sangue. Aquele que

está embriagado com o amor ao mundo, nunca estará livre de cair em tentação.

Nós nos depararemos com o tentador em todos os lugares e por isso devemos estar sempre empunhando a espada do Espírito que é a Palavra de Deus. É com a verdade da Palavra que se vence o pai da mentira. Quando usamos a Palavra em nossas tentações e nos amparamos nas suas verdades e não nos nossos sentimentos na hora da aflição e da tentação, o Inimigo baterá em retirada e Deus dará paz às nossas mentes e corações.

“6 Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças.

7 E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.” (Fp 4.6,7).

Não há qualquer tentação que não tenha uma resposta adequada na Bíblia pela qual podemos enfrentá-la. Por exemplo, se o diabo insinuar a prática do adultério, nós podemos dizer que está escrito: “não adulterarás”, ou que “Deus julgará os adúlteros”. Se ele nos tentar a endurecer o nosso coração contra qualquer pessoa, por algum dano ou ofensa que nos tenha causado nós devemos dizer que está escrito: “Amai os vossos inimigos”, “bendizei os que vos perseguem”, “não vos vingais a vós mesmos”, “vençamos o mal com o bem” etc.

Fujamos também de toda fonte de tentação. Os nazireus não podiam comer ou beber qualquer produto da videira, especialmente bebida forte, para que isto não ocasionasse intemperança. Havia nesta prática de consagração da dispensação da Lei uma clara figura de que os crentes que são nazireus de Deus, pela consagração a Ele durante todo o tempo de suas vidas, têm o dever de se guardarem da intemperança em todas as suas formas. Se não nos guardamos de intemperanças como a do beber e do comer desordenadamente, por exemplo, nada adiantará orarmos para que Deus não nos conduza em tentação.

Sendo criteriosos em todo o nosso modo de viver podemos então contar com o poder das nossas orações. A oração atormenta o diabo e o coloca em fuga, livrando-nos de cair na tentação. Mas sejamos humildes enquanto oramos sabendo que é o poder de Jesus que faz o diabo fugir, e não o nosso próprio poder. Lembremos que a quem se humilha Deus concede maior graça.

Para não cairmos em tentação devemos fugir de argumentar com Satanás. Eva começou a entrar em desvantagem com o Inimigo quando começou a argumentar com ele. Nós podemos afirmar a verdade de Deus para o diabo mas se entramos em considerações vãs argumentando com ele ou com os seus instrumentos, nós poderemos acabar persuadidos e vencidos pelo erro, ou abalados em nossas convicções se não tivermos maturidade

suficiente de fé. Mesmo crentes maduros que têm as faculdades exercitadas para discernirem tanto o bem quanto o mal devem evitar contendas de palavras com os que se opõem à verdade, para não ficarem expostos ao mal, e nem lançarem pérolas aos porcos.

“23 E rejeita as questões loucas, e sem instrução, sabendo que produzem contendas.

24 E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor;

25 Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade,

26 E tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos.” (II Tim 2.23-26).

Satanás foi vencido por Cristo na cruz, e não há portanto o que se argumentar com um inimigo vencido. Devemos fazer valer a vitória da cruz sobre ele vivendo de modo santo em inteira firmeza de fé. A vitória sobre o diabo está diretamente relacionada ao grau da nossa sujeição a Deus e à Sua vontade.

302

Paulo não desconhecia os estratagemas de Satanás (II Cor 2.11) porque estava experimentado em ver suas tentações tanto em sua vida como na vida dos seus irmãos em Cristo. E de igual modo nós devemos estar bem instruídos acerca dos

movimentos do Inimigo para destruir a nossa fé, de maneira que possamos neutralizar os seus intentos malignos.

Devemos ser gratos a Deus por nos dar a vitória por meio de Cristo Jesus (I Cor 15.57). É a graça do Senhor que nos conduz em triunfo nas batalhas contra o Inimigo. Por isso somos ensinados a orar: “não nos conduza em tentação” porque isto não nos traz somente a eficácia, como também o reconhecimento de qual é a fonte que nos garante a vitória sobre as tentações.

A segunda e última parte da sexta petição da oração do Pai Nosso é: “mas livra-nos do mal.”. Há muito mais nesta petição do que é expressado, porque o pedido para livramento do mal tem em vista que possamos fazer progresso em nossa devoção a Deus.

“Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente,” (Tito 2.12).

De um modo geral, quando nós oramos para sermos livrados do mal, nós estamos orando para sermos livrados do mal do pecado, e particularmente, como parece estar insinuado no nosso texto de Mt 6.13, da prática do pecado que seria oriunda de cairmos em tentação, o que se pode inferir do uso da conjunção adversativa “mas” do texto “mas livra-nos do mal” (allá, que se encontra no original grego significa contudo, mas, entretanto), indicando assim que ao

pedirmos a Deus para não sermos conduzidos em tentação, está implícito que Ele nos livrará de muitas tentações, mas também, para o nosso próprio proveito, como vimos antes, permitirá que sejamos provados com muitas tentações, e neste caso, o Senhor nos ensinou a orar a pedir a Deus que nos livre do mal, de maneira que não sejamos vencidos pelas tentações de Satanás, que visam produzir danos e levar-nos a pecar.

Quando nós oramos para sermos livrados do mal nós não estamos orando obviamente para sermos livrados de modo final e imediato do princípio do pecado que opera em nós. Nós não podemos nos livrar de modo definitivo desta víbora enquanto estivermos vivendo neste mundo, mas podemos pedir a Deus para nos livre cada vez mais das suas picadas venenosas.

303

Quando nós consideramos o que é o pecado de maneira correta e fazendo uma justa avaliação do mal execrável que ele é, nós entendemos melhor porque devemos orar “mas livra-nos do mal”.

O pecado é mau em sua natureza porque é uma transgressão contra Deus. É a transgressão da Lei da Majestade Divina (I João 3.4). Assim é um crime de lesa majestade.

A palavra hebraica para pecado (hatat) significa ofensa, rebelião. E no grego, a palavra para pecado é amartia, e significa errar o alvo.

Assim o pecado é tanto uma rebelião contra Deus, como não acertar o alvo quanto à Sua vontade em relação ao que deveríamos ser e o modo de procedermos em nossa vida.

O pecado é um ato de alta ingratidão para com Deus. Ele alimenta o pecador, é misericordioso e longânimo para com ele, mas o pecador se esquece das Suas misericórdias e abusa da Sua longanimidade para com ele.

O pecado faz com que o homem se torne escravizado à Sua própria vontade e à de Satanás. Somente o homem que estiver livre da tirania do seu próprio ego e do diabo pode de fato servir a Deus e viver de modo que exerça domínio sobre sua vontade e sobre o diabo, ao invés de ser dominado por ambos.

O pecado produz um estado ruim na alma incompatibilizando-a de ter paz, harmonia e comunhão com o Espírito de Deus. Quando o pecado estiver reinando o Espírito Santo estará entristecido, mas quando é a graça que está reinando o pecado é dominado e vencido pelo Espírito.

O pecado é a causa da aflição, e a causa é pior que o efeito. O pecado traz todo tipo de dano; doença, espada, escassez e todo os julgamentos em seu útero. Apodrece o nome, consome a propriedade e arruína o corpo. Causa motins, divisões e massacres. Por causa do pecado tudo morre no mundo, e o próprio mundo passará pelo juízo de Deus por causa do pecado.

A aflição propriamente dita pode servir de alerta para que nos voltemos para Deus confessando os nossos pecados; e assim, se produz tristeza para arrependimento torna-se em algo proveitoso para nós, porque se transforma num imã que nos puxa para perto de Deus. Assim no meio da adversidade externa pode haver paz interior.

Muitas aflições são o resultado das repreensões de um Pai de amor (Apo 3.9) que visa conduzir-nos através delas ao arrependimento. Nós devemos

304

então aprender a chorar não propriamente pelas nossas aflições, mas pelo que geralmente dá causa a elas que é o pecado.

Assim, os santos podem se alegrar em suas aflições (I Tes 1.6; Hb 10.34), especialmente naquelas que lhes sobrevêm por causa do seu testemunho em favor da verdade divina.

Nós podemos nos alegrar nas aflições, mas não no pecado, de maneira que não podemos nos alegrar naquelas aflições que foram originadas por causa dos nossos próprios pecados. É preciso saber distinguir entre aflições e aflições. Nós podemos e devemos ser gratos a Deus por estas aflições originadas da prática do pecado porque são como sirenes nos alertando para nos arrependermos do mal, e pedirmos humildemente a Deus que nos livre do mal que deu causa às nossas aflições, a saber, neste caso, o pecado.

O pecado é questão de vergonha e aflição e não de alegria (Os 9.1; II Sm 24.10).

Agora os sofrimentos que suportamos por amor a Cristo, tal como os que Jó padeceu em sua paciência, serão transformados numa coroa de glória, porque através deles nós testificamos da nossa fidelidade e obediência à vontade de Deus (Tg 5.2).

Com o pecado ocorre o oposto, porque se transforma a glória em vergonha, tal como ocorreu com os filhos de Eli quando tinham pecado e profanado o sacerdócio deles.

O zelo e a constância dos mártires em seus sofrimentos eternizaram os nomes deles. Quando um crente está sofrendo segundo a vontade de Deus como Pedro, quando estava na prisão (At 12.5) Deus fará com que outros santos intercedam em oração a favor dele. Mas quando um homem peca deliberadamente e de modo escandaloso, ele terá as lágrimas amargas dos santos e somente censuras, e ele se transformará num fardo para os demais (Sl 31.2).

O aguilhão da morte é o pecado (I Cor 15.26), isto é, o pecado é a causa da morte. A morte física faz apenas separação entre o corpo e o espírito, mas o pecado sem arrependimento é uma morte pior porque faz separação entre o espírito e Deus.

O pecado é pior que o inferno porque o inferno foi criado por Deus para juízo do diabo, seus anjos caídos e dos homens impenitentes. Mas o pecado não foi criado por Deus, antes é um monstro

criado pelo diabo. Os tormentos do inferno são um fardo apenas para os pecadores

305

impenitentes, mas o pecado é um fardo para Deus. Como não oraríamos então pedindo a Deus que nos livre do mal que é o pecado?

Necessitamos orar assim porque há pecados de omissão e pecados ocultos que nem sempre conseguimos reconhecer e que por conseguinte não confessamos. Mas tal como Davi devemos também pedir a Deus que nos livre destes pecados.

E devemos fugir não somente dos pecados aparentes, que aparecem, como também de toda aparência de mal. A aparência do bem é muito pequena mas a aparência do mal é muito grande e deve ser evitada a todo custo, porque ainda que algo não seja pecaminoso, mas parece ser pecado, deve então ser evitado. A aparência do mal pode escandalizar a outros (I Cor 8.12).

O pecado original não pode ser erradicado, mas deve ser mortificado. Os pecados irrompem porque não é mortificado o pecado no coração de onde procede todo tipo de mal. As primeiras evidências de orgulho, cobiça, impureza e paixão devem ser suprimidos antes que cresçam subjugando o espírito, a alma e o corpo. A expressão que o mal deve ser cortado pela raiz bem se aplica à mortificação do pecado.

É preciso cultivar o temor de Deus no coração, sabendo que Ele tudo vê e julga, que daremos contas de tudo o que tivermos feito por meio do corpo no Tribunal de Cristo, e isto muito nos ajudará a ter o devido temor de viver no pecado. E isto será saúde para nós mesmos e para muitos outros que forem alcançados pelo nosso bom testemunho.

Aquele que tem o temor de Deus vigia os principais portais da alma que são os olhos e os ouvidos, e também cuida de vigiar os seus pensamentos, porque é por estas portas que o estímulo para o pecado costuma entrar. Um simples pensamento de vingança pode conduzir a um assassinato ou a uma ira e ódio injustificados. Assim a maioria dos pecados são decorrentes da falta de cuidado com a vigilância.

O amor a Deus sendo continuamente cultivado no coração é uma poderosa arma contra a força e insinuações do pecado. O amor pela glória e santidade de Deus fará com que tenhamos um objetivo nobre e elevado em nos cuidar não pecando contra Ele.

Se você deseja ser livrado por Deus do mal mantenha-se então ocupado em Sua obra e você sentirá de perto que é impossível servir a Deus sem santificação. De outro modo seremos hipócritas falando a outros de uma santidade que falta em nós mesmos.

306

Devemos considerar que quando oramos para que Deus nos livre do mal, nós estamos pedindo que Ele nos livre do mal do nosso coração, porque é uma fonte envenenada de onde flui todo tipo de pecados (Mt 7.21). Satanás não poderia prevalecer sobre nós tentando-nos a praticar o pecado se nós não lhe déssemos consentimento em nossos corações. Tudo o que ele pode fazer é colocar a isca, e a nossa falta é mordê-la. Então oremos para que Deus nos livre do mal do nosso próprio coração.

E também, quando fazemos esta oração pedindo a Deus que nos livre do mal nós estamos pedindo para que nos livre do mal de Satanás (Mt 13.19; Ef 6.12; I Pe 5.8; Zac 3.1).

Satanás encheu o coração de Ananias para que mentisse ao Espírito Santo (At 5.3).

E finalmente, quando oramos para sermos livrados do mal, além de orarmos pelo livramento do mal do nosso próprio coração e de Satanás nós estamos orando para sermos livrados do mal do mundo. Em Cristo nós somos livrados do pecado, do diabo e do mundo. A obra de redenção consiste também em nos desarraigar deste mundo mau e tenebroso (Gál 1.4; Tg 1.27).

O mundo está cheio de armadilhas. Companhia é uma armadilha, bem como recreação e riquezas são armadilhas.

A luxúria da carne é beleza e sensualidade; a luxúria dos olhos é dinheiro e o orgulho da vida é fama e honra mundanos; esta é a trindade do

homem natural. O mundo é um inimigo lisonjeiro que nos trai beijando. Os prazeres do mundo são como o ópio que dão ao homem uma falsa sensação de segurança.

É difícil beber o vinho da prosperidade e não ficar embriagado com ele. Por causa da corrupção do pecado original que está nas massas em geral da humanidade, o mundo é mau.

O mundo nunca incentivará portanto que os homens vivam piedosamente e busquem a Deus, e nisto se torna um grande perigo para os crentes que não são como os anjos eleitos, senão pecadores como os seus semelhantes, que terão no mundo um forte atrativo para retornarem ao velho modo de vida, porque o mundo jaz no maligno, e o imenso imã do mundo exerce uma grande atração sobre o imã do pecado que reside na nossa natureza terrena.

Os cuidados terrenos sufocam a semente da Palavra, conforme Jesus nos ensinou na parábola do semeador. E um homem que tem a sua mente

307

ocupada deste modo com as coisas terrenas não consegue se ocupar com as coisas celestiais, espirituais e divinas.

O mundo odeia portanto os crentes (João 15.19) porque eles vivem num plano de vida (espiritual e na luz) que é diferente do plano em que o mundo vive (somente terreno). O mundo odiou a Cristo e também odiará os crentes que são fiéis a Cristo

porque protestam contra o seu pecado, e a luz tanto de Cristo quanto dos crentes não pode ser amada por aqueles que amam mais as trevas do que a luz.

Então nós devemos orar para que Deus nos livre do mal deste mundo mau.

Embora seja ordenado aos crentes que amem os seus inimigos, este (o mundo) é um inimigo que nós não devemos amar (I João 2.15).

E ainda está incluído indiretamente na nossa oração por livramento do mal que também façamos o bem, porque não é suficiente que sejamos livrados do mal, porque isto tem um propósito, conforme já comentamos anteriormente, que é para que possamos fazer progresso em santidade. Ser livrados de pecar não é o bastante, a menos que nós estejamos apegados à virtude. A Bíblia assim une ambos os deveres (Sl 34.14; Rom 12.9; 13.14; Is 1.16,17; II Cor 7.1).

Um homem pode se privar do mal, contudo ele pode ir para o inferno por não fazer o bem, porque toda árvore que não der bom fruto será cortada e queimada (Mt 3.10).

Oremos sempre então para que Deus nos livre do mal, para que possamos abundar no testemunho da prática das boas obras que Ele preparou de antemão para que andássemos nelas.